REVISTA DA SEMANA

Nº 43 ★ 27-10-51

CR$ 4,00 em todo o Brasil



BIBLIOTECA NACIONAL Rio de Janeiro

SOC. HERMES LTDA.

A MAIS IMPORTANTE E PERFEITA ORGANISAÇÃO DE REEMBOLSO POSTAL

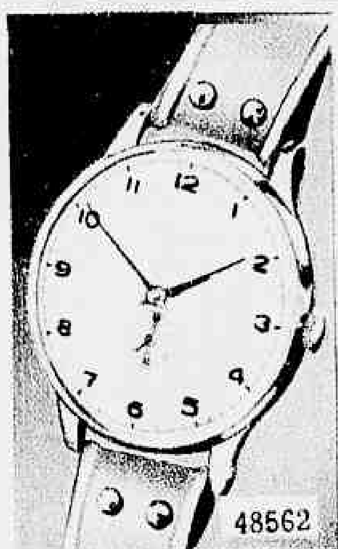
RUA MEXICO, 31 - 12.º And. TEL.: 42-5831

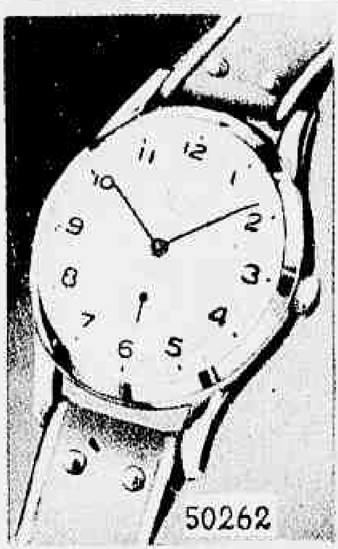
AS VITORIOSAS OFERTAS CONTINUAM

IMPORTAÇÃO PROPRIA DA SUIÇA - CENTRO RELOJOEIRO DO MUNDO

CAIXA POSTAL 3411 - TELEGRAMAS: "GLADIO"

VENCENDO EM TODO BRASIL





48.562 - Bonito relógio suiço, bela apresentação, fundo fosco, máquina suiça, sistema Roskopf c/ 4 Rubis, ponteiro de segundos, artigo de propaganda **168,00**

50.262 - Bonita caixa, fortemente dourada, c/ fundo de aço inoxidável, bôa máquina suiça com 15 Rubis. Oportunidade única! **248,00**

46.062 - Bonito relógio suiço, caixa de bôa apresentação, cromada, fundo fôsco, bôa máquina c/ 4 Rubis, ponteiro central. Oferta de propaganda. Cr$ **158,00**

50.562 - Bonita caixa cromada, fundo de aço inox., bôa máquina suiça, com 15 Rubis, elegante mostrador claro, numeração dourada. Oferta especial Cr$ **255,00**

82.362 - Bonito relógio, caixa folheada a ouro, fundo de aço inoxidável, bôa máquina suiça, c/ 15 Rubis, elegante mostrador claro, cordonet de seda. Certificado de Garantia. Cr$ **378,00**

83.862 - Moderno relógio suiço, caixa e pulseira folheadas a ouro, fina máquina de Âncora com 15 Rubis, amplamente garantida. Vidro lente. Belo adôrno por preço todo especial. Certificado de Garantia. Cr$ **595,00**

55.462 - Modernissimo DATOGRAF! Elegante caixa folheada a ouro, de espessura extra-fina, fundo de aço inoxidavel, superior máquina de Âncora, de precisão, com 17 Rubis, ANTIMAGNÉTICO, rico mostrador claro c/ 2 janelas marcando dia e mês. Ponteiro central, ponteiro indicando dia do mês. Certificado de Garantia. Um belissimo adôrno de grande utilidade! Cr$ **985,00**

36.462 - Modêlo esportivo! Inteiramente cromado, bôa máquina suiça, sistema Roskopf, números e ponteiros luminosos. Oferta de propaganda. Cr$ **118,00**

36.762 - Bonita caixa, cromada, fundo fôsco, bôa máquina suiça c/ 4 Rubis, ponteiro de segundos. Resistente pulseira regulável, de aço inoxidável. Oferta especial. Cr$ **195,00**

36.662 - Modêlo Gigante! Caixa inteiramente cromada, bôa máquina suiça, mostradores variados, luminosos ou não, ponteiro de segundos; com bonita pulseira cromada. Preço todo especial. Cr$ **138,00**

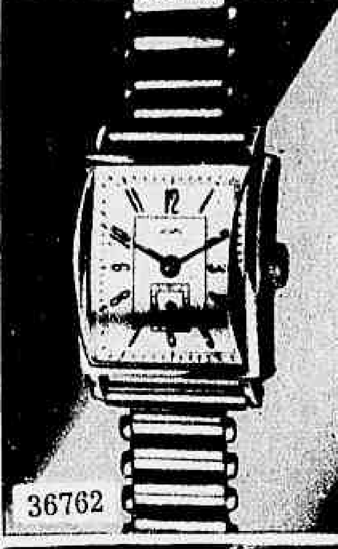
55.162 - Oferta sensacional! Elegante caixa folheada a ouro, espessura fina, máquina de Âncora de precisão, com 15 Rubis, fundo de aço inox., ANTIMAGNÉTICO, ponteiro de segundos. Certificado de Garantia. Preço vantajosissimo. Cr$ **398,00**

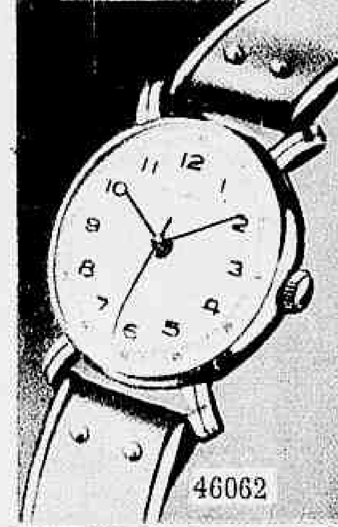
83.362 - Bonito relógio folheado a ouro, fundo de aço inox., bôa máquina suiça, c/ 15 Rubis. Mostrador claro, numeração dourada, vidro lente. Dispõe de pulseira inteiramente folheada. Bela apresentação. Certificado de Garantia. Oferta de propaganda. Cr$ **498,00**

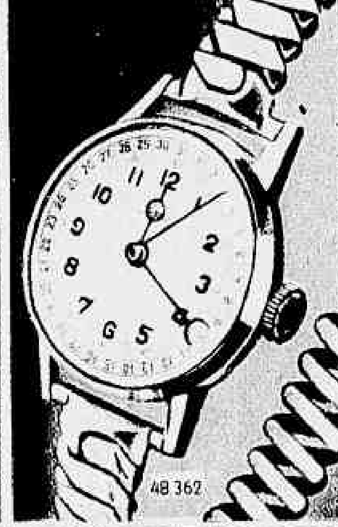
65.662 - Modêlo bonito! Caixa folheada a ouro, fundo cromado, fôsco, bôa máquina suiça, sistema Roskopf, mostradores variados. Cordonet de seda. Cr$ **238,00**

46.462 - Modêlo de rica apresentação! Caixa gigante, esportiva, folheada a ouro, fundo de aço inox., bôa máquina suiça c/ 15 Rubis, IMPERMEÁVEL, ANTIMAGNÉTICO, mostrador claro, numeração dourada, ponteiro central, com moderna pulseira esportiva, folheada a ouro, tipo corrente, c/ mola no centro. Certificado de Garantia. Oferta vantajosissima. Cr$ **438,00**



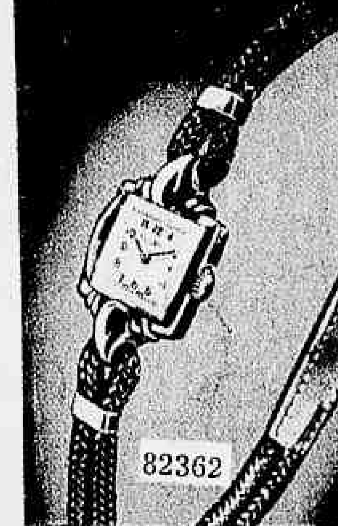


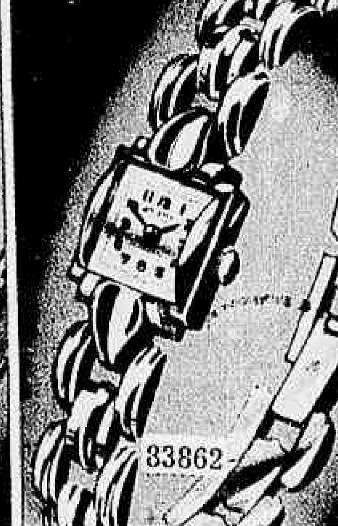


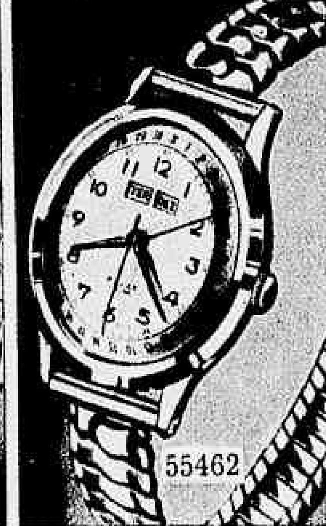


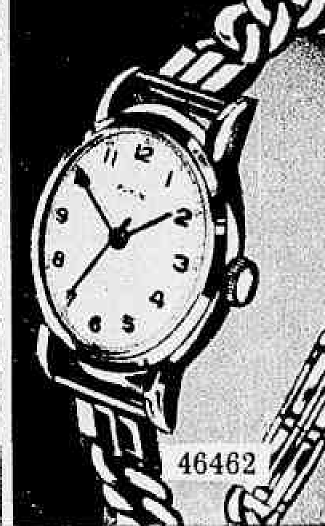


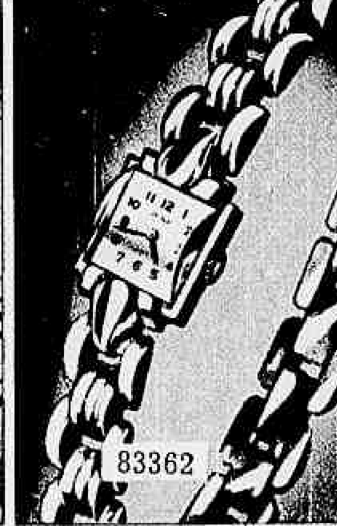


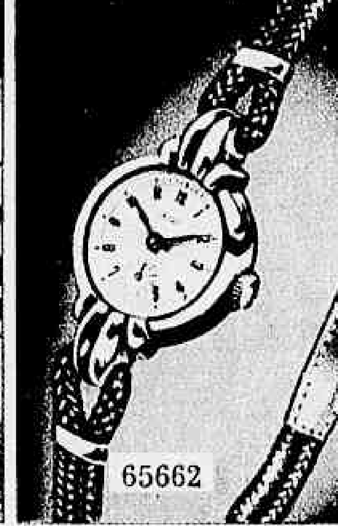


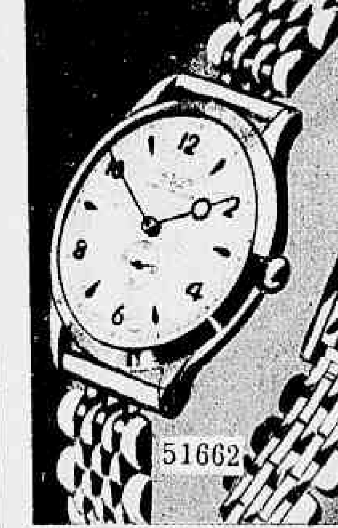


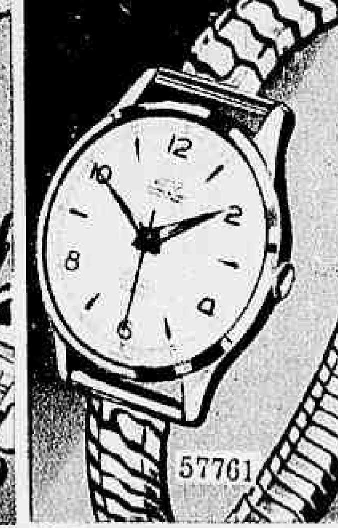












51.662 - Apresentação belissima! Caixa tamanho "gigante", folheada a ouro, fundo de aço inoxidável, bôa máquina suiça c/ 15 rubis, ANTIMAGNÉTICO, com elegante pulseira folheada a ouro, de superior qualidade. Certificado de Garantia. Uma bela joia por preço especial. Cr$ **438,00**

57.761 - Relógio AUTOMÁTICO! Caixa tamanho "gigante", folheada a ouro, fundo de aço inoxidável, máquina finissima de Âncora, de precisão, com 15 Rubis, AUTOMÁTICO (da corda a si mesmo), ANTIMAGNÉTICO, INCABLOCK, mostrador claro, numeração dourada em alto relêvo, ponteiro central. Moderna pulseira estensivel, tipo Royal, folheada a ouro, de qualidade superior. Certificado de Garantia. Cr$ **890,00**

47.162 - Modêlo "Gigante"! Grande caixa, inteiramente dourada, reforçada, com máquina suiça, sistema Roskopf, com dispositivo para medir TEMPO e DISTANCIA. Preço de propaganda. Cr$ **218,00**

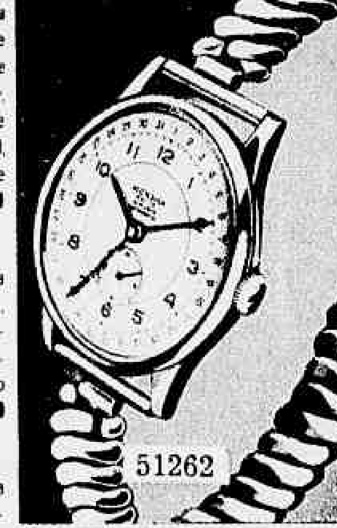
10.662 - Relógio de bolso, inteiramente cromado, boa máquina suiça, sistema Roskopf, oferta especial **98,00**

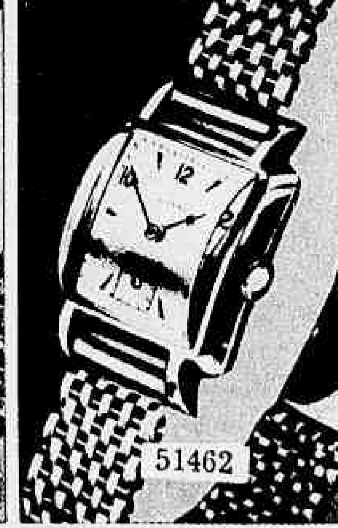
51.262 - Calendario! Indica hora e dia. Caixa folheada a ouro, de fina espessura, fundo de aço inox., superior máquina de Âncora de precisão, com 15 Rubis, ANTIMAGNÉTICO, mostradores claros, variados, c/ excelente pulseira estensivel, folheada a ouro, tipo Royal, fundo de aço inoxidável. Certificado de Garantia. Cr$ **628,00**

51.462 - Elegante modêlo, caixa folheada a ouro, fina máquina suiça com 15 Rubis, ANTIMAGNÉTICO, mostrador claro, com numeração dourada, ponteiro de segundos, bonita pulseira folheada. Fornecido com Certificado de Garantia. Cr$ **375,00**

12.962 - Relogio c/ corda de 8 DIAS! Caixa fortemente cromada, superior maquina de precisão, com 15 Rubis, corda de 8 dias, mostrador esmaltado, 2 tampas protetoras. Certificado de Garantia. Cr$ **475,00**

11.562 - Despertador de bolso! Forte caixa inteiramente cromada, boa maquina suiça, sistema Roskopf, c/ 7 Rubis, numeração luminosa, toque agradável. Dispositivo para colocar na mesa. De grande utilidade. Preço vantajoso. Cr$ **250,00**









ATENDE-SE COM PRAZER AO BALCÃO

SOC. **HERMES** LTDA.

RIO DE JANEIRO

R. MEXICO, 31 - C. P. 3411 - TELEGR. "GLADIO"

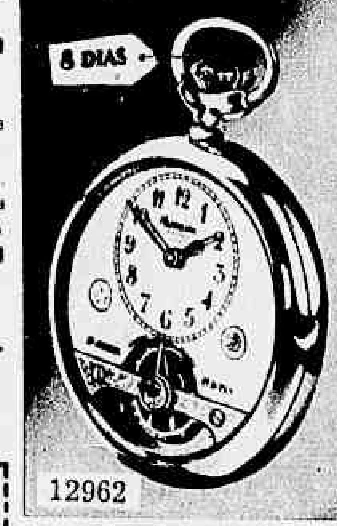


CUPOM RS

NOME ______

RUA ______

CIDADE ______ ESTADO ______





ENVIE-NOS ESTE CUPOM JUNTO COM SEU PEDIDO DE RELOGIOS E RECEBERÁ GRATIS ESTA AGENDA DE 1951

PEÇA OS NOSSOS CATALOGOS COLORIDOS DE RELOGIOS, BIJOUTERIAS, JOIAS, ARTEFATOS DE COURO E OBJETOS PARA PRESENTES

É CEZAR LATTES QUEM DIZ:



CÉSAR LATTES mostrando chapas fotográficas de raios cósmicos a uma alta patente da Aeronáutica. Na foto menor, o jovem cientista brasileiro, em companhia de sua exma. espôsa, senhora Marta Lattes, quando chegavam ao Rio, vindos dos Estados Unidos.

PODEREMOS TER BOMBA ATÔMICA

DO SACOPÃ AO MINISTÉRIO DA MARINHA ★ O SEGRÊDO QUE SE DESFEZ ★ A ARGENTINA VAI NA FRENTE ★ A VIDA DO JOVEM CIENTISTA ★ SIMPLES COMO OS SÁBIOS.

Reportagem de ABDIAS RODRIGUES

QUANDO se falou na criação do Centro Brasileiro de Pesquisas Físicas, para pesquisas atômicas, os pessimistas botaram a bôca no mundo, dizendo que o Brasil jamais produziria energia atômica. Pois bem. Apesar de tudo, o Centro foi criado e hoje podemos afirmar que já produz energia atômica e que espera aumentar a produção, assim chegue o primeiro *ciclotron*, já adquirido na Holanda.

Não estamos aqui para fazer alarde do pouco que possuímos, mas nem por isso nos privamos de dizer que *"tudo o que é grande nasceu pequeno"*. Em verdade, não podemos fazer confrontos com os Centros de Pesquisas dos grandes países. Mas o que já temos e as perspectivas de progresso dão bem uma idéia do que poderemos alcançar.

No princípio era apenas uma idéia, que pouco a pouco tomou fundo e forma. Um jovem cientista patrício — César Lattes — tornou-se famoso em todo o mundo, quando, estudando na América do Norte, descobriu o *Meson Artificial*. Os Estados Unidos, a Inglaterra e a França o disputavam. Lattes, entretanto, como patriota, optou pelo Brasil. Veio com a idéia de fundar um centro de pesquisas físicas. E assim fêz. Defrontou-se com enormes dificuldades. Era preciso aparelhagem, técnicos e cientistas. E tudo isso requeria muito dinheiro. Elaborou o Estatuto da nova organização e a classificou como sociedade civil, que teve como sede provisória o prédio número 40, da Avenida Presidente Vargas, e depois o 21º andar do edifício número 21, da rua Alvaro Alvim.

A sua atitude arrojada mereceu logo o apoio incondicional da imprensa. O sr. João Alberto sustentou o Centro durante os primeiros meses. Começaram a surgir adesões. O sr. Mário de Almeida ofereceu 500 mil cruzeiros para que fôssem iniciadas as obras no primeiro prédio. O sr. Euvaldo Lodi, pelo Sesi, deu 400 mil cruzeiros e, desde então, vem concorrendo com 100 mil por mês. A Câmara Municipal do Distrito Federal votou 5 milhões; e, por proposta do então deputado Juscelino Kubistschek, a União votou, em 1949, 2 milhões de cruzeiros.

Assim, foi, finalmente, adaptado o primeiro prédio. O Escritório Técnico Paulo Assis Ribeiro ofereceu 10 mil cruzeiros para aquisição de móveis; a Metalúrgica Matarazzo S.A. contribuiu com outros 10 mil. O Departamento de Física da Universidade Católica também auxiliou; o Gabinete de Exames Periciais cedeu alguns dos seus microscópios. E assim ia-se aparelhando o Centro, até que veio o novo Govêrno.

O Presidente Getúlio Vargas — disse-nos César Lattes — tem-se mostrado interessado nas pesquisas atômicas.

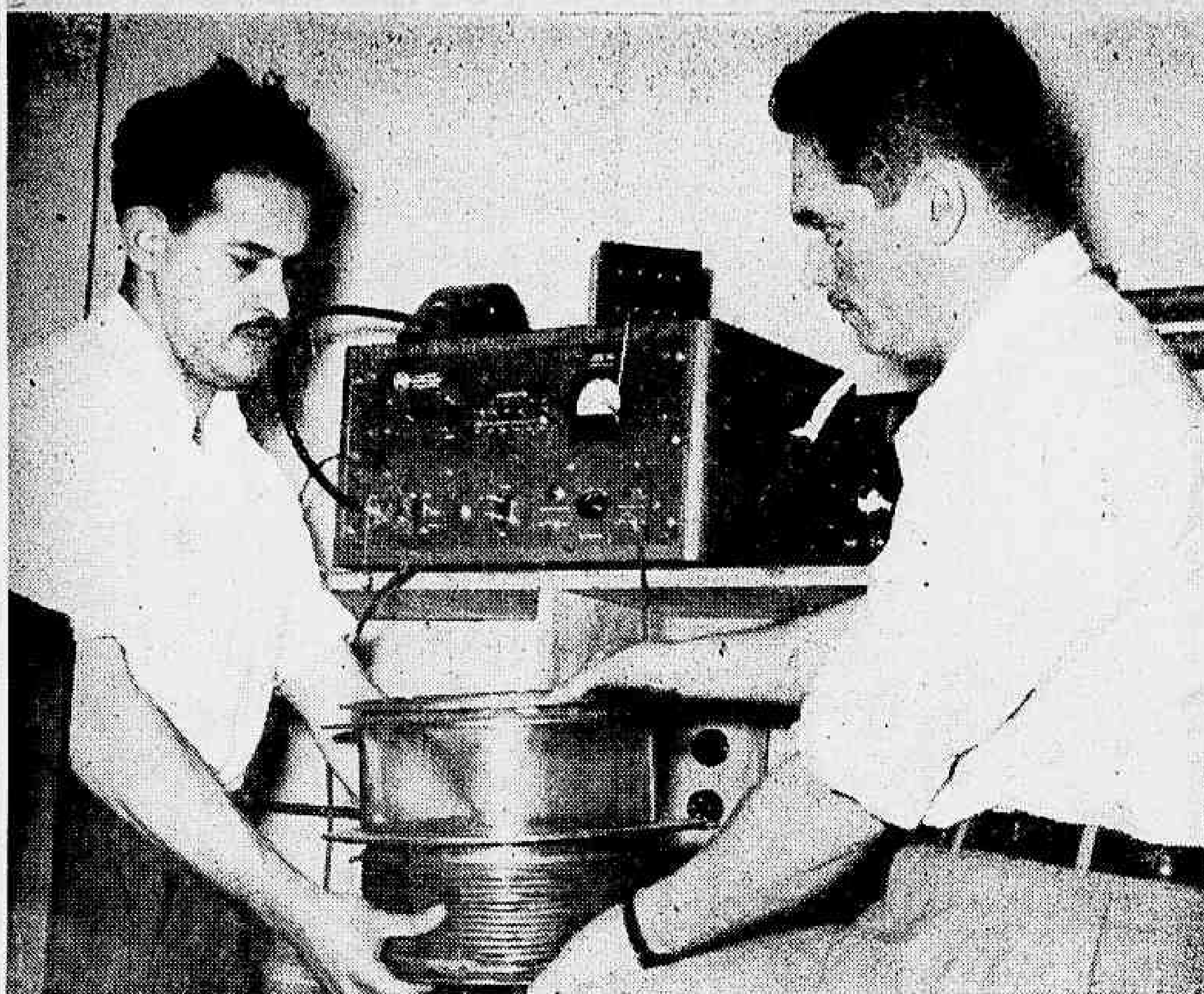
— "Expus a S. Excia. o que o Centro tem feito e o que precisa para cumprir melhor a sua finalidade e logo fomos beneficiados, pois, com a criação do Conselho Nacional de Pesquisas, temos assegurada a verba de 3 milhões de cruzeiros por ano. Ainda por intercessão do Presidente Vargas o Ministério da Educação e Saúde dará 1 milhão de cruzeiros. Com outras subvenções que temos, perfaz 31 milhões de cruzeiros a verba do Centro. Novos aparelhos deverão chegar em breve. Com a aquisição do *Ciclotron* holandês, cuja negociação está ultimando-se, por 15 milhões de cruzeiros, passaremos a produzir energia atômica."

Perguntamos ao prof. César Lattes quanto seria preciso para montar um Centro, capaz de produzir energia atômica em grande quantidade e êle prontamente:

— Trinta milhões de cruzeiros logo de saída. E mais 10 milhões por ano, garantidos.

— Quer dizer que, com um Centro bem equipado, o Brasil poderá produzir bomba atômica... não é verdade?

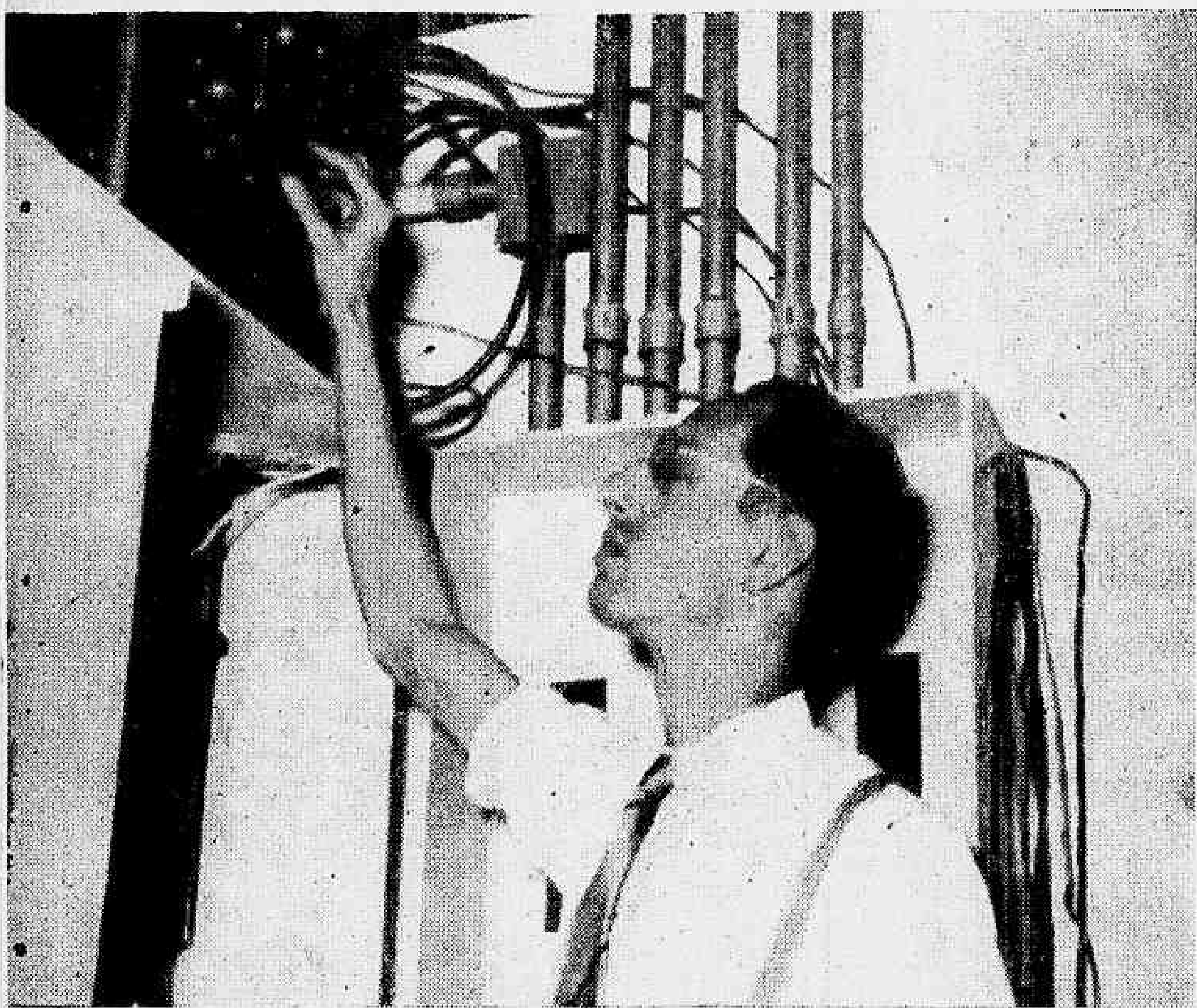
— Bomba atômica e submarinos atômicos — res-





O PROFESSOR SALMERON, à direita, trabalhando auxiliado pelo seu ajudante, na montagem de uma câmara de Wilson, tudo em função das pesquisas atômicas.

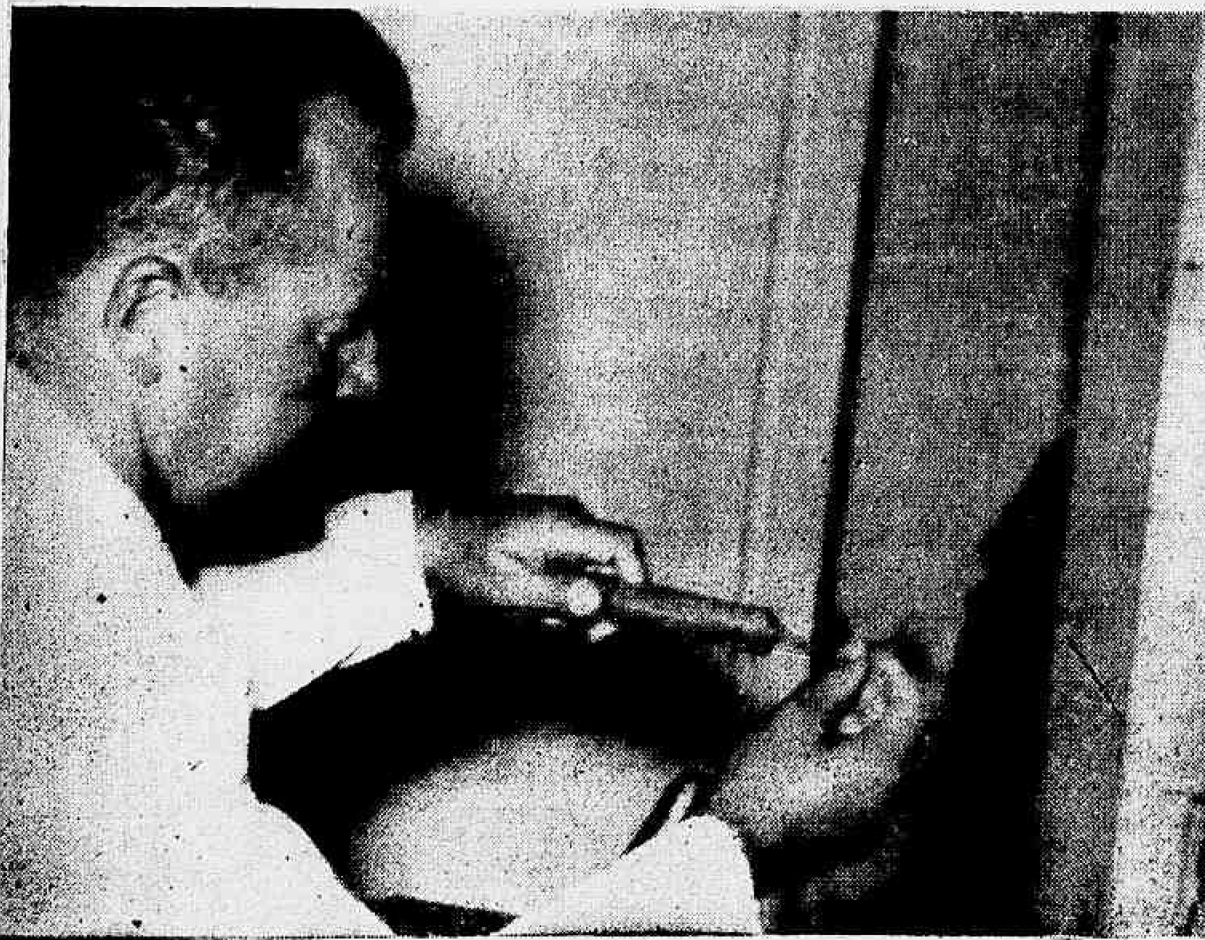
SEÇÃO ELETRÔNICA, vendo-se à esquerda o prof. J. Leite, e à direita, o prof. Hepp, cada um dêles com sua tarefa científica na conjugação geral das pesquisas.

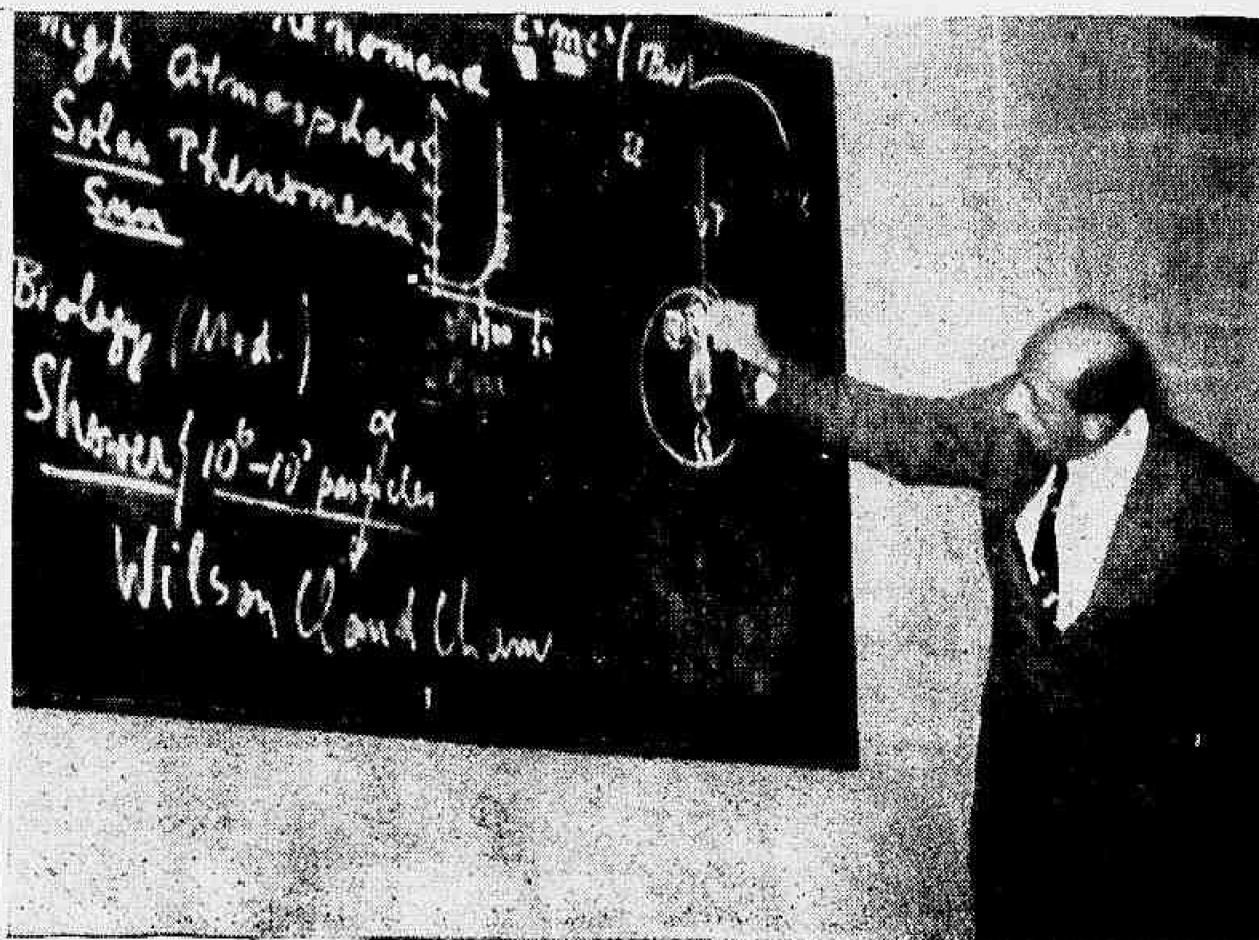




PELA ATITUDE de grande abstração e atenção absoluta, que nos mostra esta foto, bem se pode imaginar com que técnica se luta nesta seção eletrônica.

UM DETALHE da riquíssima biblioteca do Centro, cujas obras constituem imenso cabedal de conhecimentos científicos girando em tôrno da energia atômica.

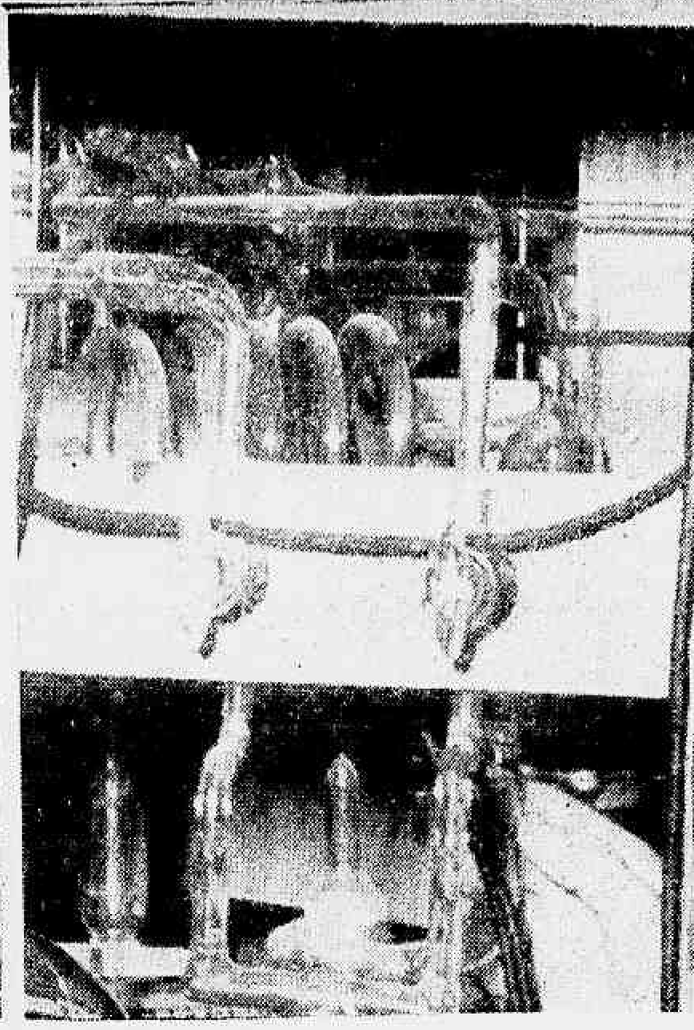




UM TECNICO que se dedica de corpo e alma, à fabricação de pilhas atômicas. A pesquisa da energia nuclear exige profundos conhecimentos e muita paciência.

UMA AULA do prof. Scheim, de Chicago, sôbre energia atômica. O repórter assistiu à mesma, durante algum tempo, fixou o flagrante, mas não entendeu nada.







ATRAVÉS do eletroscópio o técnico examina as chapas fotográficas obtidas em aparelhos de grande precisão. O trabalho de equipe é a base da pesquisa atômica.

DETALHE de um aparelho de «auto-vácuo», diante do qual o homem luta para desvendar os segredos mais íntimos da Natureza da matéria em seus movimentos.

pondeu o cientista; e acrescentou: "Ao Brasil não interessa, no momento, fabricar bomba atômica. O que lhe convém é produzir energia atômica. O próprio Presidente Getúlio Vargas não está interessado na fabricação, agora, da bomba atômica.

— Quer dizer que já não é segrêdo a sua fabricação?

— Não. Não há segredos invioláveis... E' já conhecida a fórmula da bomba atômica. Acontece, entretanto, que a sua fabricação custaria quase duas vêzes o orçamento da União. Só paises como os EE. UU. e a Rússia podem fabricá-la, atualmente. Do que se sabe, a última que os EE. UU. fabricou custou-lhes 2½ bilhões de dólares. Em síntese, a fabricação da bomba atômica não é mais do que o aperfeiçoamento de certas particulas, que vamos começar a produzir assim chegue o nosso *Ciclotron*. Mas, de qualquer forma, até há pouco tempo o Centro era um sonho, agora é uma realidade. Daí, quem sabe, talvez em futuro próximo possamos fabricar bombas e submarinos atômicos.

— A propósito... A Argentina possui, de fato, a bomba atômica?

— Não.

— Mas... Peron anunciou que a possui!

— Anunciou que possui energia atômica e não bomba atômica. A Argentina e o Brasil são os únicos países da América do Sul decididamente interessados no aproveitamento da energia atômica. A Argentina vai em nossa frente, porque começou primeiro as suas pesquisas. Como se sabe, desde a guerra que vem arregimentando cientistas e comprando material. Nós começamos há pouco; estamos ainda com deficiência de gente e de material. Mas, agora, com o decidido apoio do Govêrno, esperamos, em breve, suprimir tôdas as dificuldades e ser a "Cabeça da América do Sul" e não o rabo, como disseram certa vez.

"Estamos sempre em contato com o Conselho Nacional de Pesquisas, cujo presidente — almirante Álvaro Alberto da Mota e Silva — é também o Vice-Presidente do Centro; com a Divisão de Comunicação da Marinha, com a Escola Técnica do Exército e com o Instituto de Manguinhos.

"Mantemos intercâmbio com os grandes centros científicos do mundo e, por intermédio da UNESCO, muitos cientistas têm vindo dar aulas e fazer conferências no Brasil."

★

Como todo cientista, César Lattes é avesso a publicidade. De modo que esta entrevista foi feita dentro do seu automóvel, a 80 quilômetros por hora, do Sacopã, onde reside, ao Ministério da Marinha, onde ia almoçar. Em Botafogo houve uma freiada brusca. Assustamo-nos, um pouco. Mas o professor nos tranquilizou, dizendo:

— "Não se preocupe... pior do que o trânsito do Rio é o do México... e eu já dirigi lá sem acidentes."

Em vinte minutos chegamos ao Ministério da Marinha. E enquanto o cientista almoçava com os almirantes, e falava, naturalmente, sôbre submarinos atômicos, chegávamos ao Centro Brasileiro de Pesquisa Física, na Avenida Pasteur, nos fundos da Universidade do Brasil.

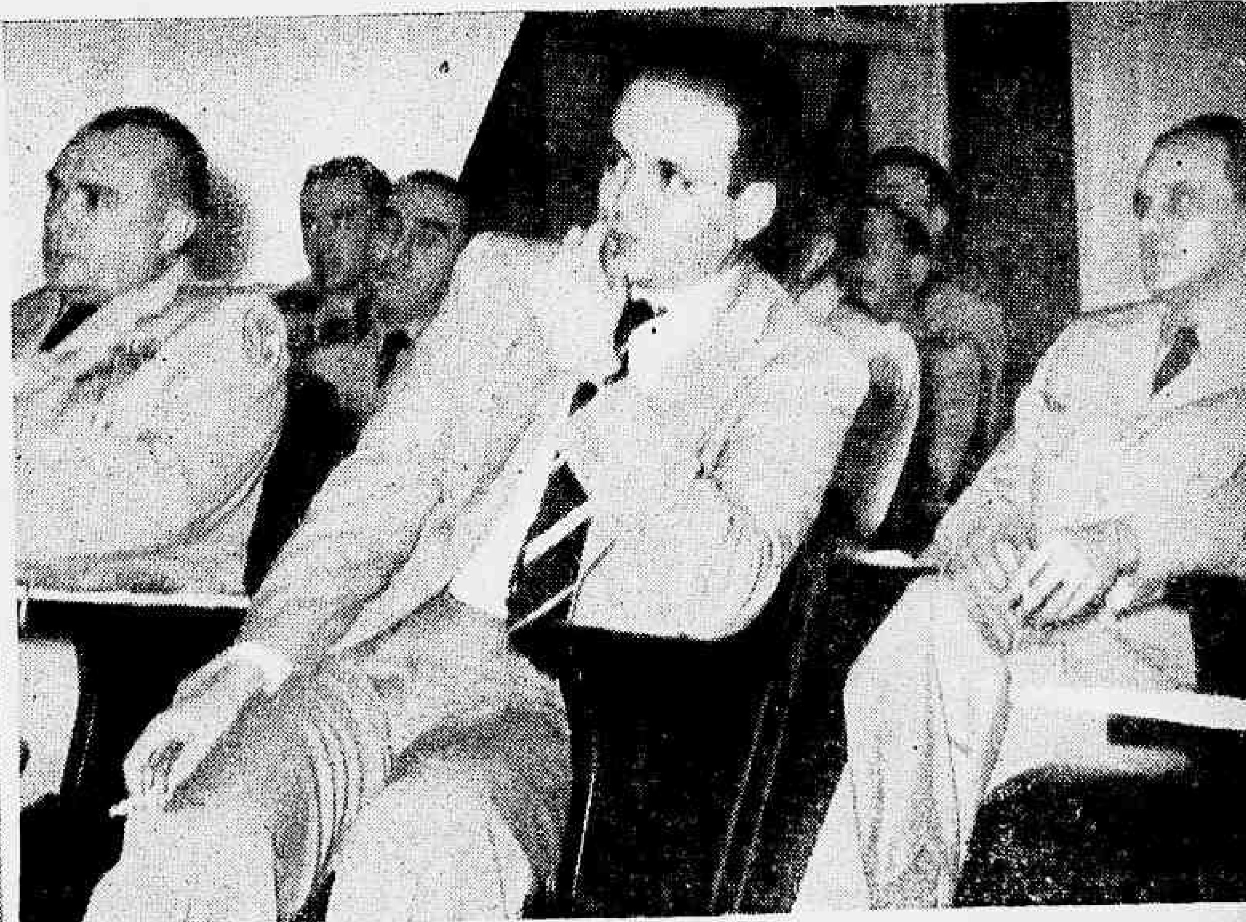
O sr. Nelson Lins de Barros, secretário geral, mostrou-nos todo o pavilhão, acrescentando que



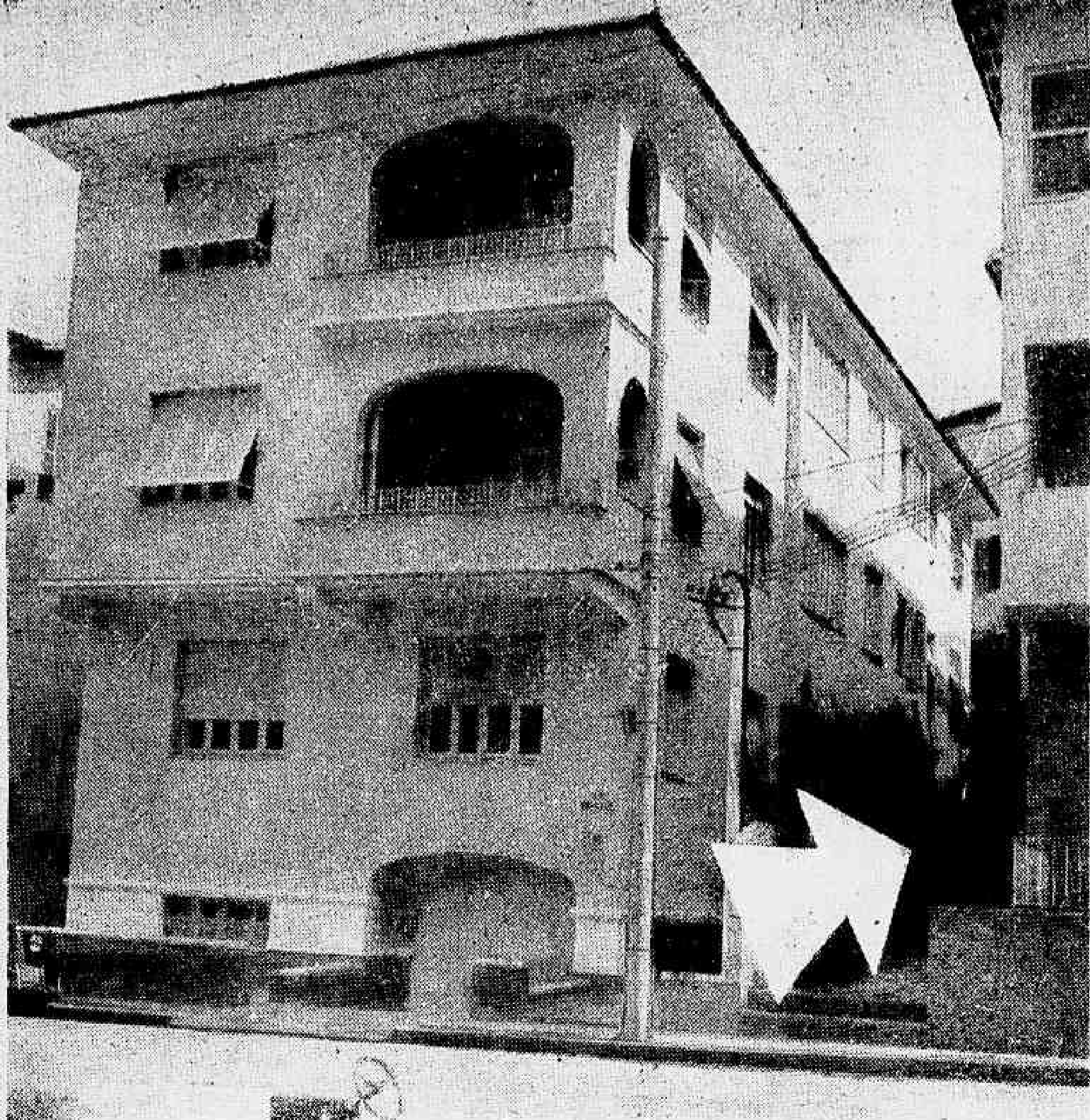
OUTRO DETALHE do complicado aparelho gerador de auto-vácuo, nos laboratórios visitados pela REVISTA.



O PROF. CÉSAR Lattes é aqui um mestre: expõe teorias científicas, fala desembaraçadamente, esclarece, apresenta resultados e dá, por fim, esclarecimentos.



AQUI, CÉSAR Lattes é aluno: atento como bom discípulo, ouve outros professôres, todos êles unidos pelo mesmo ideal: dotar o Brasil de energia nuclear.



NO APARTAMENTO térreo, na parte anterior do edifício, mora um sábio: Cesar Lattes, jovem brasileiro que se entregou, há muito, aos mais profundos estudos.



CAROLINA, A PRIMOGÊNITA de César Lattes, em seu bercinho móvel, mal sabe que está a viver num ambiente onde impera a ciência a serviço da pátria.

outro maior está sendo construido na Cidade Universitária e que é pensamento de César Lattes fundar em algum lugar no Estado de Minas Gerais a "Cidade Atômica".

No primeiro pavimento encontram-se as seções de Raios Cósmicos; de Microscopia, a cargo da professora Elisa Frota Pessoa; de Alto-Vácuo, chefiada pelo dr. Helmut Schwarz; a Câmara de Wilson, dirigida pelo prof. Roberto Salmeron; seção de Eletrônica, sob a orientação do prof. Mário Amoroso Anastácio, coadjuvado pelo prof. Gerard Hepp; Laboratório de Química; duas Câmaras escuras, uma para chapas nucleares e outra para microfilmes; sala para a instalação do *Ciclotron;* Oficina Mecânica; Administração e Almoxarifado.

No segundo pavimento: gabinete para a direção científica; gabinete para trabalhos individuais dos técnicos e cientistas; salas de desenho técnico; salas de aulas; salão para reunião e Biblioteca.

Além dos professôres citados, o Centro conta ainda com o concurso dos professôres Neusa Margen, especialista em microscopia; Maurícia Matos Peixoto, matemático da Escola Nacional de Engenharia; Leopoldo Nachbin, também matemático da Universidade do Brasil; Jayme Tiomo, física nuclear, da Faculdade Nacional de Filosofia; José Leite Lopes, física teórica, da Faculdade Nacional de Filosofia; Ugo Camerinni, física nuclear, chegado há pouco tempo de Bristol, Inglaterra; Marcel Schein, da Universidade de Chicago, especialista em raios cósmicos; prof. Feynnan, física teórica, americano, tendo vindo, juntamente com o prof. Schein, a mando do Departamento de Estado Americano; Guido Beeck, física teórica, da Argentina; e José Occhialini, diretor de física em Gênova, que veio sob os auspícios da UNESCO.

★

Falando sôbre raios cósmicos, numa conferência secreta no Estado Maior da Aeronáutica, onde compareceram todos os oficiais, inclusive o brigadeiro Vasco Alves Sêco, chefe do Estado Maior daquela corporação, disse o prof. Marcel Schein, coadjuvado por César Lattes:

— "Raios cósmicos é o nome dado a uma radiação de grande penetração e que, aparentemente, chega à terra proveniente de tôdas as direções.

"A existência dessa radiação foi assinalada pelas descargas de electroscópios no ar livre, sem qualquer influência ionizante. Influência ionizante é aquela exercida pelos grupos formados por protons e electrons, que são deslocados de suas moléculas neutras e adquirem carga positiva ou negativa; a êsses grupos dá-se o nome de "ion".

A formação do ion exige uma quantidade mínima de energia. Verificou-se também que a quantidade de descargas aumentava, à proporção que o electrocóspio era elevado a maiores altitudes.

Aparentemente, a atmosfera absorve uma boa quantidade dos raios, porém, traços dos seus efeitos persistem à profundidade de dois a três metros, seja na água ou em terra .O professor R. A. Millikan e seus colaboradores, que fizeram um

O SABIO brasileiro gosta de um cafèzinho; mas, paranaense que é, não dispensa também seu chimarrão, como vemos pela presença da cuia e da respectiva bomba.



CÉSAR LATTES não tem chofer. Êle mesmo dirige seu carro. E que volante! Para não perder tempo, o prof. Lattes parece querer fazer descobertas com o motor.



intenso estudo dos raios cósmicos — sua distribuição e absorção — acharam que os raios têm, aproximadamente, a mesma intensidade em qualquer parte da esfera celeste e que, como a atmosfera que êles travessam em um meio absorvente, mostram evidência de absorção variável.

O professor A. C. Compton, bem como muitos físicos, exposou o ponto de vista de que os raios são influenciados pelo magnetismo terrestre, e, provàvelmente, são em parte verdadeira radiação, e em parte corpúsculos, semelhantes às emissões radioativas.

E, efetivamente, é nos raios cósmicos que foram observados, em 1932, o "positron" (massa 1 e carga positiva) e os "mesons", de massas 216 e 285 respectivamente, com cargas positivas e negativas.

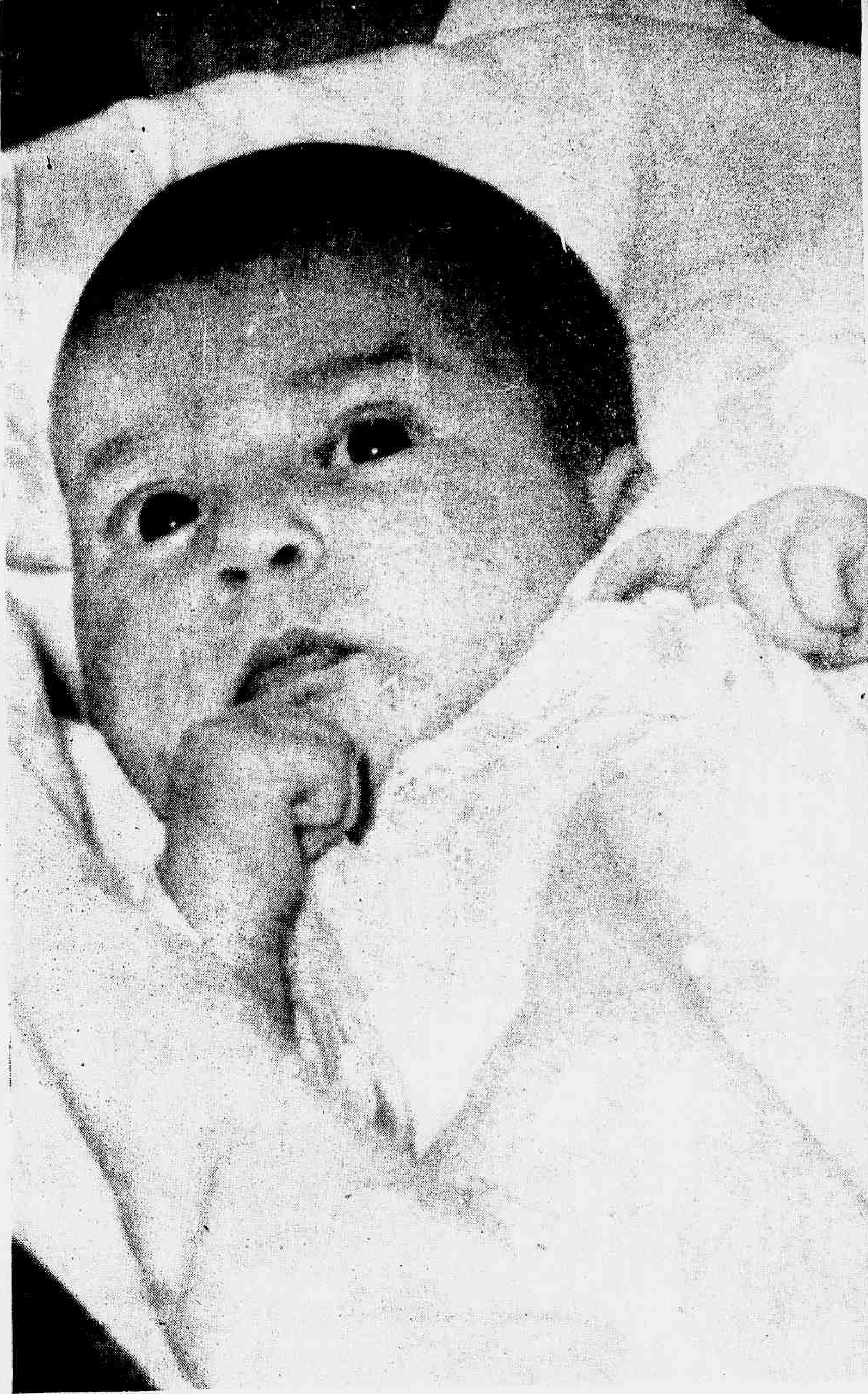
Citar o corpúsculo "meson" é citar César Lattes, o ilustre físico brasileiro e de renome mundial, e C. Anderson, colaborador de Lattes. Êsses cientistas muito têm trabalhado na física dos "mesons".

Entre os vários detentores de raios cósmicos, o mais comum é o electroscópio. O dr. T. H. Johnson é o autor de um aparelho para registrar a trajetória de uma partícula cósmica simples.

Na bomba V2 foram adaptados aparelhos para registrar a trajetória dos raios cósmicos e o fizeram em altitudes de 160 a 180 km.

Atualmente é impossível determinar se a partícula cósmica é parte dos raios ou o resultado da ação dos mesmos sôbre as moléculas da atmosfera. Durante muito tempo não se sabia a verdadeira proveniência dos raios, mas estudos recentes indicam que, ao menos uma parte, é proveniente do sol.





CAROLINA não tem um mês de idade, mas dir-se-ia que medita sôbre a missão da mulher na era atômica. Sua mamãe, senhora Marta Lattes, pernambucana, é professôra de matemática. Prefere que a energia atômica seja empregada em fins científicos. Agora, porém, está por conta de Carolina. Ela, como o espôso, não gosta de publicidade. Se não foi fácil ao repórter colher os dados para o texto, «emboscando» o prof. Lattes por todos os lados, na hora dos flagrantes a resistência era «atômica». Quando o repórter, cansado todos os argumentos, disse-lhe: «Se eu não obtiver uma foto da senhora e da menina, perderei meu emprêgo», ela replicou: «Que tenho eu com isso?». Mas, afinal, entregou a garotinha à objetiva. Nem a energia atômica conseguirá destruir a sensibilidade da mulher brasileira.

Verificou-se, ainda, que uma parte da massa total dos corpúsculos cósmicos é constituída de núcleos de átomos variáveis, desde o carbono até o molibdeno, sem os seus electrons satélites, isto é, com carga positiva.

Experiências têm sido realizadas para verificar se procedem das estrêlas, meteoros, etc., mas sem sucesso.

Millikan apresentou a teoria seguinte: Os raios (alguns ao menos) são provenientes da síntese de certos tipos de átomos dos espaços siderais e representam a "massa excedente" da energia dêsses átomos, de acôrdo com a equação de Einstein $E = mc^2$.

No Brasil, o professor Wataghin, da Universidade de São Paulo, fêz vários trabalhos sôbre os raios cósmicos e, neste momento, é também para êles que se acham voltadas as nossas vistas."

DADOS BIOGRÁFICOS

Cesare Mansueto Giulio Lattes, o segundo dos dois filhos de Giuseppe Lattes e Carolina Maroni Lattes, nasceu a 11 de julho de 1924, em Curitiba, Estado do Paraná, Estados Unidos do Brasil. Seu irmão Davide Lattes é engenheiro-construtor.

Quando criança, César Lattes cursou, em Curitiba, a Escola Americana, de 1930 a 1932. Fêz o curso ginasial no Instituto Médio Dante Alighieri,

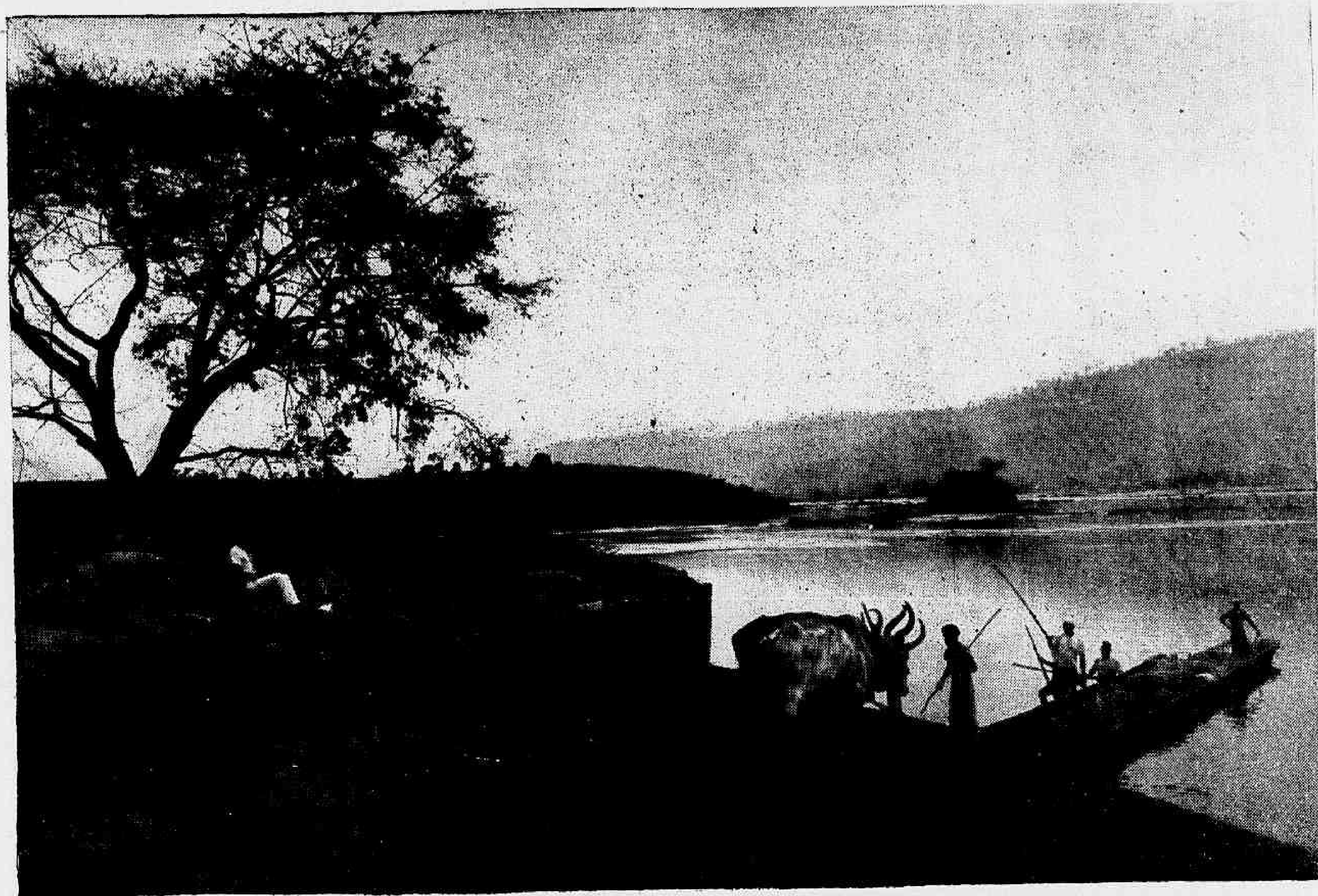
(Cont. na pág. 54)

COLIGAÇÃO CARIOCA



— VOCÊ, PIMPINELA, ESTRANHANDO A PALHAÇADA?!
— CLARO! EU SOU PALHAÇO, MAS NÃO SOU DESSE CIRCO...





Vilarejo

DUAS estradas se cruzam, largas, poeirentas, fingindo de rua, com o formato de uma cruz gigantesca, cujos braços se alongam subindo e descendo coxilhas, refletindo, em seu símbolo, o abandono, a miséria, a tristeza que invadem a vila.

Entre os braços da cruz avermelhada abriga-se um casario esparso, meio vivo, meio morto, que nem êsses velhinhos de abrigo. Casas manchadas, envelhecidas sob o sol e sob a chuva, com árvores de sombra que crescem nem sei como e cêrcas de ripa que se desfazem e deitam sôbre as guanxumas que tomaram conta do jardim esquecido.

Quando há sol e flores, é um lindo lugar. É como casa de pobre, depois de limpa e arrumada. Há um movimento pela estrada e um vai-e-vem de gente que não chega na vila. Passa apenas. E olha. E acha bonito tanto sol e tanta flor. Mas, nem pensa em parar, ficar, e refazer a vida entre aquêle sossêgo que achava delicioso.

Uma casa de material e dez de madeiras desconjuntadas que estalam à noite, como se os fantasmas da sujeira, da doença e da fome andassem na ponta dos pés, vigiando o sono inquieto do pobrerio que mora lá dentro.

Vilarejo que parece uma pintura de sol e céu para quem passa de auto, muito às pressas, mas que é tão triste quando o sol descamba e o vento frio uiva nas frestas!

Quem passa vê a imagem, apenas. E nesse rápido olhar, com que só apanha o efeito das côres e da luz andarilha, não poderia, mesmo, enxergar o fundo do vilarejo. Vê só a cara. Não vê o coração. O sorriso dêle é a casa de material, subida na colina, parecendo receosa de misturar-se ao casario. A alma, o fundo, o amargor da vila, é o casario espalhado à beira da estrada vermelha, abrigando mal e mal crianças com fome e homens e mulheres com olhos no infinito, enxergando o passado, o presente e o futuro de misérias. O que há no fundo da alma da vila é o chôro contínuo dos que têm fome e frio, que nasceram e vão morrer sempre soluçando de fome e de frio. Nascem assim. Morrem assim. É o fundo amargo da alma da vila.

Quem passa, acha bonito o sorriso da casa amarela olhando o casario do alto da coxilha e acha sórdido o escuro das casas de madeira enfeiando a paisagem. Quem passa, imagina logo como ficaria diferente aquêle pedaço de campo ondulado se houvesse apenas a casa amarela. Enxergam apenas o colorido. Não vêem nunca a alma, a angústia, a fome da vila escondida dentro dos ranchos.

Pobre do vilarejo, feito velhinho de asilo, morrendo um pouco cada dia.

Vilarejo que é tal e qual casa de pobre. Limpa e arrumada, com guardanapos guarnecidos de crochê. Bom de olhar, só. E depois passar bem depressa.

THEREZA DE ALMEIDA

SUMARIO

REPORTAGENS

Poderemos ter bomba atômica (Abdias Rodrigues) 3/7
O que é a guarda-civil de São Paulo (Domingos De Lucca) 27/28
JUIZES, êsses ladrões (Levy Kleiman) 55/57

HUMORISMO

Coligação Carioca (Théo) 8
Êste mundo e o outro (Darcy) 23

LITERATURA

Vilarejo (Thereza de Almeida) 9
A semana literária (Edmundo Lys) 16/17
O diário de um homem comum (Leiva L. Borba) 38

SEÇÕES PERMANENTES

Semana em Revista 10/11
Personagem da semana 11
A Saúde do bebê (Dr. Saboia Ribeiro) 44
Palavras Cruzadas (Renato Cartacho) 48
Tudo isto aconteceu 52/53
A REVISTA há 50 anos 58
Puxe pelo cérebro 12

TEATRO

Ensaio em Família 20/22

ROMANCE

A Insatisfeita (Irene Temple-Bailey) 24/25

FOLHETINS

Romance no Hudson (Fim) 26
O preço de um crime 35

EXTRA

O Diário de James Forrestal 32

FEMININAS

Nossos irmãos inferiores (Lyse) 39
Listras 39
Figurinos de Ramon 36/37
Sugestões 40/41
Week-End na Cozinha 42/43

CINEMA

Outra Primavera (Cine-novela) 46/47

FOTOS

Dario Terini — Abdias Rodrigues — Nódgi — José Santos — Avulsas.

ILUSTRAÇÕES

Orval — Jerônymo Ribeiro

NA CAPA



Amanda Blake

(Foto Columbia)

A SEMANA

MUDANÇA DA SEDE DA REPÚBLICA



PASSOU por Belo Horizonte, em começos de outubro, o general Poli Coelho, presidente do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. A reportagem local procurou inteirar-se dos motivos dessa viagem e soube que o general se dirigia ao planalto de Goiás com o fim de prosseguir nos estudos necessários à mudança da capital federal para aquela zona. Como vemos, a velha idéia pré-republicana para dar ao Brasil uma sede nacional no interior, saindo a cidade-cabeça da margem do Atlântico, continua a ser objeto de preocupações dos nossos homens públicos. O presidente Dutra chegou mesmo a dizer que desejava promover a mudança da capital da República antes de deixar o govêrno. Mas, como todos sabemos, não se pode fazer uma mudança dessas com a mesma facilidade com que mudamos a Prefeitura de uma casa para outra. A futura capital federal lá nos alcandores do planalto goiano exige despesas consideráveis. Imagine-se que tôdas as repartições federais serão transportadas para lá, pessoal, móveis, arquivos, tropa, etc. Mas, francamente, valerá a pena. No dia em que o Brasil tiver sua capital num ponto central, os mais salutares reflexos de civilização invadirão o interior do país, acabando-se com o privilégio prejudicial de que sòmente na orla do mar se ache meio de viver e progredir. O Brasil precisa "descobrir-se novamente". E uma das mais poderosas razões será essa a que se refere o general Poli Coelho, executando ordens do Sr. Presidente da República.

AGORA É O EGITO

AINDA não serenaram de todo os ânimos entre a Inglaterra e o Irã, no caso das refinarias de petróleo em Abadan, e já entra na liça o Egito, agitando a questão do Canal de Suez. O rei Faruk já decretou a denúncia do tratado que êle mesmo assinou com a Inglaterra. Suez, pela sua situação geográfica ligando o Mediterrâneo ao Oceano Indico, é ponto vital para as nações do Pacto do Atlântico. Não interessa apenas à Inglaterra, mas a todos os outros países que precisam evitar o contornamento da costa da África e a manutenção de tôda a bacia do Mediterrâneo com a segurança dos demais estreitos, ilhas e pequenos mares que banham a Grécia e a Turquia. O Egito não quer apenas ficar com todos os direitos sôbre Suez; também quer que os inglêses saiam do Sudão. É, como se vê, uma questão gravíssima, que vem tornar muito séria a posição inglêsa no Mediterrâneo e na África. Qual será o fim de tudo isso? Dizem que a grande mágoa dos egípcios contra a Inglaterra se vem acumulando desde que um embaixador inglês no Cairo entrou com seus tanques nos jardins do palácio governamental, quando as tropas alemãs e italianas estavam na iminência de invadir Alexandria. Seja como fôr, a situação internacional está em febre alta. Já a Liga Árabe declarou que está ao lado dos egípcios, e os povos do Sudão se mostram interessados em romper com os inglêses. A Inglaterra já declarou, em nota ao govêrno de Faruk, que não aceita a denúncia do tratado em vigor. E agora?



PREFEITURA DE NITERÓI



NÃO há quem possa governar neste país, da mais modesta comuna do alto sertão de Mato Grosso, à capital da República, sem ficar sob o fogo concentrado da detração e das censuras mais desbragadas. É verdade que, muitas vêzes, a culpa cabe aos próprios administradores. Quando assumem os cargos, — por nomeação ou eleição, — fazem discursos cheios de prometimentos, sem imaginar que só governa bem quem dispõe de recursos na bôca do cofre. Ora, como sucede com muitos, também aconteceu com o Prefeito Paz de Almeida lá em Niterói. A imprensa e inimigos políticos o têm marretado impiedosamente. Há vereadores que não o poupam, acusando-o de males que não são de sua gestão nem tão pouco de sua culpa. E o Sr. Prefeito de Niterói teve a excelente idéia de convidar jornalistas para mostrar-lhes que se nada mais pode fazer em benefício da população da vizinha capital, é porque não há fundos. Mais de vinte repórteres compareceram, há poucos dias, ao gabinete do Sr. Paz de Almeida e ficaram comovidos com a franqueza do chefe do executivo ao lhes descerrar as cortinas do erário, mostrando-lhes que a situação de aperturas do tesouro municipal era tal que, nem mesmo as pensões de viúvas de vereadores estavam sendo pagas. As pobres senhoras não saíam da Prefeitura pedindo que tivessem pena delas; mas o Prefeito declara que, pena, tem muita; o que não há é dinheiro para pagar... Sirva de exemplo aos que o sucederem nessa tarefa dolorosa de ouvir lamúrias, sem poder oferecer um lenço que enxugue as lágrimas...

EM REVISTA

MOTORISTAS DE UNIFORME

NÃO sabemos se os leitores estão lembrados da luta que os motoristas de praça sustentaram para derrubar a obrigatoriedade em que viviam de usar boné, quando em serviço em seus táxis. Afinal, saíram vencedores. Com a moda generalizada de os homens não usarem mais chapéu, já ninguém percebe que um chofer de praça está de vestimenta incompleta porque não traz o boné profissional. Tudo estava em paz, quando agora volta a classe dos motoristas de praça a agitar-se em volta de questão de indumentária. E' que o Departamento de Concessões acaba de estabelecer obrigatòriamente o uso de uniforme para os choferes de praça. Será obrigatório a partir de 20 de janeiro de 1952, constituído de calça e camisa de cáqui, gravata, cinto e sapatos pretos. O uso obrigatório de uniforme só se justifica nos casos de dependência do que o usa para com a organização a que serve. Assim, é justo que condutores, fiscais, inspetores e motoristas de bonde trajem uniforme sob modêlo que as Companhias exigem. E' natural que funcionários do tráfego aeroviário ou terrestre, urbano ou rural, se submetam à obrigação de envergar uniformes da casa. Mas, com os motoristas de praça, homens que vivem do seu trabalho pessoal, com seu veículo de aluguel, essa obrigação pode ser bonita mas, em verdade, é injustificada. Salvo se houver uma grande emprêsa que açambarque os táxis da cidade e empregue todos os condutores de veículos. Aí sim. Estaria legal e se justificaria a novidade. Do contrário, não.



O MELÓGRAFO



NADA mais cansativo do que escrever-se música. Além de exigir muita firmeza no punho, é preciso ainda o maior cuidado sôbre as notas e sinais do pentagrama. Um descuido qualquer, e lá se vai tudo quanto Maria fiou. Desde muito que os inventores idealizavam construir uma máquina para escrever letras ou seja a maravilhosa máquina dactilográfica. Em 1948, dizia um telegrama procedente de Nova York, que um engenheiro norte-americano havia resolvido o problema. Já se podia escrever música como se pode escrever cartas. Sucede, porém, que cabe ao Brasil a prioridade do invento, e muito mais aperfeiçoado do que o modêlo norte-americano. A invenção é do Pe. José Joaquim Lucas, residente no Rio e figura muito conhecida e estimada nos meios estudantis, professor que é de vários colégios desta capital. O Pe. Lucas, em 1922 patenteou seu invento sob o número 13 454, tendo feito exposição da máquina em várias redações naquele ano. Aperfeiçoando-a ainda mais, obteve patente de invenção dos Estados Unidos, sob registro 1 604 647. Muito o auxiliou o mecânico João Francisco Richter, sendo batizado o invento com o nome de "Melógrafo". Mas a infelicidade dos nossos inventores é a carência de dinheiro. O Pe. gastou cêrca de 50 mil cruzeiros para construir sua máquina. O govêrno de então lhe negou auxílio, e êle embora com uma oferta norte-americana para vender a patente por 700 mil cruzeiros, não deixou sair daqui a glória. E tudo está enferrujando. Não haverá um ricaço que queira ajudar o Pe. Lucas?

NO JARDIM ZOOLÓGICO

OS bichos do nosso Zoo foram citados para efeitos políticos. Por mais estranha que pareça a notícia, houve isso mesmo. Para atacar o Prefeito do Rio, políticos adversos espalharam e a imprensa divulgou, que os animais do Zoo carioca estavam morrendo de fome. Isso, em verdade, só trará desprestígio, não para o Prefeito, mas, em verdade, para o bom nome do país. E' preciso que se saiba que mantém o nosso Zoológico intercâmbio de troca ou negociações de animais com outros grandes zoológicos por êsse mundo afora, e isso só traria vergonha para o Brasil, desde que fôssem conhecidas no exterior tais notícias. Mas, estarão mesmo morrendo de fome os nossos animais da Quinta da Boa Vista? As estatísticas demonstram o contrário. Com cêrca de mil e setecentos animais, perdemos em setembro apenas treze cabeças, entre aves e animais de maior porte, enquanto o Zoológico de Paris perdeu no mesmo espaço de tempo (trinta dias) nada menos de 212 bichos, para um total de 1.289. Entre as causas de morte de animais em setembro, há a de briga. E' que entre os animais também há o "crime" de morte. Veja o leitor o que comeram as quatro zebras em setembro: 900 quilos de capim, no valor de 540 cruzeiros; 60 quilos de aveia, Cr$ 1.020,00; 90 de milho picado, 210 de alfafa, 60 de bananas, 45 de fubá, 6 de sal, 3 de krato 2 de sal alimentício, tudo num total de 1 376 quilos, na importância de Cr$ 2.630,20. Isso quanto às zebras. Todo o exército de bicharada passa bem, come cientificamente e nenhuma procuração outorgaram ao leão para queixas contra a Prefeitura...



A PERSONAGEM DA SEMANA



Sr. Eugênio de Barros

Depois de vários meses de intranqüilidade estadual, agitações essas que chegaram a preocupar todos os outros Estados da Federação, o Maranhão conseguiu ver restabelecida a paz nos espíritos e retomar seu caminho administrativo e político, dentro da ordem legal. Muitas foram as figuras de relêvo da política nacional, que tomaram parte ativa nessa disputa eleitoral depois das urnas. Começada a questão entre partidos, foi o assunto entregue à Justiça Eleitoral, que, após apurações meticulosas e apreciação de impugnações e recursos, reconheceu como legítimo governador eleito ao Sr. Eugênio de Barros. O governador maranhense não tem passado político. E' um homem que se fêz no Maranhão à custa de seu trabalho no comércio, onde logrou pequena, porém sólida fortuna. Sempre viveu à margem dos partidos, e, sòmente agora, acidentalmente, foi envolvido pela política. Pessoalmente não tem incompatibilidades. A intervenção chegou a ser assentada, mas o govêrno da União mandou até S. Luís o próprio Ministro da Justiça, que, ao regressar, apresentou relatório, e a intervenção não se consumou. Entrou, ainda, como mediador, o governador do Estado do Rio, resultado de todos os esforços conjugados, o prestígio da lei, o respeito ao TSE e a permanência do governador eleito. Mas, abstraindo de qualquer aspecto partidário, não se pode deixar de reconhecer no caráter do Sr. Eugênio de Barros uma têmpera de grande resistência e de coragem moral. Se outra fôsse a consistência de suas convicções políticas, o Maranhão teria tomado outro rumo, registrando-se perigoso precedente em nossa história democrática em função do voto. E tudo se pacificou, não havendo mais clima para agitações Antes assim.

Contos para a "Revista"

"REVISTA DA SEMANA" ESTIMULA AS APTIDÕES LITERÁRIAS DE SEUS LEITORES

1 — Só serão aceitos contos escritos em tôrno de temas brasileiros, sôbre os quais os nossos leitores possam discorrer com pleno conhecimento e com facilidade.

2 — Os contos devem ser invariàvelmente dactilografados, em razão do que não serão tomados em consideração trabalhos manuscritos.

3 — A redação manterá informações no "Correio da Revista" sôbre os contos selecionados e os considerados não publicáveis. Os contos julgados bons serão publicados, podendo os seus autores procurar a importância de sua colaboração na caixa. Os autores residentes nos Estados serão pagos por via postal, nos lugares em que estiverem.

4 — Os contos devem ter no mínimo quatro folhas dactilografadas, tipo ofício, em espaço dois, e, no máximo, oito fôlhas.

5 — Os autores devem escrever o seu nome e residência na fôlha de rosto e na página final do mesmo. No caso de usarem pseudônimo e o nome verdadeiro, êste será utilizado apenas para efeito de pagamento.

6 — As características dos contos selecionados devem ser: dramaticidade, interêsse humorístico e pitoresco da narrativa, qualidades literárias do estilo, originalidade, etc. Os autores devem procurar, acima de tudo, a correção na simplicidade, fugindo ao lugar comum e à banalidade. Não é aconselhável desenvolverem literàriamente anedotas em curso, pois anedota não é conto. O gênero tem características próprias e essas peculiaridades devem ser respeitadas.

★

REALIDADES SÔBRE SANTOS DUMONT

Por lamentável lapso, na reportagem de José Asmar, sob o título acima, estampada no último número, escaparam duas incorreções que nos apressamos em reparar: uma é sôbre o nome do município em que nasceu o "Pai da Aviação". E' Palmira e não Palmeiras — hoje Santos Dumont. A outra é contida num parêntesis encaixado numa transcrição do "O Grito da Pátria" (jornal de 1901) quando reclamava descaso do Aero Clube. Referia-me ao Aero Clube da França e não ao do Rio, que, evidentemente, ainda não existia.

Um livro magico e com mais de 300 paginas

TUDO VÊ - TUDO INFORMA - TUDO RECORDA

ALMANAQUE

INDISPENSÁVEL PARA TÔDAS AS CLASSES

EU

TÔDAS AS PROFISSÕES
TÔDAS AS RELIGIÕES
TODOS OS GOSTOS...
EM QUALQUER IDADE.

COM O MINUCIOSO RELATO SÔBRE O ANO

SEI

CATÓLICO
AERONÁUTICO
CIENTÍFICO
ARTÍSTICO
MUÇULMANO
ISRAELITA EVANGÉLICO

DADOS E INFORMAÇÕES GERAIS SÔBRE O MÊS

TUDO

HOROSCÓPICO
AGRÍCOLA
FASES DA LUA
CÍCLO SOLAR
CALENDÁRIO PERPÉTUO
FESTAS MÓVEIS
ETC., ETC..

UM ROMANCE COMPLETO

A célebre novela de Robert Nathan: "A ESTRÊLA DA MANHÃ". — 1 comédia, para representar — Contos — Centenários — Mortos do Ano — Página de Arte — Medicina — Astrologia — Páginas recreativas — Quebra-cabeças — Testes — 100 artigos diversos — Milhares de informações e um

TRATADO SÔBRE A HERÁLDICA

belo, minucioso, em côres

PREÇO: Cr$ 25,00

PUXE PELO CEREBRO

NOSSA PÁGINA DE TESTES — OS SEIS PONTOS DA CULTURA

Nenhuma resposta certa .	Estado primitivo	Homem-macaco
De 1 a 3	Cultura inferior	Selvagem
De 4 a 6	Cultura média	Estudante ginasial
De 7 a 11	Cultura superior	Universitário
De 12 a 14	Genial	Um sábio
Tôdas as quinze		O gênio em pessoa

1 — EM QUE PARTE DO TERRITÓRIO NACIONAL FALECEU DIOGO ALVARES — O «CARAMURU»:

Na Bahia?
Em Santos?
No Espírito Santo?

2 — DE QUE CIDADE SÃO OS «MANCUNIANOS»:

De Manchester?
De Mântua?
De Maragogi?

3 — QUAL O ÓRGÃO DO CORPO HUMANO QUE CAUSA AS NEFROSES:

O pâncreas?
Os rins?
O fígado?

4 — QUE QUER DIZER, NA LÍNGUA BRASÍLICA, ITAOCA:

Casa de pedra?
Formiga branca?
Rio Pedregoso?

5 — QUE NOME TEM O PRINCÍPIO ATIVO DAS GLÂNDULAS DE SECREÇÃO INTERNA:

Hormônio?
Flúor?
Albumina?

6 — QUE SIGNIFICA «FRAGA»:

O mesmo que praga?
Tempestade no mar?
Penhasco?

7 — UM SINÔNIMO DE ESMOLA:

Essedário?
Espórtula?
Datismo?

8 — QUAL A PARTE DO PÃO CHAMADA «CÔDEA»:

O miolo?
A casca?
O fermento?

9 — QUE SIGNIFICA «COFOSE», EM MEDICINA:

Morte aparente?
Dor ciática?
Surdez?

10 — QUAL DESTAS DUAS FORMAS É A MAIS CORRETA:

Cafeeiro?
Cafèzeiro?
Ou é indiferente?

11 — QUE NOME TEM O HÁBITO DE FRADES OU FREIRAS:

Burel?
Garnacha?
Talabarte?

12 — QUE NOME TEM A FACE PRINCIPAL DE UMA MEDALHA:

Anverso?
Reverso?
Verso?

13 — COMO SE CHAMAVAM OS CHEFES ESPIRITUAIS DOS INDÍGENAS:

Tapuia?
Pajés?
Ocara?

14 — QUE QUER DIZER «QUINAU»:

Tripulante das Quinas?
Cristal com cinco lados?
Sinal que marca os erros dos alunos?

15 — QUE NOME SE DÁ AO ESPAÇO DE CINCO DIAS:

Lustro?
Quinqüídio?
Quinqüênio?

(Resposta na pág. 51)

Seja uma das primeiras!

Durante uma temporada especial a Sra. poderá adquirir a sua **ELNA - SEM ENTRADA INICIAL.** Seja uma das primeiras a inscrever-se no nosso plano de pagamento oferecido pela ELNA. Visite uma de nossas lojas e peça uma demonstração sem compromisso.



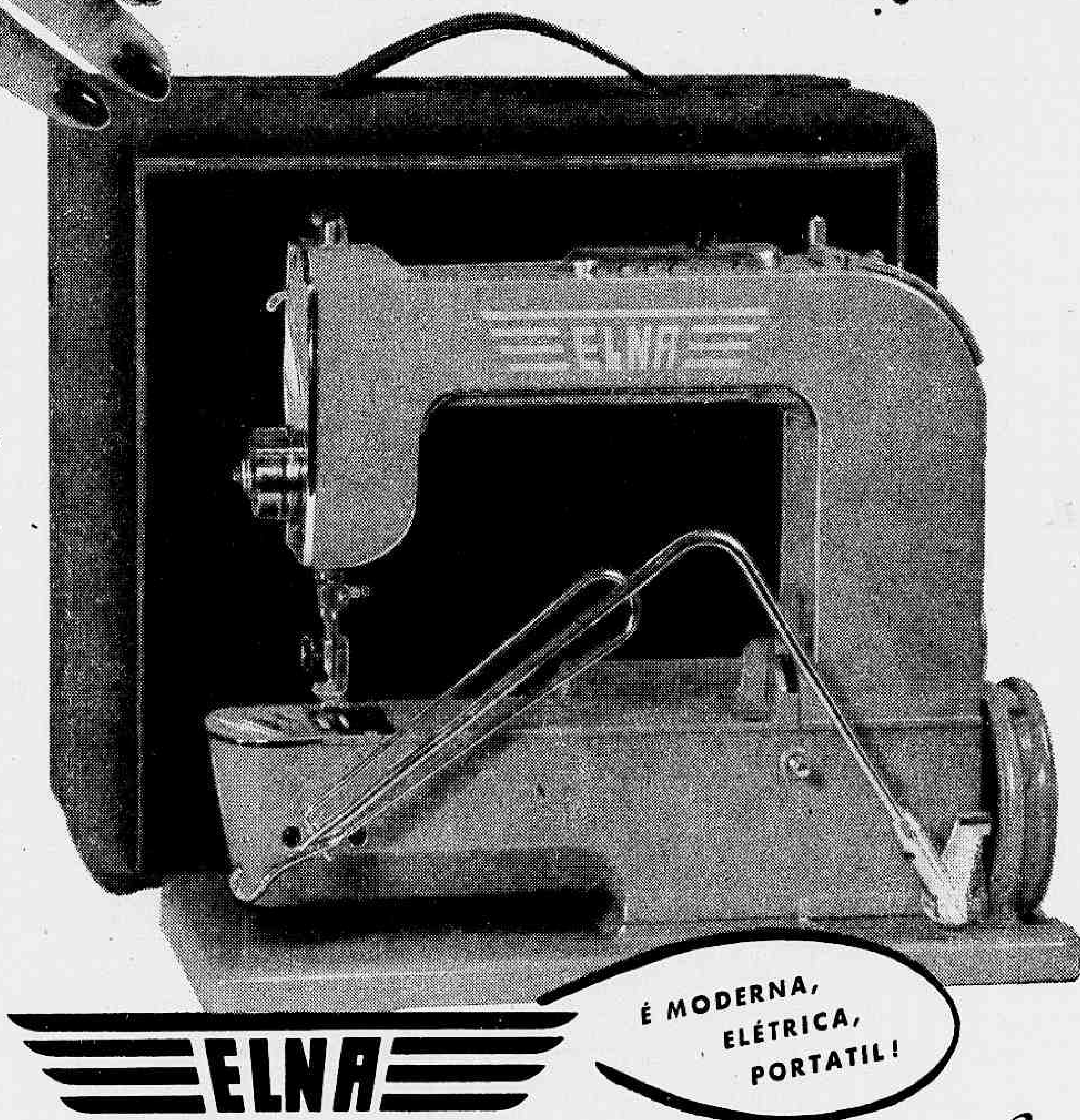
O "braço livre" sirze e borda sem acessorios.



A luz embutida lhe permitirá costurar a qualquer hora.



ELNA costura qualquer tecido: fino ou espesso.



É MODERNA, ELÉTRICA, PORTATIL!

ELNA

COMPANHIA DE MÁQUINAS ELNA DO BRASIL

Rio de Janeiro Av. Calógeras, 23 - Tel. 32-6642
São Paulo Rua 7 de Abril, 248 - Tel 34-8151
Belo Horizonte Rua Tamoios, 90 - Tel. 2-1930
Porto Alegre Rua dos Andradas, 1538 - Tel. 9-1643
Recife Rua da Concordia, 143
Curitiba Rua Barão do Rio Branco, 41 - sala 515 - Tel. 4174
Juiz de Fora Rua Marechal Deodoro, 385 - sala 103 - Tel. 1636
Santos Rua João Pessoa, 16 - 4.º andar - Tel. 2-7458
Salvador Ed. Sul América - Trav. Bonifacio Costa, 2 - salas 513/515

Solicite-nos sem compromisso uma demonstração de ELNA em sua residencia.

Nome: ....

Endereço: .... Tel.: ....

Cidade: ....

Estado: RS3-123

QUINZE ANOS

O Clube do Piraquê se converteu, na noite de 5 de outubro corrente, numa apoteose à juventude. Completava 15 primaveras a Lucilinha, que deixava os domínios da primeira infância para ingressar triunfalmente na seara da adolescência, a mais grata estação da vida. Menina e moça, como diria Bernardim Ribeiro, Lucilinha foi recepcionada e recepcionou aquela indescritível coorte de "brotinhos", dando ao Clube do Piraquê um aspecto de Olimpo em festa, com a alacridade dos jovens e a inocência da juventude em face da realidade da vida. Quinze anos! Idade que povoa de sonhos o espírito de uma jovem, e marca daí por diante os anseios do coração e a alegria de viver. Esta foi a mais bela e radiante festa que empolgou a alma de Lucilinha, e da qual ela jamais se esquecerá.



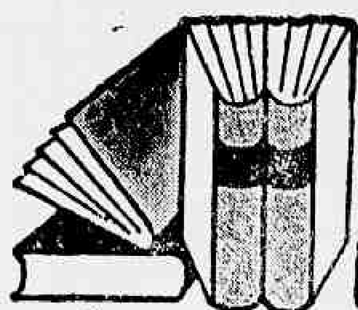




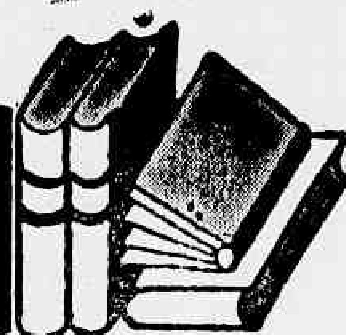








SEMANA LITERARIA



ÁLBUM DE FAMÍLIA



AURO YEDDO MARTINS

AURO YEDDO MARTINS, de tradicional família de Mato Grosso, nasceu em 1922, sob o signo da famosa Semana de Arte Moderna, realizada na capital bandeirante naquele ano, e morreu na madrugada do dia 28 de julho de 1951, com apenas 29 anos de idade. Formado pela Faculdade de Direito de São Paulo, desde muito cedo sentiu inclinação para a poesia, para a ficção poética e para a música. A sua novela "Malvina" é bem uma prova disso, já que o jovem escritor procurou, numa linguagem vivencialmente lírica e musical, captar todos os segredos de uma existência que não podia se entregar à morte absoluta e sem conseqüências. Seus poemas, de um caráter profundamente humano, insistem em se integrar na realidade ambiente — daí resultando um desajustamento intrínseco, que o aproxima dêsse mestre da poesia nacional, Carlos Drummond de Andrade. Essa possível influência, no entanto, se apresenta muito mais como uma atitude do poeta perante a Vida e a Morte, do que pròpriamente como um "sentimento poético" à busca de uma verdade que êle sabe de antemão precária. Auro Yêddo Martins, como aquêle outro poeta chamado Paulo Sérgio, se sabia um condenado, à espera do momento oportuno e único. Não desiludiu nem a si mesmo, nem à própria Vida. Matou-se irremediàvelmente. Matou-se sem deixar nenhuma explicação a ninguém. Matou-se com o orgulho daqueles que sabem o que a Vida realmente vale...

Além de "Malvina", Auro Yêddo Martins deixou um livro de poemas ainda inédito e deixou também uma outra novela sem título definitivo. Colaborou em algumas revistas e em alguns jornais do país, porém uma grande consciência artística e uma humildade incomensurável impediram que êle publicasse (em vida) a sua pequena mas valiosa obra literária. Auro Yêddo Martins, que tanta sensibilidade musical possuía, matou-se em silêncio, persistindo naquela solidão que sòmente os verdadeiros artistas conhecem.

Talvez êle adivinhasse, cabalisticamente, que o silêncio é, acima de tudo, a forma do homem se manifestar através do som...

Talvez êle suspeitasse que, no silêncio do morto, está a máxima realização... — REYNALDO BAIRÃO.

NA POEIRA DOS ARQUIVOS

JOTAGÊ

«... a terra é um corpo quente, com elevadas temperaturas no interior. A parte da crosta da terra susceptível de exploração direta é uma delgada película, de dois ou três quilômetros, e é sabido que nela o **grau geotérmico**, ou acréscimo de profundidade a que corresponde um aumento de temperatura dum grau, apresenta variações consideráveis» — diz Anselmo Ferraz de Carvalho, nesta obra deliciosamente erudita e encantadoramente artística, de sua autoria, «Estudos de Geologia e de Geofísica». Estampado em 1950, por ordem da Universidade de Coimbra, é livro que mostra as mais modernas conquistas da geologia e geofísica, hoje indispensáveis aos homens verdadeiramente cultos.

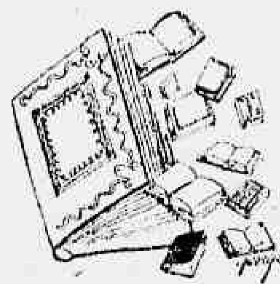
★

«Ocaso» foi o último livro de Goulart de Andrade. Um ocaso iluminado, fàdicamente, de beleza emotiva e inspiração estética. O soneto «Cosmos», que integra tão nobre tesouro de poesia, é um dos mais altos momentos da sensibilidade brasileira.

★

Publicação 7, da série A, do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, «Geografia dos transportes no Brasil», de Moacir M.F. da Silva, tem páginas que todos deviam aprender. Assinala a citada obra: «A falta de mais expressivo têrmo com que possamos sintetizar os vários aspectos dêsse fenômeno social de completo devassamento do território e conseqüente formação de núcleos de povoamento adensado, denomináma-lo **interiorização**. Conjunto das grandes penetrações demoradas pelo interior, antes desconhecido; das longas travessias do sertão, em vários rumos, que a História estuda sob as denominações genéricas de «entradas» e «bandeiras», distinguindo-se por características especiais. Dessas remotas incursões é que provieram as primeiras notícias sôbre a Geografia do país, fornecendo elementos para sua incipiente cartografia colonial, os conhecimentos iniciais da flora e da fauna, das riquezas minerais e, na ausência destas, ou concomitantemente, a fixação do homem ao solo do interior, na vida agrícola e pastoril».

NOTÍCIAS DE SÃO PAULO



Acha-se franqueada ao público paulista uma exposição de quadros, pertencentes à coleção do Museu de Arte Moderna, de São Paulo, mostra essa que representa apenas uma parte do acervo dessa instituição. Figuram, na referida exposição, telas de Picasso, Max Ernst, Chagall, Tanguy, Metzinger, Grosz, Miró e outros.

★

O poeta paulista José Escobar Faria falou sôbre "Poesia e Filosofia", recentemente, na capital mineira. Trata-se de um dos mais expressivos valores da "nova geração" de poetas brasileiros.

★

E, por falar em Bienal, foi escolhido o Júri de Seleção para os quadros de artistas brasileiros e estrangeiros, que enviaram espontâneamente os seus trabalhos para a Primeira Bienal do Museu de Arte Moderna, a ser realizada de Outubro a Dezembro de 1951, na capital paulista. Fazem parte dêsse júri: Quirino Campofiorito, Santa Rosa, Clóvis Graciano, Luís Martins e o presidente do Museu de Arte Moderna de São Paulo, sr. Francisco Matarazzo Sobrinho... Segundo parece, foram recusados trabalhos de pintores brasileiros de grande valor e, simultâneamente, aceitos alguns trabalhos de pintores brasileiros acadêmicos, como por exemplo Mecossi. Êste pintor, chamado Mecossi, é um dos maiores reacionários da pintura nacional. Consta, no entanto, que êle fêz, especialmente para a Bienal, um quadro "moderno" que, aliás, foi aceito. Neste mesmo caso está o paisagista "impressionista" Danilo di Prette. Quando acabaremos com tôdas estas mistificações?... A Bienal não ia ser um certame honesto?...

★

Está expondo no Museu de Arte o conhecido pintor expressionista Lazar Segall. Êste artista, de indiscutível importância histórica, até hoje ainda se mantém como um dos maiores pintores do Brasil.

AS MULHERES NA LITERATURA



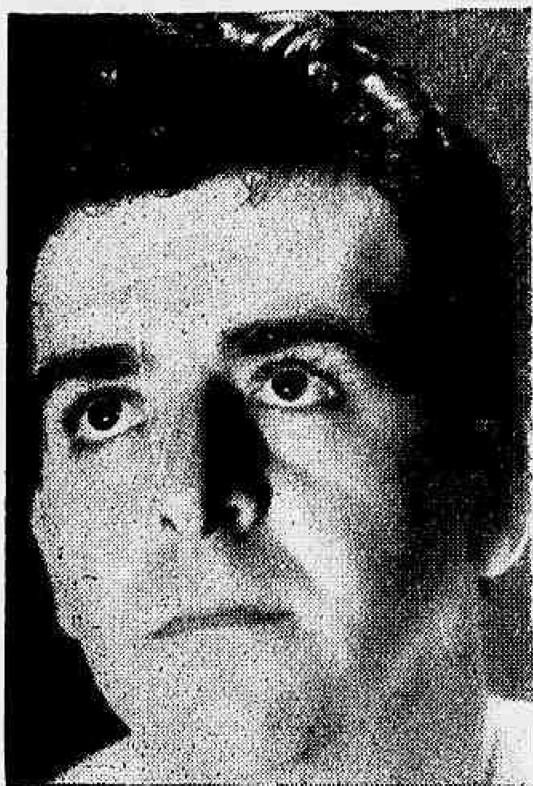
«LES Novelles Litteraires» realizaram, recentemente, um inquérito sôbre se existia uma literatura feminina. Uma das respostas foi dada por Dominique Rolin, com o desenho acima, em que estão fixadas as figuras de algumas que, como diz a autora, — «através dos séculos souberam revelar e impor uma sensibilidade que lhes resta própria».

LITERATURA PORTUGUÊSA



Já em segunda edição da Editorial Domingos Barreira, do Pôrto, distribuido pela Livraria H. Antunes, é êste "Breves noções de História da Literatura portuguêsa". O autor, Renato Figueiredo, tem a principal qualidade dos que se dedicam a obras do gênero: clareza. Pouco se importando com o pedantismo da forma e com as torturas da erudição artificial, êle prefere, louvàvelmente, os caminhos singelos da arte de escrever. E, em conseqüência, consegue expor transparentemente o que deseja, alcançando, assim, com objetividade, o seu desejo: tornar conhecido o essencial das letras lusíadas. Após mostrar o indispensável da língua portuguêsa, literatura, estilo, gêneros literários e divisão da História da literatura lusa, Renato Figueiredo focaliza a época medieval, a clássica, a contemporânea e apresenta uma recapitulação. Adota o método de verbetes para os nomes dos intelectuais e transcreve trechos de suas obras, o que auxilia o juizo crítico do leitor.

TEATRO



GRAÇA MELO

DEPOIS de Jayme Costa nos ter dado de maneira tão brilhante «A Morte do Caixeiro Viajante», e de termos assistido «A Valsa Nº 6», de Nelson Rodrigues, eis que Procópio está reprisando para o seu numeroso público o «Avarento» de Molière, e que temos um extraordinário acontecimento com a estréia de Graça Melo e seu Teatro de Equipe, com a bela peça de Emmanuel Roblès — «Massacre» (Montserrat), estréiada em Paris, no «Théatre Montparnasse» e aqui apresentada no Regina, em tradução de Miroel da Silveira.

«Massacre», recebida com reservas pelo público, saudada com deslumbramento — é o têrmo — pela crítica, em poucos dias conquistou a cidade e se destina a um êxito dos mais seguros, porque a reação da platéia é cada vez mais entusiástica, diante da grandeza da peça e da harmonia do espetáculo, destacando-se no desempenho Mário Brazini, Maurício Sherman, Eduardo Garcez, Carlos Couto, Labanca, Serafim Gonzales, Haydée do Rego Barros, Gilda Nery e o próprio Graça Melo, quem também superiormente dirigiu a peça.

★

ESTÁ marcada para 6 de novembro a estréia de «A Dama das Camélias», no Teatro Municipal de São Paulo, com Cacilda Becker e Maurício Barroso nos principais papéis. Outros papéis a cargo de Paulo Autran, Elizabeth Henreid, Rui Afonso Machado e Fredi Kleemann.

★

LOGO nos primeiros dias de 1952, será apresentado no Municipal o Teatro Brasileiro de Comédia, de São Paulo, que nos traz as seguintes peças: «A Dama das Camélias», «Pega-Fogo» e «Seis personagens à procura de autor».

★

ESTREOU com sucesso em São Paulo, no pequeno auditório da Cultura Artística, a «A Valsa nº 6», de Nelson Rodrigues, na notável interpretação de Dulce Rodrigues,

Fora do Prelo

O LIVRO DA SEMANA: "EUROPA DE HOJE"

O VIAJANTE E SUA SOMBRA

O título é de Nietzsche e o aproveitamos para falar deste livro de Alceu Amoroso Lima "Europa de Hoje" (Agir Editora Rio) porque êle nos foi sugerido pelo próprio autor e porque exprime bem nossa impressão dessa obra mais recente do escritor patrício. De fato, o que principalmente interessa nesta visão da Europa atual é o fato de ter Alceu Amoroso Lima levado consigo "a sua sombra", isto é, seu coeficiente pessoal, representado por uma experiência anterior do Velho Mundo, por sua cultura, pelo seu espírito crítico, por sua acuidade de observador e pelo vigor de penetração e interpretação de que é capaz. Assim, seres e paisagens se animam aqui, não apenas em linhas, volumes e côres, mas porque resultam dêsse cotejo, dessa comparação, do jôgo dos contrastes, da visão pessoal do espectador, de sua contribuição, traduzida em confrontos, em analises, em comparações — a êsses mesmos seres e paisagens. Para simplicicar: o que sobreleva notar nesta visão da Europa de hoje é o ter sido apresentada por um espectador que representa uma das mais sólidas e fascinantes organizações literarias de nosso tempo, da mesma forma que é um expoente de espírito americano e da cultura européia.

Livro de viagens? Talvez. A verdade é que êle se distancia muito do simples livro de viagem, de notas e registo de fatos e de coisas, de cenários e de gente encontrados ao longo de uma excursão. O que êle conserva do gênero é sem dúvida a melhor qualidade dêle: a simplicidade de estilo, a graça das narrações e a espontaneidade e a vivacidade das observações. Nisso, que é o melhor, ficou o livro de viagens. E, como todo livro de viagens vale sempre pela qualidade do viajante, o valor de "Europa de Hoje" é o mais alto possivel.

Alceu Amoroso Lima não nos deu apenas a fotografia desinteressada dos lugares que percorreu e dos encontros que teve, com o presente e com o passado, nesse lugares. Êle percorreu um itinerário calculado, familiar de seu espírito e de interêsse profundo para todos os espíritos. Daí o fato de interessar tudo o que viu e que contou. Não andou errante, ao sabor das marés e das calmarias, por assim dizer. Muito pelo contrário, seguiu uma rota pre-estabelecida, com visitas marcadas, com um programa de contatos e de encontros que lhe proporcionassem a revelação de muitos mistérios e acontecimentos, antes que o imprevisto e as aventuras indiferentes ou sensacionais. Daí, também, o fato de nos apresentar seu livro uma poderosa unidade íntima, como um estudo de conjunto e uma interpretação da Europa de hoje, vista através de seus múltiplos e variados aspectos, de suas varias atitudes geográficas e espírituais, de seus panoramas, desde os físicos e paisagisticos, até aos mais profundos e transcendentes.

Terminando seu livro, Alceu Amoroso Lima confessa sua fé na Europa, com uma certeza — que gostariamos de partilhar — de que seu humanismo cristão é ainda a esperança do mundo. Êle encontrou lá não apenas êsse lastro de cultura, de civilização, de constante moral, mas, também, o encanto do passado e o mistério do futuro, cujo véu tenta levantar um pouco, ao longo destas páginas. O otimismo com que fecha seu livro é um pouco complacente, um pouco distante das infelizes realidades do momento: êsse mistério do futuro é como aquêle cavalo de pau que os grego levaram a Troia de cujo bojo só poderá sair, já ou daqui a pouco, um grupo de guerreiros. Talvez o mal da Europa de hoje, o pior de todos, seja o de não se aproximar mais de sua filha dileta, aquêle continente em que — na expressão do autor — ela se prolonga, a América. A falta de um movimento nesse sentido a coloca mais perto do outro lado do mundo atual: Moscou. E sua perdição, e a nossa, virá daí.

Edmundo Lys

PROSA

Pensamentos — Com o pseudônimo de Oswaldo, recebemos êste livrinho de "Pensamentos" (Edição Acaiaca, Belo Horizonte). Livrinho porque, de fato se trata de um volume de formato minúsculo, com cêrca de duzentas páginas, porém com um pensamento por página, à maneira daquela velha 'Teoria da Indiferença" que nos deu, ha perto de trinta anos, as primicias do escritor português Antônio Ferro. Diferente daquele livro, entretanto, êste não intenta revolucionar com paradoxos ousados a literatura e a estética atual. Os problemas dêste pensador são de outra ordem, diremos, moral, isso, também, sem que haja nêle qualquer proposito de reformar o mundo. Tanto mais que o não conseguiria pois, se algumas páginas dêste pequeno livro se salvam, por uma certa novidade de estilo, suas idéias são no geral vulgares, de sabedoria universal, velhas como a prosa e os conceitos do autor.

O Retrato de Um Espírito — Êste livro de Rubey Wanderley (Organização de Simões, Rio) é um estudo da personalidade do sr. Getúlio Vargas. Encarando-o como um espírito complexo e desconcertante, no panorama brasileiro, e procurando explicar o homem através dos acontecimentos, o autor revela reais qualidades de psicólogo e de observador, com agudo espírito critico. Obra de importância real, embora aqui e ali inquinada por certo entusiasmo incompatível com o gênero, constitui apreciável contribuição ao melhor conhecimento do "caso" Getúlio Vargas, sem dúvida o mais singular fenomeno de fascinação popular que registra nossa história.

O LIVRO ILUSTRADO



Uma ilustração de Lucien Boucher para o romance de Marie Le Franc, «Les Fils de La Foret».

POESIA

Antologia dos Poetas Brasileiros da Fase Parnasiana — O Instituto Nacional do Livro vem de publicar mais um volume da "Biblioteca Popular Brasileira", apresentando esta antologia de nossos parnasianos ou, pelo menos, de nossos poetas agrupados naquela fase, a muitos dos quais não poderiam chamar criticamente parnasianos, o que, aliás, está acentuado aqui pelo antologista (Manuel Bandeira). Não se trata de obra inédita, mas de uma terceira oportuna edição, visto como as anteriores já desapareceram do mercado. Manuel Bandeira enriquece o volume com um claro e penetrante prefácio. O desfile dos poetas aparece também precedido de notas biográficas, bem cuidadas. Um livro indispensável.



AS TARDES MARAVILHOSAS DO HIPÓDROMO

AS corridas de cavalos, no Rio de Janeiro, oferecem ao aficionado o confôrto e o bem-estar das horas passadas num dos mais belos hipódromos do continente, o suntuoso prado da Gávea, engastado na preciosidade daquele panorama de beleza incomparável da Lagoa Rodrigo de Freitas, com suas águas tranqüilas a refletir as majestosas elevações circundantes. Centro de elegância e bom-tom, para o hipódromo famoso convergem as preferências da mulher carioca, que ali apresenta, com a graça e o encanto tão seus, as "toilettes" mais ricas e variadas, num desfile de modelos e de coloridos que é uma permanente festa para os sentidos. Horas repousantes e agradáveis, a par das emoções despertadas pelas carreiras sensacionais, em que se empenham parelheiros e jóqueis em busca da vitória... Se as apostas deram certo, tanto melhor. Apanhar uma "ponta", um "dupla" ou um "placé" é um prazer. Mas se as poules saírem brancas, o aficionado também sai prazeiroso e satisfeito com o espetáculo sempre novo e atraente, das maravilhosas tarde do hipódromo.



Instantes de calma entre um e outro páreo do programa. São os momentos em que a vista procura o cenário impressionante de côres, de luz e de quietude.



Três fisionomias que podem exprimir indiferença, dúvida e surprêsa. Será que o inesperado resultado de uma carreira deixou assim as três lindas criaturas?



Reparem a graciosidade com que essa elegante dama segura o binóculo. O páreo lhe desperta interêsse!





A juventude gosta de corridas e do prado da Gávea, onde os "brotinhos" dão sempre a nota encantadora.

Um sorriso bonito, uma linda criaturinha, um gracioso vestido, eis uma freqüentadora do Hipódromo da Gávea. A srta. Maricy Camargo Rodrigues está alegre... Teria acertado no número 7, que vemos à direita?



As arquibancadas sociais estão sempre repletas pelo que de mais seleto possui a nossa sociedade, durante as esplêndidas reuniões semanais da Gávea.



As senhoras Quartin Barbosa e Armando Fajardo assistem, da tribuna de honra do Hipódromo Brasileiro, ao interessante desenrolar das emocionantes carreiras.



E OS ARTISTAS reunem-se na sala de visitas. Bibi faz a leitura de "Diabinho de Saias", pois alguns intérpretes são novos na companhia. Cataldo começa a colaborar e Hortênsia olha-o: — "Isso não está no meu papel!"



A CERTA ALTURA, Arena interrompe: — "Que tal se depois do ensaio fôssemos jogar um "pif-paf"? Hoje



BIBI RESOLVE então cantar e tocar no seu piano bonito, que ela comprou na Inglaterra. Samaritana acompanha. Mas que horror! O barulho é infernal. Arena e Cataldo tapam os ouvidos, e a vizinhança chama a P. E....



E LÁ VEM um cafèzinho, enquanto se prepara a ceia. Hortênsia saboreia a rubiácea e os outros distraem-se



estou de sorte..." Mas Bibi protesta. A noite é para trabalhar... embora daí a pouco venha a aderir...



ouvindo um disco acompanhado pela diretora, que afina a garganta. Os vizinhos ainda não reclamaram.





FOI MARCADO O ENSAIO PARA AS 20,30, NA BELA RESIDÊNCIA DE BIBI. CHEGAM OS CONVIDADOS E SÃO RECEBIDOS PELA DONA DA CASA.

MAS CATALDO! Você não entende esta fala? — diz Bibi. Cataldo finge não entender, porque êle tem o papel decorado e vai fazer "misérias" na pele do namorado preterido pela garôta que prefere o soldado!...

ENSAIO EM FAMÍLIA

BIBI FERREIRA REÚNE OS ARTISTAS NO SEU LUXUOSO APARTAMENTO, SERVE CAFÉ, UMA LAUTA CEIA, FAZ MÚSICA, JOGAM "PIF-PAF"... E TAMBÉM ENSAIAM...

NEM sempre os ensaios de uma peça teatral são realizados no teatro onde vai ser apresentada. Algumas vêzes êles se realizam fora dali, em outros palcos, num auditório particular ou, também, na residência de um dos artistas. Quando Bibi Ferreira estava preparando "Diabinho de Saias" — que agora apresenta no Follies — êsse teatro estava ocupado pela companhia de Raul Roulien. Foi então decidido que os trabalhos se fizessem na residência da artista — e que residência! Bibi ocupa um luxuoso apartamento nos altos de um moderno "arranha-céu" da Avenida Rui Barbosa, onde existiu o Morro da Viúva, com vista maravilhosa para o mar. São várias dependências, muito bem instaladas, onde também se encontra um piano que é um verdadeiro tesouro, trazido pela "estrêla" quando de sua viagem à Inglaterra para filmar com Sabu.

Mas acontece que nesses ensaios, o que menos se fazia era pròpriamente... ensaiar. Bibi tem o segrêdo de bem receber, sabe distrair quem a visita, e todos os seus contratados acabaram sendo convidados: ouviram e fizeram música, noites seguidas, saborearam deliciosas ceias, apreciaram o panorama — o Pão de Açúcar todo iluminado lá no fundo, o mar tranquilo, o colar de luzes contornando a praia — e também jogaram "pif-paf". Tudo em família. Era uma pequena família, muito unida, muito disposta a trabalhar (e divertir-se) o que ali estava. A reportagem da REVISTA DA SEMANA surpreendeu, certa noite, a família que ensaiava "Diabinho de Saias", e o resultado aí está.

Decididamente, é agradável trabalhar assim. Mas... trabalharam mesmo?







BIBI ENSAIA alguns passos, pois terá que dançar um "swing". Arena não está gostando; na peça êle é o pai, e onde se viu menina com tão maus modos? Nem liga ao pobre Albert (Cataldo), que sofre horrores!

E OS ENSAIOS recomeçam, agora com explicações sôbre as roupas e pertences femininos. O guarda-roupa de Bibi é um tesouro e dentro dêle muitas vêzes aparece o de que precisam as suas contratadas.

O QUE HÁ de mais engraçado nos primeiros ensaios é uma cena de amor com os papéis na mão. Cataldo e Samaritana lêem e representam, enquanto Bibi, que dirige, vai ensinando as inflexões: "Mais romance..."





E PARA DISTRAIR a companhia, Bibi vai mostrar-lhes o seu precioso álbum chinês de autógrafos, com assinaturas de muitas celebridades. O álbum desdobra-se em sentido vertical. Para o examinar, quase todo o salão é ocupado.

NO ESCRITÓRIO, os artistas pedem informações, pormenores sôbre os papéis. E como Procópio está presente em cada canto, Arena descobre uma estatueta do pai de Bibi, divertindo-se com ela. — "Que tal, Procópio? Satisfeito com a filha?"





A SOPA ESTÁ gostosa. Hélio Ribeiro sentou-se também à mesa, aderindo aos pitéus. Passa da meia-noite; depois do intervalo os ensaios continuarão. Bibi alimenta a sua gente, pois sabe que de barriga-cheia todo mundo trabalha melhor!

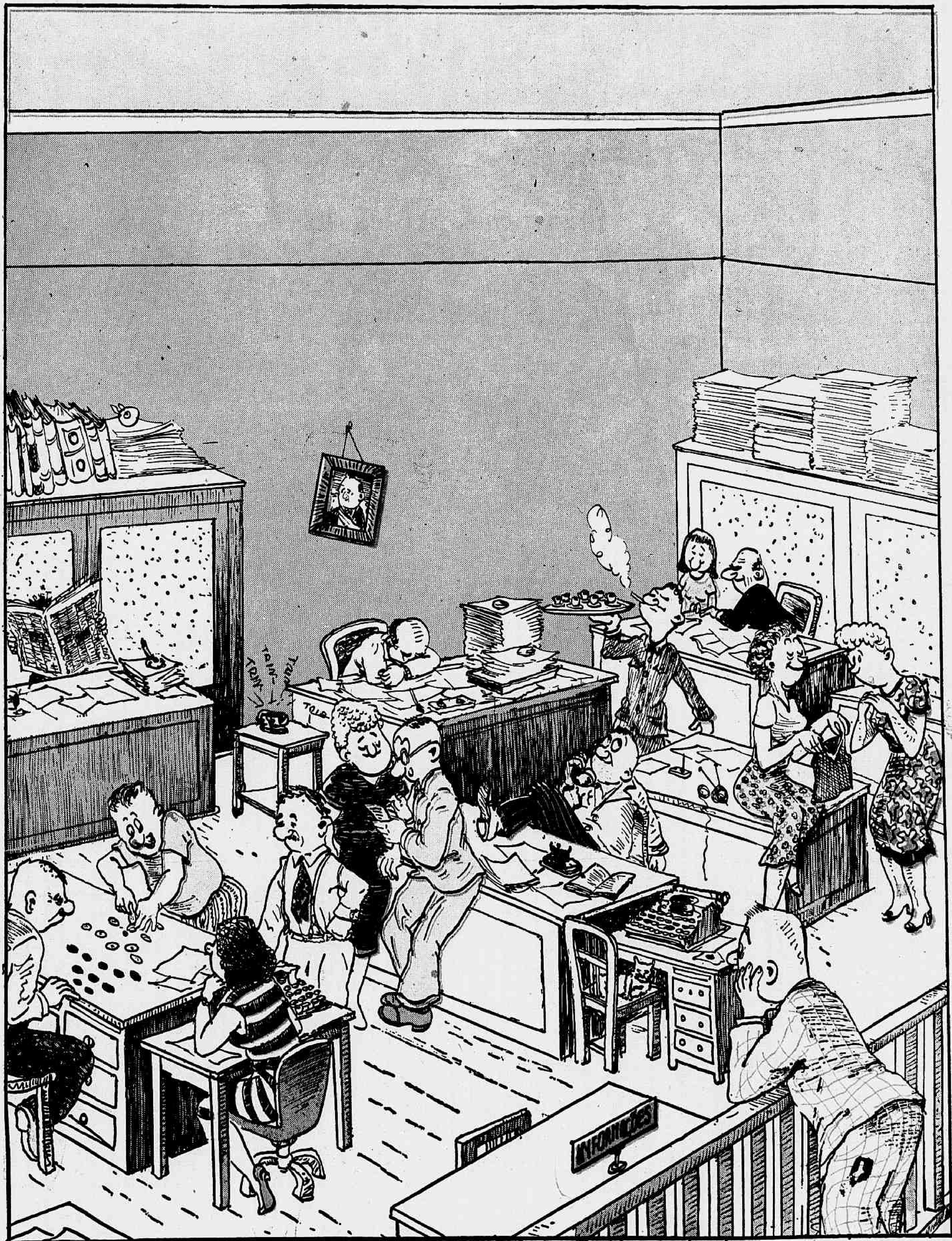
E CHEGOU A HORA... Do ensaio? Não. Do joguinho em família. Mas os "perus" não deixam o jôgo seguir seu rumo. E assim termina um ensaio que não chegou a ser ensaio, de "Diabinho de Saias", no luxuoso apartamento de Bibi Ferreira...

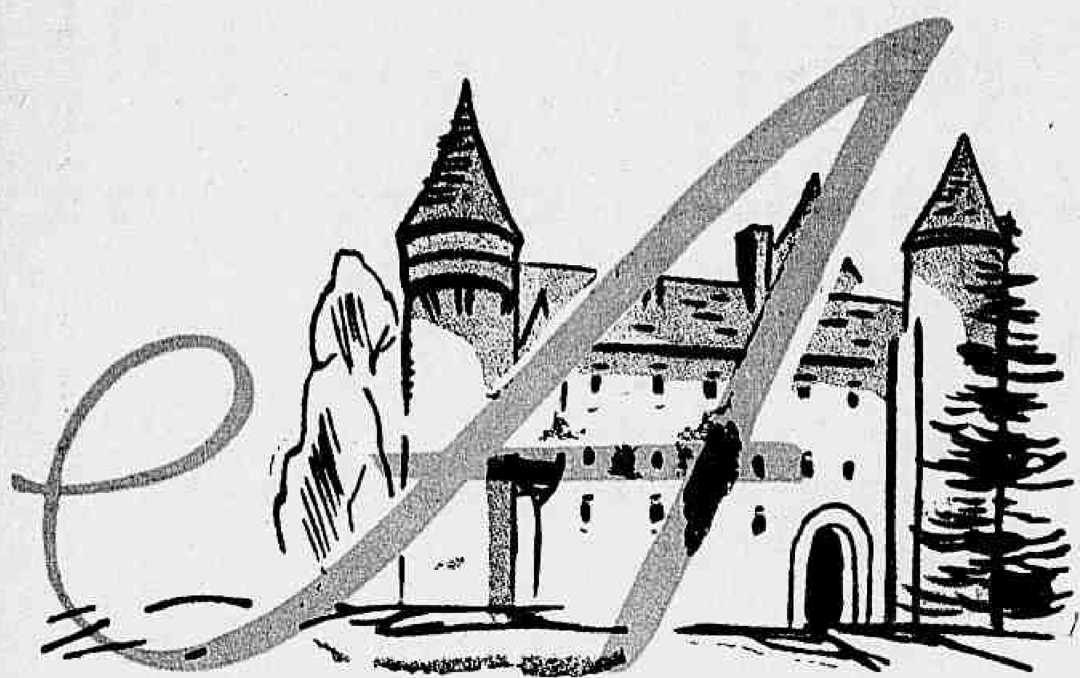
ESTE MUNDO E O OUTRO

CRIAÇÃO DE DARCY

CIDADE MARAVILHOSA

18 - REPARTIÇÃO PUBLICA





A Insatisf

Por IRENE TEMPLE-BAILEY

MARY jamais se pareceu tanto com seu pai, do que quando alí estava, sentada sob o retrato paterno, falando aos seus maiores, naquele Conselho de Família. E' que ela só dizia as coisas com simplicidade. Ao terminar, fêz-se grande silêncio.

Naquele dia, durante cêrca de uma hora, a pequena Mary se tornara grande. Com sua irmã Constance à frente da casa, por tradição ou formalidade, ninguém havia percebido que fôra o cérebro de Mary que havia dirigido as coisas e que fôra o seu espírito industrial e enérgico que tinha completado os esforços de Susan para manter a casa em forma durante as horas da cerimônia das núpcias.

— Eu quero administrar a casa, disse ela. E' preciso que eu explique tudo esta noite, tia Frances, porque a senhora vai regressar a Nova York amanhã pela manhã, e eu não queria revelar nada antes desta noite, temendo que Constance viesse a sentir-se com o meu plano. Eu quero continuar aqui. Sempre vivi aqui, como Barry também, e, se bem que eu considere com gratidão o seu projeto de enviar-me a Nice, penso que isso não me servirá bem, assim como não desejo abandonar Barry. Não tenho o direito de fazê-lo.

Barry, um pouco embaraçado ao ser pôsto em causa, exclamou:

— Oh! Mary! Você não tem precisão de atormentar-se por minha causa!

— Isso não é nenhum tormento.

Mary se erguera e falava agora com muita animação.

— E estou certa de que a senhora me compreende, tia Frances. Se eu me fôsse com a senhora, Barry ficaria desnorteado, o que nem gôsto de pensar. Barry não tem por êle nem pai, nem mãe, pessoas que o amem.

A voz de Mary diante do Conselho de Família tinha a intensidade de um protesto. Porter Bigelow, discretamente sentado ao fundo da sala, ficou emudecido diante daquele ardor.

De si para consigo, pensou: Há qualquer coisa por detrás dos bastidores. Ela sabe coisas sôbre Barry".

Barry procurou falar:

— Oh! Escute, Mary! — Começou com acento de quem procura convencer a outrem. — Não quero que você fique aqui e perca um passeio e goze de um inverno tão ameno, simplesmente porque eu tenha de suportar refeições em alguma pensão. Nem serei mesmo obrigado a isso. Quando eu estiver enfadado de alimentar-me em cozinhas comuns, irei bater à porta das casas de nossos amigos. O senhor me convidará a jantar em sua casa, de quando em quando, não é isso, general? Leila me disse que isso era verdade. Como vê, Mary, isso não é assim um problema tão sério, nem quer dizer que você não regresse mais a esta casa.

— Se fecharmos as portas desta casa agora, — diz ela — quer dizer isso que jamais a reveremos. Todos vocês sabem disso.

Ao pronunciar estas palavras, seu olhar acusador se fixou na tia Frances e no general.

E prosseguiu com a mesma veemência:

— Todos vocês pensam que poderiamos vendê-la; mas, se fizessemos isso, que aconteceria a Susan Jenks, ela que nos acalentou nos braços, que também foi a ama de mamãe, e que fariamos nós com tôdas velhas coisas que pertenceram a papai e a mamãe?

Tomando fôlego, sem querer perder o momento, reforçou:

— Oh! Não vêem que eu não posso deixar esta casa, ir-me embora daqui?

A essa altura interveio a tia Frances com a entonação de quem deseja restaurar a calma a uma alma inquieta:

— Mas, querida, você jamais poderá manter esta casa. Sua renda, adicionada à de Barry, dará apenas para enfrentar as suas despesas comuns e correntes. Não dará para os impostos e a administração do imóvel. Eu estou perfeitamente disposta a ajudá-la pecuniàriamente dentro de minhas possibilidades, mas julgo que é loucura empregar mais dinheiro nesta propriedade.

— Eu não lhe peço que faça inversões de fundos aqui, tia Frances. Constance me autorizou e insistiu mesmo que eu dispusesse da renda que lhe cabe e eu recusei. Não precisaremos disso. Já tomei providências de maneira que teremos dinheiro para pagar os impostos. E' que... eu já aluguei as "Chambres de la Tour", tia Frances.

Os seus maiores se entreolharam com todos os sinais do estupor no rosto. A própria Leila tira os olhos de cima de Barry e os fixa em Mary, cuja declaração causara perplexidade geral.

— Mary! — E tia Frances estava com a respiração sufocada. — Quer então dizer que pensa em admitir inquilinos aqui?

— Apenas um, tia Frances, e é pessoa respeitável. Publiquei um anúncio e êle veio, trazendo referências bancárias.

— Mary?! E é um homem?...

A jovem acena afirmativamente com a cabeça.

— Naturalmente que não me serviria uma mulher, para estar se metendo em tudo e em volta de mim. Fixei o preço de aluguel do apartamento exatamente dentro da soma de que precisarei para cobrir as necessidades dêste ano o que foi aceito pelo pretendente.

Mary se vira para um lado e toma de sôbre a mesa um papel impresso.

— Aqui está como redigi o anúncio — diz ela — do qual recebi vinte e sete respostas. Esta aqui foi a que me pareceu a mais interessante.

Mary estendeu o papel a tia Frances, que o pegou e, ajeitando o lorgnon incrustado de diamantes, leu:

"Para alugar. Apartamento de duas peças e quarto de banho. Com biblioteca de "gentleman", em casa situada numa colina dominando a cidade. Própria para um estudioso ou um erudito".

— Julgo, disse Mary logo que a tia terminou a leitura — julgo que a parte concernente à biblioteca de "gentleman" foi uma inspiração. Foi a isca que a todos atraiu.

O general parecia rir para dentro. Depois falou:

— O que está feito, está feito. Deixe-a realizar o negócio a seu jeito, Frances. E' uma cabeça de homem que está sôbre essas espáduas.

Tia Frances se volta para o general.

— Mary me fala numa linguagem que me parece a de uma independência muito nova. E ela não pode ficar sòzinha aqui. Não poderá, repito. Não pode permanecer aqui sem a companhia de uma mulher mais idosa nesta casa.

— Mas eu desejo ter comigo uma mulher mais velha do que eu! Oh! tia Frances, peço-lhe que ela seja tia Isabelle!

Mary elevara a voz de tal maneira que tia Isabelle percebera que falaram dela. E indagou:

— Que quer ela, Frances?

— Quer que você fique com ela aqui!

Antes que a irmã surda lhe respondesse, tia Frances raciocinou com rapidez: "Não seria mau isso. Era sempre um problema conduzir tia Isabelle quando ela, tia Frances e a filha viajavam. Se a deixassem em Nova York, ficariam preocupadas com a saúde de Isabelle, podendo-se censurá-las por terem deixado a velhinha adoecer alí". E repetiu para a outra:

— Mary quer que você viva aqui, com ela. Enquanto estivermos na França, gostaria você de passar um inverno em Washington?

O amável semblante de tia Isabel se iluminou.

— Deseja, verdadeiramente, me ter ao seu lado, querida? — Perguntou a Mary com sua voz meiga.

Desde muito tempo que tia Isabelle não experimentava o sentimento de que alguém a desejava ter ao seu lado. Sempre lhe pareceu que, após a doença que lhe afetou profundamente a audição e a colocou num mundo de silêncio, sua presença era apenas suportada, mas não desejada.

Mary se lançou nos braços da velha solteirona, e lhe enlaçou o pescoço num gesto afetivo.

— Aceita, tia Isabelle? — Perguntou ela. Constance também vai esquecer-me, e se fico com a senhora ao meu lado, isso será o mesmo que ter minha própria mãe comigo.

Ninguém soube como bateu apressado o coração daquela mulher sob o casaco cinza prateado. Tia Isabelle tinha menos doze anos que sua irmã Frances, ou seja a idade de quarenta e oito anos. Mas era de compleição franzina, enquanto a outra era bem nutrida e de corpo ereto como a haste de uma planta vigorosa. Tia Isabelle era dada a carinhos e muito sensível à afabilidade. Gostava de ser estimada, acarinhada, e alí estava Mary, com tôda a sua juventude e sua beleza, prometendo-lhe estas ternuras. Foi emocionada que ela respondeu:

— Quero-a junto a mim, querida, bem como a Barry e Susan Jenks.

Mary ria de alegre, e tia Isabelle também sorria, embora procurasse fazer esforços para deter a onda de contentamento que lhe ia nalma, ocultando de seu rosto aquela alegria selvagem que parecia tomar todo o seu ser.

— Isso não lhe causa aborrecimentos, não é verdade, Frances? — Pergunta à irmã.

Tia Frances se ergue e sacode a saia côr de âmbar:

— E' claro que sentirei isso.

Elevando a voz de modo sensível, falou em tons de uma dignidade fria:

— Sentirei, em verdade, que nem você, nem Mary venham comigo neste inverno. Terei que fazer a travessia completamente só. Mas Grace virá ao meu encon-

RESUMO DA PARTE JA PUBLICADA

May Ballard era a proprietária de grande solar, tipo acastelado, onde morava em companhia de umas tias e irmãos. No dia do casamento de sua mana Constance, ela recebeu, à revelia da família, o sr. Rooger Poole, que ali fôra atraido por um anúncio sôbre cômodos a alugar do mesmo castelo. Mary podia alugar um dos apartamentos do edifício, uma vez que era a dona do prédio, embora isso trouxesse contrariedades aos seus maiores. Recebendo às escondidas o futuro inquilino, já em cima da hora da cerimônia, todos de casa ficaram preocupados com a sua ausência, até que começaram a gritar por ela. Mary deixou o visitante e retornou ao salão onde pululavam os convidados. Mr. Poole se retirou depois de ter fechado o negócio com a jovem.

Mary ainda não se sentia desolada com a ausência da irmã Constance; mas tudo indicava que dias amargos se aproximavam. Mary encarava o mundo com absoluta indiferença e não se decidira a amar ninguém com a paixão que gera o sacrifício. Era voluntariosa e isso causava à sua tia Frances constantes motivos de rusgas domésticas.

Quando Constance teve que deixar o castelo, seguindo em viagem de núpcias com o espôso, Mary concebeu a idéia de fazer-se ouvir nos negócios da casa e sua diferença com tia Frances começou quando esta lhe disse que Mary precisava ir para Nice.

eita

tro em Londres. Êle deve ir até lá para ver Constance, e eu deverei estar lá a fim de orientar o novo par diante do mundo. Eu julguei que Mary desejasse também ver Constance.

Mary suspirou profundamente:

— Claro que muito desejo vê-la; mas é preciso também pensar em Barry, e, durante êsse inverno, pelo menos, meu lugar é aqui.

Nesse instante, ao fundo da sala se ouviu a voz de Porter Bigelow:

— Como é o nome do seu locatário, Mary?

— Roger Poole.

— Há uns Poole no parque Grammercy, diz tia Frances; não sei se é da mesma família.

Mary moveu a cabeça:

— Êle é do sul.

— Eu julgava, — disse Porter lentamente, — que você, primeiramente, desejasse colher mais completas informações a respeito do novo inquilino, além das referências bancárias, antes de recebê-lo em casa.

— Por quê? — Pergunta Mary.

— Porque pode tratar-se de um malandro, de um gatuno.

Poter falava com certa pretensão. Por sôbre as cabeças dos outros, seus olhos se cruzaram.

— Êle não é nem uma coisa, nem outra! — Disse Mary. Eu reconheço um gentleman quando olho para um cidadão e vejo que assim é, Porter.

Os olhos de Mary brilhavam de intensidade.

— Oh! E' assim? Muito bem. Por minha parte eu desejaria muito mais que você fôsse para Nice, Mary.

Capítulo III

No dia em que Roger Poole chegou à nova morada, uma semana mais tarde, na grande casa da colina, chovia a cântaros.

O novo inquilino trazia, êle mesmo, sua bagagem e foi introduzido na porta principal do andar terreo, por Susan Jenks. Seu rosto moreno, risonho, lhe dava, imediatamente a impressão de que já era uma pessoa da casa. Ela o precedeu através do vasto hall e até ao alto da escadaria, a velha empregada o conduziu, compenetrada de que cumpria o seu dever de pessoa de confiança, de respeito e tradição, metida naquele vestido negro.

Passando por todos aquêles que conhecera na noite das núpcias, verificou Roger que a casa perdera todos os seus reflexos radiosos. As flores já não mais estavam alí, e as escadas por onde subiam e desciam as damas no fru-fru das sêdas e da elegância, apresentavam-se com os sinais de sua vetustez, quando olhados mais de perto. Os tapêtes eram usados e consertados.

Mas quando Susan abriu a porta do apartamento das "Câmaras da Tôrre", Roger recebeu os afagos do ar tépido e da claridade. Alí estava a luz das chamas que bailavam na chaminé, bem como a de uma luz protegida por abajur sôbre um móvel. Na mesa, ao pé dessa lâmpada, havia um jarro com jacinto côr de rosa, cujo perfume embalsamava o ar. A saleta interior já não era mais um "boudoir" rosa, mas um lugar apropriado ao descanso e meditação de um homem, provido de mobiliário substancial, com simplicidade e ausência de inutilidades.

Roger passou a examinar seus domínios. Era o soberano daquilo tudo. Lá estava uma grande cadeira preguiçosa para que êle repousasse; a lareira era sua e assim a lâmpada, bem como tudo o mais que por alí estavam a ornamentar as paredes, inclusive a livraria selecionada e culta.

Êle voltou à sala interior. Os candelabros de cristal haviam sido retirados, bem como as fotografias emolduradas de marfim e prata; mas, sôbre a chaminé se via a reprodução de um Corot, e um outro sôbre pequenina mesa. Sôbre esta, uma lâmpada elétrica com abajur verde e uma revista recente, bem como um exemplar da bíblia encadernado em couro e já usado.

Quando êle estava, de pé, a olhar a pequenina mesa, experimentou agradável sensação de segurança após a tempestade. Lá fora reinava o mau tempo dentro do maior rigor da chuva e do vento, a bater nas vidraças e nas janelas com a fúria das tempestades. Mas alí dentro, notava-se a presença de uma hospitalidade que confortava o coração. Nada havia sido colocado ao acaso no arranjar dos móveis e na disprèviamente ordenado para servir de refuprèviamente ordenado para servir de refúgio a algum hóspede de honra.

Lá em baixo Mary procurava explicar à tia Isabelle:

— Vou mandar Susan levar-lhe o café. Êle deve almoçar lá na cidade e Susan lhe servirá o café em seu quarto. Mas eu acho que o café, esta noite, depois da chuva, lhe será muito agradavel.

Tia e sobrinha jantavam na sala de refeições. A mesa tinha sido posta para três, mas Barry não viera. O jantar constara de pratos simples mais nutrientes: uma suculenta sopa, peixe grelhado, salada e café. Era assim que Mary e Susan Jenks equilibravam as despesas em face das rendas. A boa sorte de cozinhar de Susan completava a seleção gastronômica de Mary, conseguindo-se com o mais simples menu, uma verdadeira festa.

— Que faz na vida êsse senhor, minha querida?

— O Sr. Poole? E' do Ministério das Finanças. Mas penso que se ocupa de estudos. Êle se mostrou tão interessado em ter à sua disposição os livros da biblioteca...

— Os livros de teu pai?

— Sim. Eu os deixei todos lá em cima. Até a velha bíblia de meu pai. Parece-me que, quando nos sentimos muito fatigados ou muito sòzinhos, a velha bíblia nos fornece páginas que nos convêm.

(*Continua no proximo número*)

Tradução de RENATO DE ALENCAR
Ilustração de JERÔNYMO RIBEIRO



ROMANCE NO HUDSON



























O GUARDA, ÊSSE ABNEGADO!

ÊSTE E' UM guarda-sinaleiro de trânsito, na Praça do Patriarca, dirigindo, com proficiência, o intenso movimento.

O QUE É O GUARDA CIVIL DE SÃO PAULO

POR QUE O POVO O ESTIMA E RESPEITA ★ FAÇA SOL OU CHUVA, ÊLE ESTARÁ NO SEU PÔSTO, PRONTO A ATENDÊ-LO ★ O CORPO DE INTÉRPRETES PRESTA VALIOSOS SERVIÇOS AO NOSSO INTERCÂMBIO INTERNACIONAL ★ QUANTAS SÃO SUAS ATIVIDADES ★ NÃO SE ACEITAM CANDIDATOS NERVOSOS ★ "SAQUE A ARMA SÓ EM ÚLTIMA HIPÓTESE. POR ISSO VOCÊ TEM AULAS DE DEFESA PESSOAL E DEVE CONFIAR EM SI MESMO ★ "AO FALAR COM UM CIDADÃO TOME POSIÇÃO DE SENTIDO, POIS ÊLE É SEU SUPERIOR" ★ POR QUE AS CRIANÇAS GOSTAM DOS GUARDAS CIVIS ★ COMPLETARÁ 25 ANOS, NO DIA 22, A GUARDA CIVIL DE SÃO PAULO

Texto de
DOMINGOS DE LUCCA JUNIOR

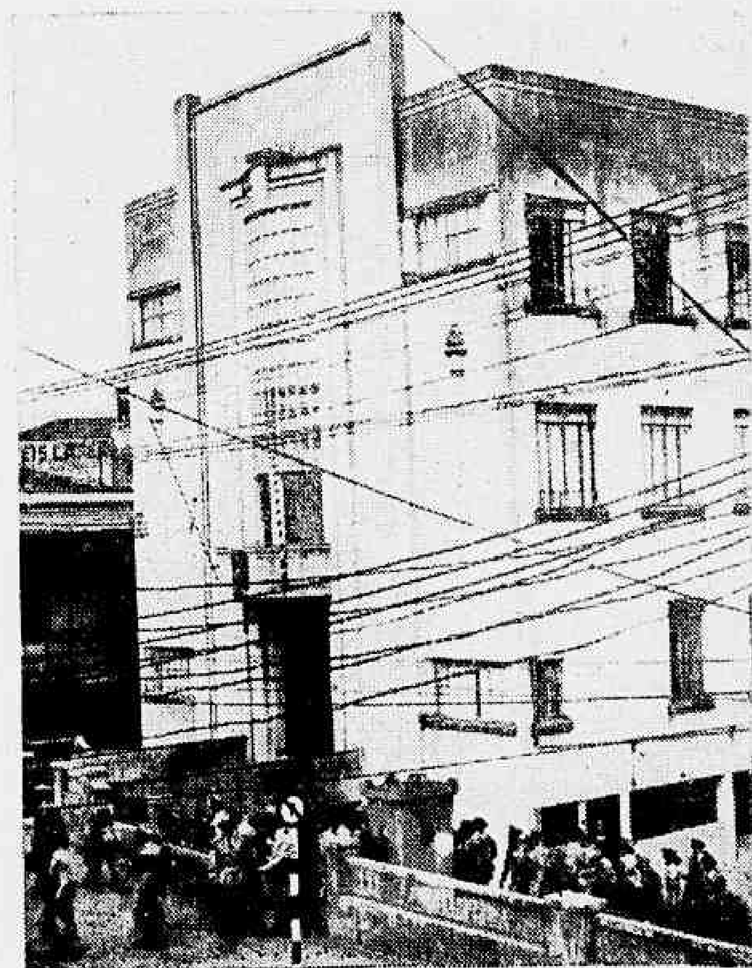
Fotos de
DARIO TERINI

São Paulo — outubro

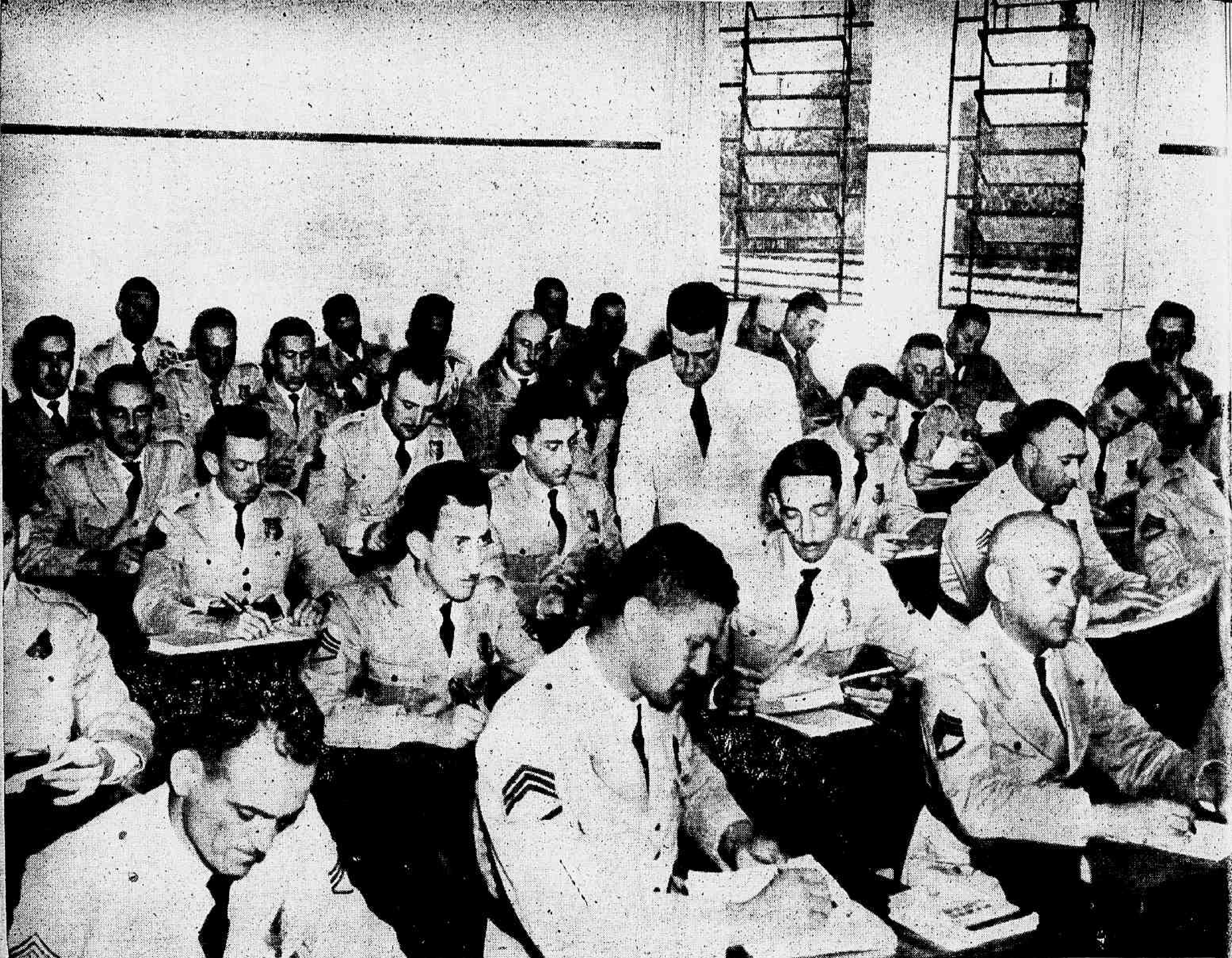
Dizem que quando um jornalista escreve sôbre polícia é para desprestigiá-la e desmoralizá-la. Não acreditamos nisso, pois observamos um código de ética todo nosso, inviolável, que prima pela honestidade do que escrevemos, pela veracidade dos fatos que, a qualquer momento, poderão ser confirmados e provados.

Poucos conhecem a história da Guarda Civil de São Paulo e, nesse rol, incluem-se os paulistas, que tanto estimam e respeitam os componentes dessa corporação e que vêem em um guarda civil não um policial autoritário e amedrontador, mas um amigo, como o deveriam ser os policiais de qualquer milícia. Isso, infelizmente, não acontece; tivemos e teremos, ainda, oportunidade de provar, porquanto em sua maioria, outras corporações policiais primam pela brutalidade, pela exorbitação de sua autoridade e pela implantação do terror policial.

Não há dúvida que há também, guardas que desrespeitam as boas normas. Todavia, êsses, graças aos regulamentos da Guarda Civil, pouco duram em seus quadros, porque ela, ao invés de manter



SEDE da Escola de Polícia de São Paulo, antigo Colégio Anglo-Latino, idéia atacada e hoje louvada



GUARDAS-CIVIS em aula na Escola de Polícia de São Paulo. Sargentos preparando-se para exames de promoção a Sub-Inspetores. O nível de ensino é bastante elevado, e os policiais se estão transformando em membros de uma das melhores tropas de polícia civil do Brasil, graças ao preparo técnico moderno.



O POVO confia nos guarda-civis, pois está habituado a vê-los em todos os lugares onde sua presença se faz necessária para manter a ordem, prender criminosos ou entregar aos pais uma criança que se perde.

uma dispendiosa polícia militar, xadrezes para os guardas, etc., age de maneira diferente e mais objetiva. O guarda que erra, é punido imediatamente e pode ser acusado por qualquer popular, carregando, para sua melhor identificação, um distintivo numerado ao peito. Essas punições variam da suspensão à exoneração e outras medidas, como o desconto dos dias de suspensão no sôldo mensal, o que faz do guarda mais um ser humano cônscio de suas responsabilidades e dos direitos do povo do que um simples policial.

CORTESIA, EDUCAÇÃO E HUMANISMO

Não pretendemos, nesta reportagem, fazer apologia da Guarda Civil de S. Paulo nem lhe atribuir predicados que não possua. O melhor juiz para as nossas palavras será o paulistano, que está em diário contato com êsses policiais. Contaremos, apenas, a história da corporação que comemorará, no próximo dia 22 do mês em curso, 25 anos de serviços prestados à população do Estado.

Êsses representantes da lei são, além de tudo, homens treinados para servir o povo. Não são policiais de tropas de choque, não são homens que passam os dias em quartéis marciais treinando ordem unida ou tiro ao alvo. São cidadãos comuns, pais de família, trabalhando pela manutenção da ordem e pelo progresso da cidade.

Trabalham nos mais diferentes setores da atividade policial e, durante as 24 horas do dia, são vistos pelos cidadãos em seus postos de serviço. Rondam a cidade, dirigem o trânsito, conduzem rádios-patrulhas e ambulâncias, fiscalizam as rodovias, dão serviço nos aeroportos, estações rodoviárias e ferroviárias e prestam seus serviços onde quer que sejam solicitados.

Sob o sol ou sob a chuva, durante a guerra ou durante a paz, no centro ou nos bairros longínquos, trabalham pela segurança dos cidadãos que pagam seus impostos.



DOIS POLICIAIS recém aprovados nos exames, recebem ordens do controlador da R.P. na Central da Polícia.



ASPIRANTES à Guarda-Civil de São Paulo, submetidos a testes regulados a cronômetro pelo inspetor-examinador.

Quando há conflitos nos locais de diversão noturna, nas ruas ou nos cafés, é o guarda que intervém, com calma e segurança. Não grita, não saca cassetete, não amedronta. Procura, apenas, serenar os ânimos, não criar tumulto, defender a calma e o direito que cabe aos outros cidadãos alheios ao acontecido. Nunca precipitam os fatos e, raramente, usam de violência, pois o povo os estima.

A HISTÓRIA DA GUARDA-CIVIL

A fundação da Guarda Civil de S. Paulo data de 22 de outubro de 1926, quando era presidente do Estado Carlos de Campos. Sua criação foi motivada pelo desenvolvimento da Capital que, então, contava com cêrca de 800 mil habitantes, vendo as autoridades necessidade da criação de uma corporação com caracteristicas civis, para melhor servir ao povo, a exemplo do que já existia nas grandes capitais do mundo.

Desde a sua criação, a Guarda Civil de São Paulo teve sob a sua responsabilidade o policiamento da cidade e a fiscalização dos locais de diversões públicas e, dois anos depois, pela primeira vez, no Brasil, efetuava-se, com guardas civis, o policiamento de nossas estradas de rodagem.

Com o andar dos anos, outras atribuições ficaram afetas à essa instituição, salientando-se o serviço de Rádio-Patrulha — do qual S. Paulo foi o pioneiro, na América do Sul — que, desde a sua criação, ficou sob os cuidados da G.C.

Hoje, com maior crescimento da Capital e das cidades do interior, a Guarda ampliou seu campo de ação, estando a seu cargo o policiamento das ruas, dos locais de diversões públicas, das repartições públicas federais, municipais e estaduais, das estações rodoviárias aeroviárias e ferroviárias(onde funciona um corpo especializado de intérpretes), das estradas de rodagem, onde executam, também, serviços de fiscalização dos transportes de cargas e, ainda, sob seus cuidados está

O QUE É A GUARDA CIVIL DE SÃO PAULO

a direção do trânsito da Capital, a proteção dos escolares, pronto socorro, etc.

O efetivo dessa corporação é de 3.995 homens, distribuídos na Capital e em algumas cidades interioranas, como Santos, Campinas, Bauru, Presidente Prudente, Sorocaba e outras.

Êsse efetivo, todavia, já não é satisfatório para o policiamento de uma cidade com quase dois milhões e meio de habitantes e precisaria, no mínimo ser duplicado para atender às minimas necessidades de S. Paulo. Aliás, segundo informações que nos foi prestada, a direção da Guarda Civil vem solicitando, aos Poderes Competentes, aumento da verba que lhe é destinada, a fim de ampliar seus quadros.

O PAPEL DA GUARDA CIVIL NA GUERRA

E, tanto na guerra como na paz, a Guarda Civil tem cumprido religiosamente com seus deveres, pelo que, tanto o povo como o próprio Exército Nacional, lhes devem um preito de homenagem. Por ocasião da última conflagração mundial, exatamente a 11 de abril de 1944, foi formada, por elementos da Guarda Civil de S. Paulo, a Policia Militar da FEB que, após três meses de treinamento na Capital da República, embarcou para os campos da Itália, a 30 de junho do mesmo ano, acompanhando o 1º Escalão Expedicionário.

O Pelotão da Policia Militar era formado ùnicamente por elementos da Guarda Civil, estando sob o comando de um major, um capitão e três tenentes do Exército. No entretanto, com a chegada de novos escalões ao "front" italiano, êsse pelotão foi transformado em uma Companhia de Policia Militar, completada com elementos das tropas do Exército.

Em ação, no teatro de operação de guerra, a Companhia de Policia Militar teve 42 homens fe-



E' TRADICIONAL a solicitude dos guardas-civis de S. Paulo, conscientes de que tôdo o seu trabalho é para o povo.



EM DIAS de festa os guardas-civis demonstram seu grau de aperfeiçoamento na Escola e exibem exercícios de defesa pessoal. A técnica é perfeita e os movimentos uniformes. E' claro que, na realidade, são mais agressivos e executam os golpes com muito mais violência do que em se tratando de demonstração para o público.

ridos e três mortos, sendo, os feridos, 38 guardas e 4 soldados e, os mortos, 2 guardas e um praça.

Na Itália, cumpria à Cia. de P.M. manter a disciplina das tropas em descanso, nas cidades, a fiscalização do tráfego de veículos do "front" para a retaguarda, e vice-versa, o transporte de prisioneiros, o contrôle de espiões civis, etc.

Além dos elementos que perderam a vida ou ficaram feridos nos campos de luta, consta, das páginas da história da corporação, grande lista de nomes dos que tombaram no cumprimento do dever nos mais diversos pontos do nosso Estado. Cabe ressaltar aqui o homicídio de 3 guardas, por um soldado alucinado, no dia em que se festejava o 13º aniversário da Guarda Civil de S. Paulo e, recentemente, a morte trágica de outro, que pereceu no pavoroso incêndio do Edifício Ilas, na Av. São João, quando tentava salvar uma senhora residente num dos seus últimos pavimentos.

COMO SE FAZ UM GUARDA-CIVIL?

Para ingresso na Guarda Civil de S. Paulo é necessário que o aspirante preste um exame de admissão, no qual está incluído português, aritmética, exame rigorosíssimo de saúde, testes psicotécnicos e exame nervoso.

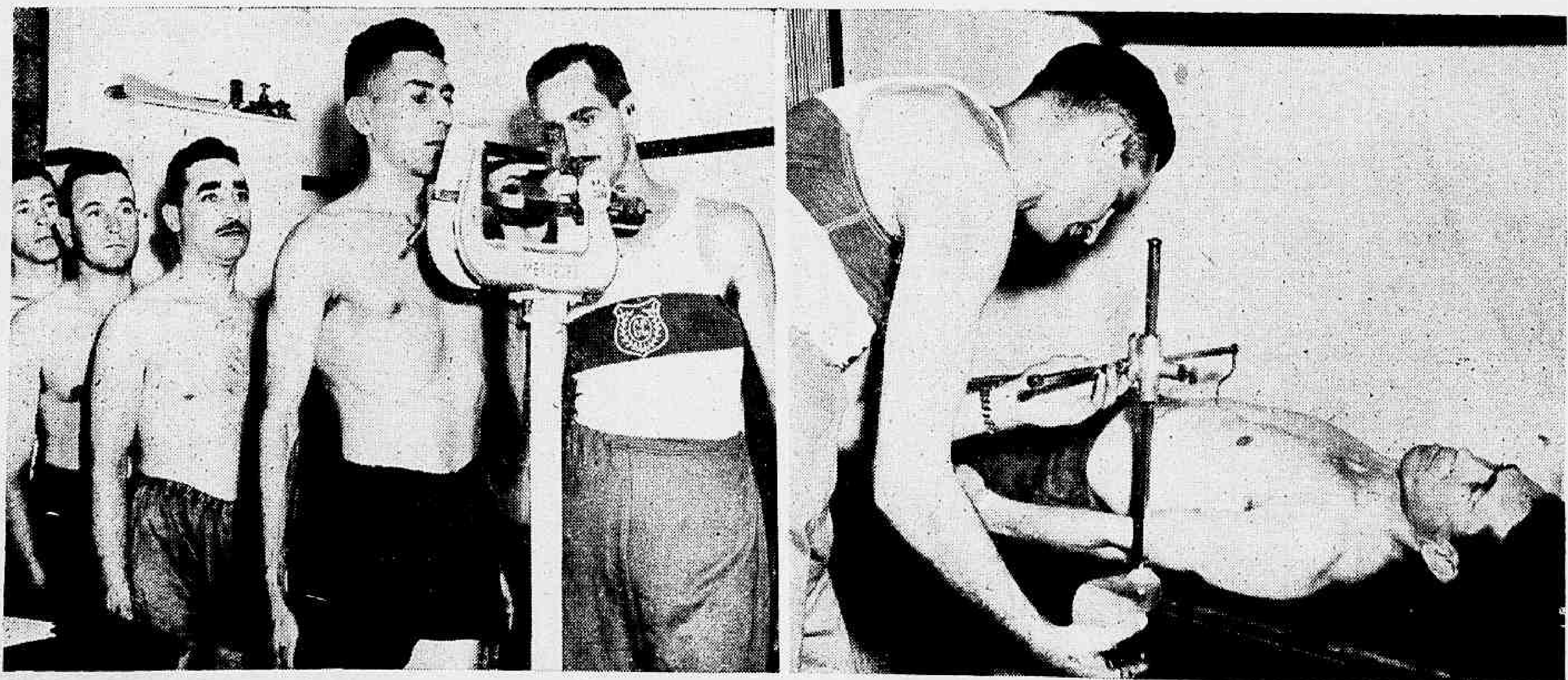
A sua direção, orientando-se nos moldes do moderno ensino policial, escolhe seus homens a dedo e, dentre êstes, os extremamente calmos. O guarda precisa ter completo contrôle nervoso, pois vimos um candidato que, aprovado em todos os demais testes, foi reprovado no de nervos.

Ao recruta é ministrado um curso intensivo de 120 dias, no qual recebe instruções de trânsito, conhecimentos sôbre a cidade, aulas de português e aritmética, educação física, defesa pessoal, etc.

Existem outros cursos, destinados à carreira na corporação, sendo facultado a qualquer guarda civil o acesso aos mais altos postos da direção, mediante o comparecimento às aulas e os respectivos exames de promoção.

Êsses policiais aprendem, também, organização policial, locais de crime, educação moral e cívica, noções de Direito Constitucional, rudimentos de Cri-

(Cont. na pág. 54)

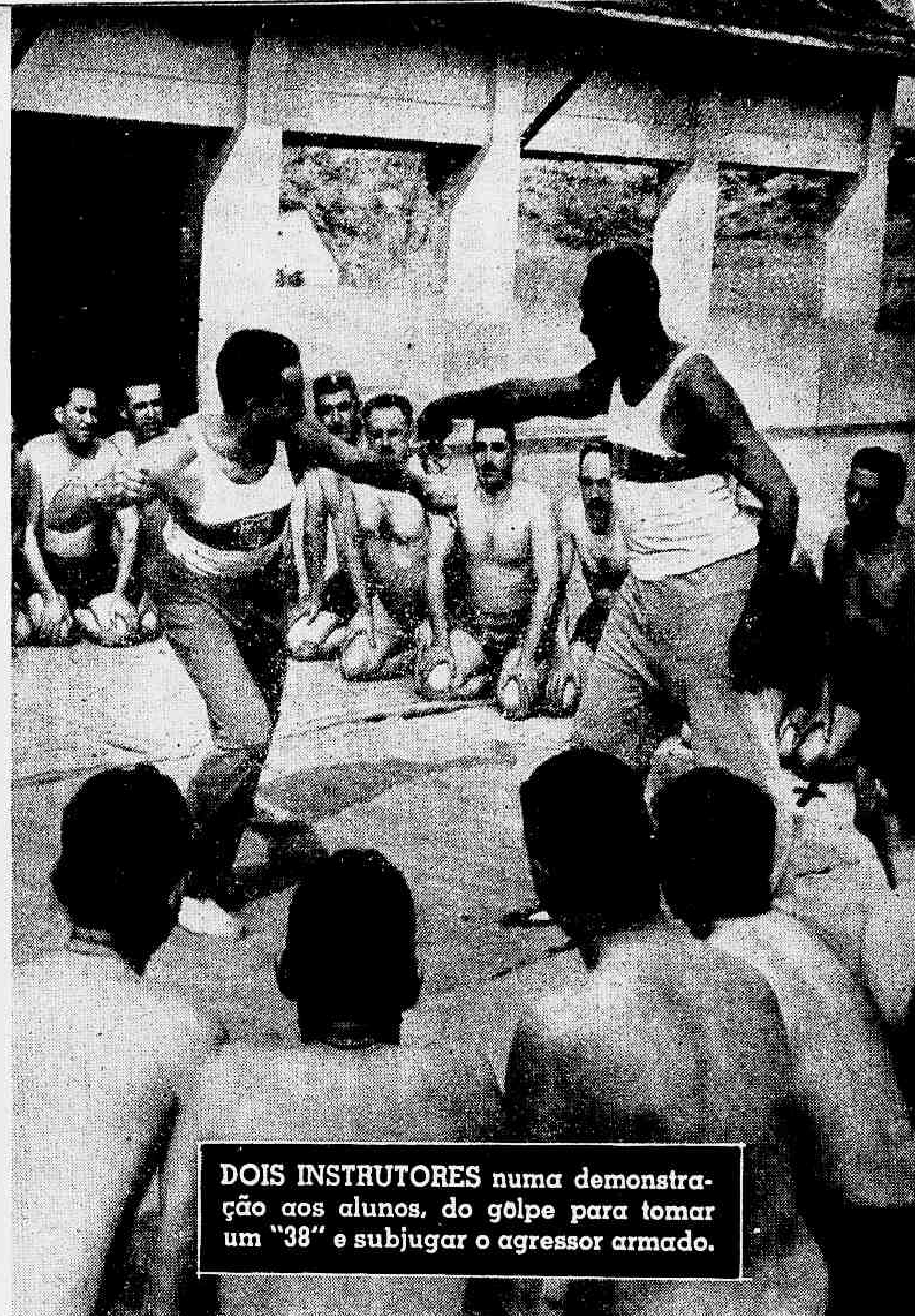


O EXAMINADOR de educação física pesa os guardas, a fim de determinar-lhes a proporção antropométrica. Quem está engordando, emagrece; quem emagrece, engorda.

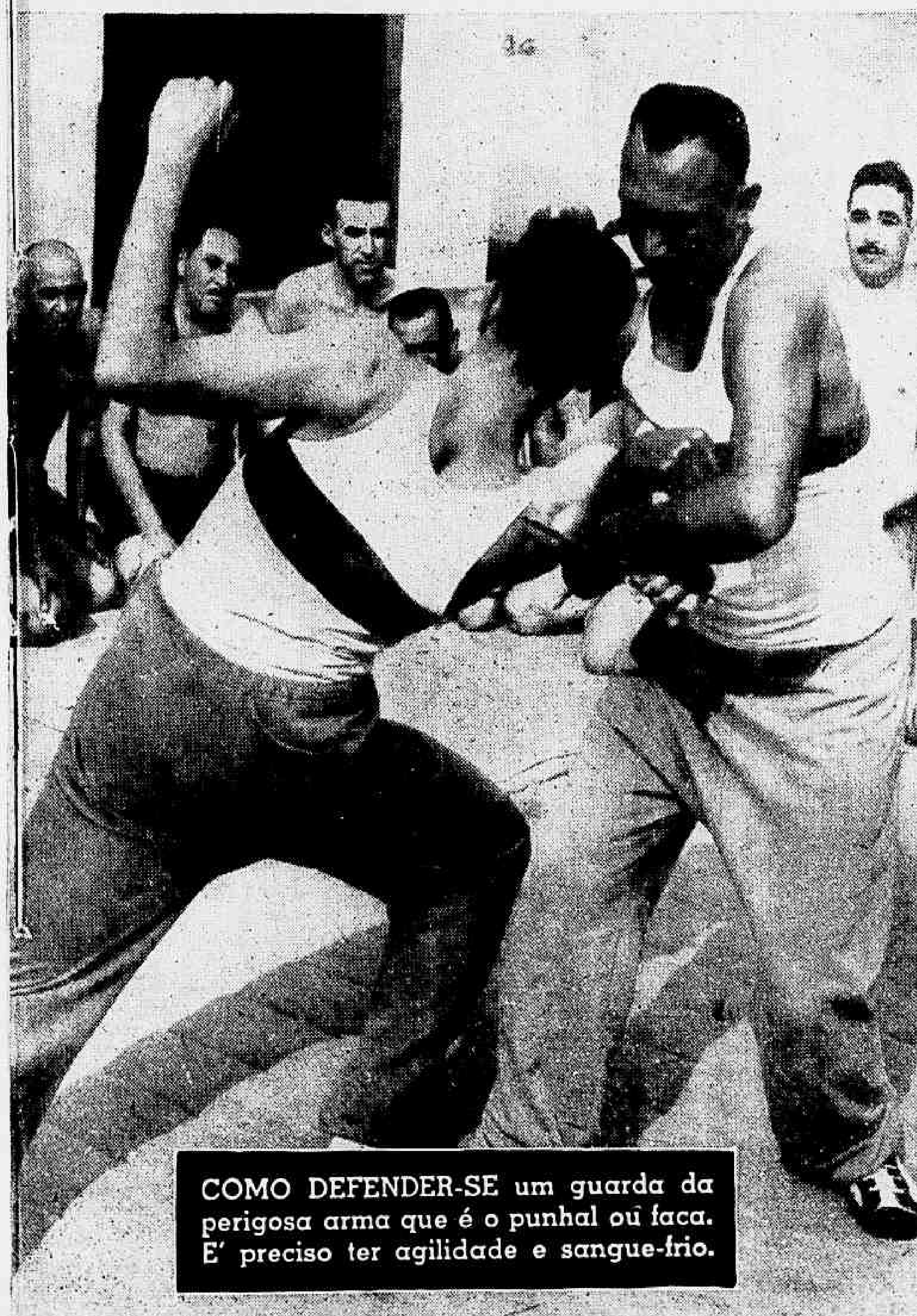
O GUARDA-CIVIL tem que ser um homem forte, capaz de suportar qualquer tempo. Por isso é rigoroso o exame barométrico, medindo-se torax, fôrça, resistência, etc.



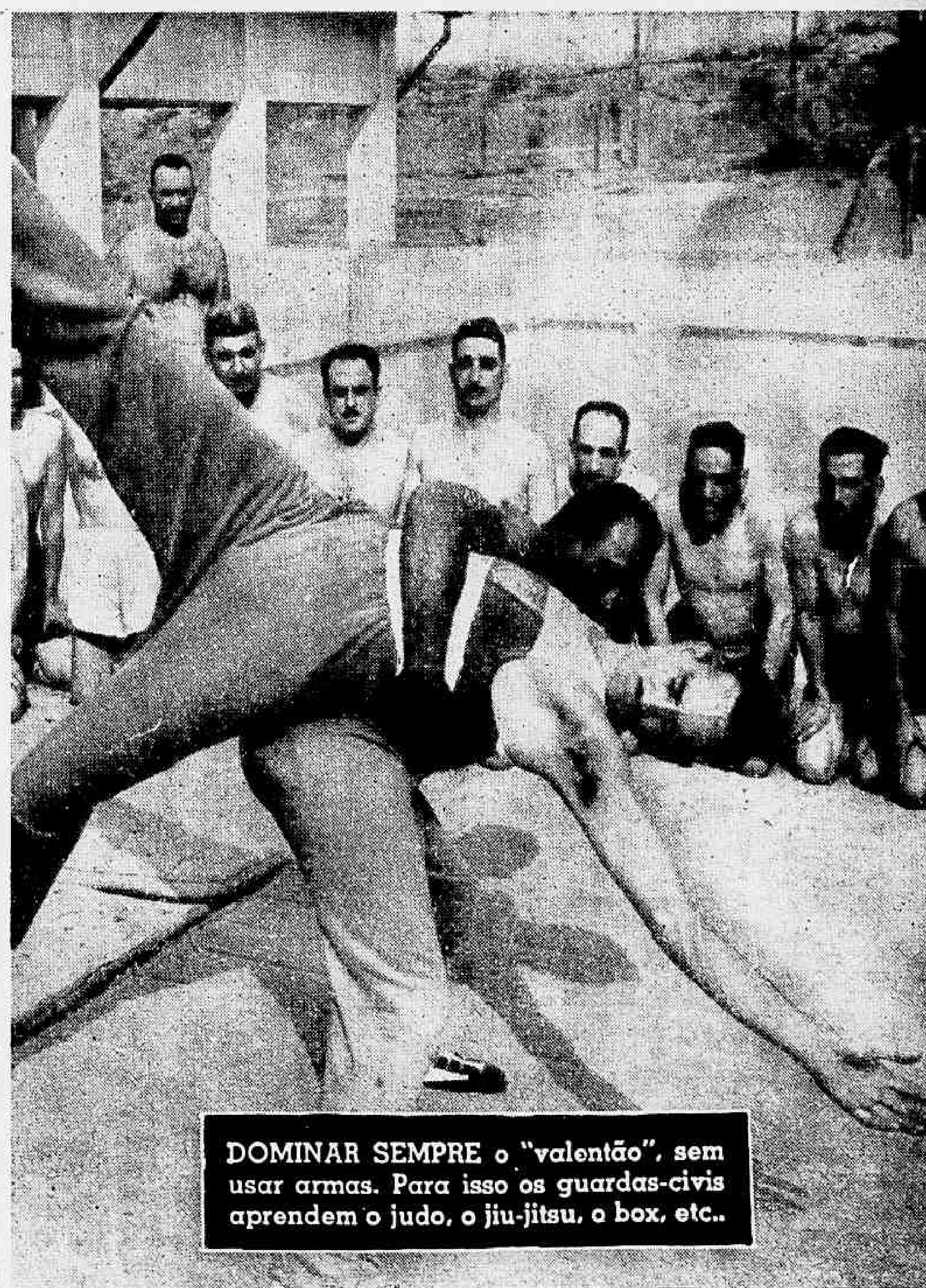
A DEFESA PESSOAL do guarda-civil é fator essencial para o êxito de sua missão como sentinela da sociedade.



DOIS INSTRUTORES numa demonstração aos alunos, do gôlpe para tomar um "38" e subjugar o agressor armado.



COMO DEFENDER-SE um guarda da perigosa arma que é o punhal ou faca. E' preciso ter agilidade e sangue-frio.



DOMINAR SEMPRE o "valentão", sem usar armas. Para isso os guardas-civis aprendem o judo, o jiu-jitsu, o box, etc..

O DIARIO DE JAMES FORRESTAL

CRISE COM A IUGOSLÁVIA

NA metade de 1946, menos de um ano depois da vitória do Pacífico, a situação internacional era tão alarmante que Forrestal, conversando com o Secretário da Guerra Patterson, disse-lhe "que achava conveniente que êle convocasse uma reunião com os chefes administrativos, com a presença da Secretaria do Estado, caso fôsse possível, para que fôsse discutida a situação na Europa". Essa reunião foi realizada, mas convocada pelo Presidente, no dia 11 de junho. Era evidente: — "Os russos estão reduzindo suas fôrças nos Balkans e, em compensação, aumentam as que se encontram na região setentrional da Alemanha. Isso vem acontecendo há algumas semanas e os esforços são bem melhores. As tropas inglêsas e americanas não estão preparadas para uma resistência e nem tão pouco a Turquia e a França. Quanto à Espanha, foi declarado que ela possue apenas seiscentos mil homens que se encontram nas guarnições ou para uma emergência". São êstes os elementos com que se pode contar. No caso de uma crise, Eisenhower acha que as tropas americanas, que se encontram na Alemanha, devem ser retiradas pròvàvelmente para Hamburgo e "é de opinião que tal manobra poderá ser feita sem sofrermos pesadas perdas", mas Leshy, que acaba de regressar de Londres, não está de acôrdo. Qualquer que fôsse a decisão tomada nesse sentido, Forrestal não anotou.

Forrestal decidiu verificar pessoalmente a situação. Partindo de avião de Washington, no dia 24 de Junho, assistiu à 1º de julho, em Bikini, à prova da bomba atômica e, em seguida, continuou a viagem à volta do mundo. Em Tóquio avistou-se novamente com o General MacArthur.

10 de julho de 1946 — Viagem a Tóquio

MACARTHUR disse que, no Japão, ninguém se sentia mais feliz com a emancipação do que o imperador...

Os russos não desejam que o Japão venha a ser novamente uma nação industrial, pelo menos enquanto puderem controlá-lo. "O Japão", disse o general, " tem que ser encarado como sentinela avançada do Ocidente para a sua defesa. Embora o govêrno central da China não seja o melhor do mundo e embora Chiang-Kai-Shey seja tudo que dêle já disseram, estão ambos do nosso lado e são merecedores do nosso auxílio". Na opinião de MacArthur, Marshall simplificiu de algum modo o problema chinês e a possibilidade de ser encontrada uma solução em pouco tempo para o caso. Sente-se também grato pelo auxílio que lhe tem prestado o Secretário Byrnes, o mesmo não podendo dizer quanto aos outros encarregados da Secretaria de Estado...

Os dois grandes ideais que o faziam crêr na oposição que a América vinha fazendo, na sua cruzada contra o Comunismo, eram: a) liberdade de ação e de pensamento; b) cristandade. Acrescentou que na véspera tinha lido no Novo Testamento, de Gethsemani a paixão e agonia de Cristo e sentiu que nunca compreendera perfeitamente a razão de descrição tão minuciosa, mas, assistindo nos anos que passam à agonia e a miséria do mundo, êle agora percebia que no Testamento encontra-se a lição que todos nós devemos aprender: Cristo, embora crucificado, não deixou de triunfar.

Mostrou grande admiração pela atitude do Secretário Byrnes durante as negociações em prol das relações com a Rússia, no ano passado... Criticou e menospresou os que êle chama de "jornalistas da ala esquerda da imprensa americana". Êles estão, disse MacArthur, "fazendo o jôgo dos comunistas, conscientemente ou não, contra os interêsses do próprio país..."

PIORA A SITUAÇÃO INTERNACIONAL E FORRESTAL FAZ UMA VIAGEM À VOLTA DO MUNDO ★ DO SEU RELATÓRIO: "AINDA NÃO ESTÁ FERVENDO" ★ PROVIDÊNCIAS DE ÚLTIMA HORA NÃO CONSEGUEM ALTERAR O DISCURSO DE WALLACE EM NOVA YORK ★ HENRY WALLACE É FORÇADO A SOLICITAR SUA DEMISSÃO

Tradução de OCTAVIO A. DE AZEVEDO

(Exclusividade para o Brasil adquirida pela REVISTA DA SEMANA — Interditada a reprodução no todo ou em parte)

Acha Forrestal que MacArthur "está fazendo um ótimo trabalho no Japão". Estêve com Marshall na China e chegou também à conclusão de que a obra dêste é notável e que está trabalhando arduamente". As impressões de Forrestal a respeito da Índia e da Itália são ligeiras. Na Alemanha, teve ocasião de ouvir o General Lucius D. Clay, que expoz a sua teoria, isto é, "que devemos ser enérgicos com a Rússia e ao mesmo tempo tratá-la com muita delicadeza". Em Londres, estêve com Harriman, que lá se encontra como nosso embaixador e, em conversa, lhe dissera êle que, no momento, o govêrno britânico tem êstes dois pontos capitais: grande disposição para cooperar com os Estados Unidos, tanto no militarismo como na diplomacia, e receio do nosso poderio econômico. Os inglêses temem uma outra depressão nos Estados Unidos.

A CRISE EUROPÉIA ESTA MAIS TENSA

FORRESTAL evidentemente avistou-se e conversou com muitos outros personagens na sua viagem e um mês depois, no dia 24 de julho, regressava à Washington. Suas conclusões parecem claras, segundo se verifica de uma carta, datada de 14 de agôsto, que êle dirigiu a um amigo, Palmer Hoyt: 'Dou-lhe em quatro palavras o resumo da análise mundial: **"ainda não está fervendo"**.

E pouco depois a situação piorou, quando, nos dias 18 e 19 de agôsto, os combatentes iugoslavos abriram fogo contra um avião americano, que voava perto ou sôbre o território iugoslavo, e derrubaram um outro, cuja tripulação pereceu. A Iugoslávia ainda não se tinha libertado do jugo, como satélite soviético, e a crise estava para ser declarada.

21 de agôsto de 1946 — O Almirante Nimitz

O almirante Nimitz chegou às três horas da tarde para prestar informações a respeito da conversa que teve com Eisenhower...

Êste concorda com Nimitz no tocante a um comando geral no mundo e que se tente encontrar uma salução para o caso, assim que o Presidente regressar...

Conversaram por alto sôbre a situação do comando no caso de guerra com a Rússia. Eisenhower é de opinião que o comandante de terra na Europa seja americano... Deu assim a entender que os russos não cuidarão de uma guerra imediata. Disse também que não era de opinião que o caso dos dois aviões na Iugoslávia fôsse **motivo belicoso**... Em 21 de agôsto Dean Acheson, na qualidade de Sub-Secretário do Estado, reuniu os chefes administrativos do seu setor, para discutirem e encontrarem meios para que os aviões americanos, em serviço na linha austro-italiana, perto da Iugoslávia, fôssem escoltados por caças. Por meio dessa reunião obtivemos tudo o de que necessitavamos para reforçar o protesto enérgico que enviámos ao govêrno de Tito, na Iugoslávia.

A MARINHA "EXTREMAMENTE FRACA"

22 de agôsto de 1946 — Reunião dos Chefes

PEDI hoje à tarde ao almirante D. C. Ramsey, vice-chefe das operações navais, para fornecer-me alguns dados ligeiros sôbre a nossa capacidade naval no caso de qualquer eventualidade na Europa. A Marinha encontrase desprevenida em virtude da ràpida desmobilização e a tal ponto que a sua eficiência periga. A partir de julho, entretanto, começamos a rehaver, embora vagarosamente, as nossas fôrças eficientes. Provàvelmente a nossa unidade mais forte é a 7ª esquadra, de Cooke, no Pacífico ocidental, mas Ramsey salientou que, caso haja alguma coisa com a Rússia, é lógico que a situação se estenda até o Extremo Oriente, onde as dificuldades seriam as mesmas, tornando-se, portanto, necessário que as nossas unidades se mantenham naquelas águas. Temos um grande número de navios na esquadra ativa, mas que não podem se fazer ao mar em virtude da falta do pessoal competente.

Ramsey calculou que, para a Europa, carecemos de uma fôrça composta de 460 caças, dos quais 175 poderiam ser classificados de pilotos de primeira linha e cêrca de 90 bombardeiros.

23 de agôsto de 1946 — Conversa com Acheson

CONVERSEI com Acheson hoje de manhã e disse-lhe que estava muito apreensivo por causa das nossas possibilidades, num caso de emergência na Europa; que o tom da nota para a Iugoslávia tinha sido muito enérgico e que me parecia, portanto, que nós, dos Departamento do Estado, da Guerra e da Marinha, estavamos na obrigação de fazermos um inventário e vermos o que possuíamos para amparar a referida nota... Acheson concordou, dada a importância do assunto, e disseme que êle mesmo se encarregaria de convidar os chefes administrativos para o estudo do assunto.

A despeito da gravidade das questões, as medidas econômicas orçamentárias continuaram severas. Agindo de acôrdo com as mesmas, o Presidente tomou providências sérias, dando ordens às Repartições para que fizessem reduções drásticas, não nas suas estimativas do futuro orçamento, mas nas despêsas correntes atuais. Na primeira quinzena de agôsto Forrestal escreveu ao seu amigo Paul Shields:

13 de agôsto de 1946 — Para Paul V. Shields

CONTINUO planejando uma viagem a Southampton ainda êste mês. Já tinha marcado a partida para o fim desta semana, mas o corte de setecentos milhões de dólares, feito pelo Presidente, nos nossos fundos, fêz-me desistir da idéia. O Presidente foi obrigado a tomar medidas drásticas para contrabalançar o saldo orçamentário, mas espero que daí não surjam outros cortes. A situação em que se encontra o mundo e os acontecimentos de Paris indicam que devo continuar de pistola em punho.

A SAIDA DE HENRY WALLACE

EM 12 de setembro de 1946, os democratas em Nova Iorque iniciaram a campanha politica com o grito de "derrotar Dewer" e forte manifestação liberal-esquerdista, cujo orador principal era o Secretário do Comércio, Henry Wallace. O Secretário do Estado, Byrnes, encontrava-se **na ocasião na Europa**.

Quando começaram a circular os primeiros exemplares do discurso de Wallace, atacando a aliança de qualquer espécie com o "imperialismo britânico" e expondo uma política "calma" para com a Rússia, foi quase o mesmo que mostrar o reverso da política internacional de Byrnes. E, o pior foi que Wallace declara que o Presidente havia lido e aprovado o discurso que por êle seria pronunciado. Na manhã do dia 12, quando os repórteres perguntaram a Truman sôbre isso, o Presidente deu a entender que havia realmente lido todo o discurso e que achava que os seus dizeres estavam dentro da norma da política de Byrnes.

Forrestal transcreveu no diário um memorandum do Sub-Secretário da Marinha, John L. Sullivan, dramatizando o sucedido. Às 18 horas Sullivan, acompanhado pelo capitão Robert L. Dennison, assistente-chefe das operações navais, chegou ao gabinete de Will Clayton, que estava no cargo de Secretário do Estado. Clayton encontrava-se em companhia de James W. Riddleberger, da Divisão dos Negócios europeus, e outras altas patentes do Departamento do Estado. Continua o memorandum de Sullivan.

12 de setembro de 1946 — Memorandum ao Secretário

...ESTAVAM profundamente acabrunhados e nos entregaram um exemplar do discurso que seria lido mais tarde pelo Secretário Wallace, no Madison Square Garden. Eu e o capitão, lemos o discurso e concordamos com os representantes do Departamento do Estado. Se o dito discurso está aprovado pelo Presidente, é, portanto, evidente que grande parte da política internacional, que o país vem procurando estabelecer desde o ano passado, terá que ser rejeitada.

Respondendo a minha pergunta, Clayton disse que o discurso ia ser lido às 19 horas, hora de Washington. Indaguei se o mesmo tinha sido ou não submetido à aprovação do Departamento do Estado e a resposta foi negativa. Perguntei ainda quando fôra recebido e fiquei sabendo que a 1 hora da manhã daquele dia Riddleberger, que estava jogando bridge, ouviu um correspondente referir-se a um discurso de Wallace sôbre política internacional. Clayton disse-me que a cópia do discurso fôra recebida no Departamento do Estado às **três horas**; presume-se, entretanto, que êle se referisse às quinze horas, mas que estava ocupado com um assunto da UNRRA e que por isso não teve ocasião de lê-lo, só o fazendo às 18 horas. Pergunteilhe se fizera algum protesto junto à Casa Branca e a resposta foi negativa. Lembrei-lhe, então, que telefonasse para a Casa Branca, para ver se era ainda possível suster o discurso e que a Casa Branca combinasse com o Secretário Wallace o cancelamento da última frase do segundo parágrafo da página cinco, em que êle dizia que o Presidente tinha lado as suas palavras e que as mesmas representavam a política administrativa da presidência.

WALLACE VERSUS BYRNES

DEPOIS de alguns telefonemas à casa de vários auxiliares da presidência, descobriram, afinal, Charles G. Ross, secretário presidencial da imprensa e Clayton fêz o seu protesto. Logo em seguida Sullivan tomou o telefone para dizer:

"Eu fiz ver que o Presidente, com tôda a certeza, não leu o discurso e nem o aprovou. Ross mandou vir um translado da conferência da imprensa, realizada naquela mesma tarde, e disse que o Presidente declarára aos jornalistas que o discurso fôra aprovado por êle. Expliquei então a Ross que, se a tal frase a que me referi fôsse cancelada no discurso de Wallace, o Presidente poderia, portanto, ter dito: — "Li apressadamente e de relance o discurso de Wallace e os trechos que li estavam perfeitamente de acôrdo com a política internacional do país e divulgada por Byrnes. E' verdade que há no discurso alguns trechos que não li e que não seriam por mim aprovados".

Ross perguntou-me se achava necessário que o Presidente confirmasse a aprovação. Respondi-lhe que, na minha opinião, se o discurso fôsse pronunciado segundo o original, o Presidente estaria na obrigação de desfazer-se de Wallace ou de Byrnes. Em seguida, enunciei que havia no discurso quatro ou cinco trechos sujeitos à contestação e, para provar o que dizia, li o primeiro parágrafo da página oito, em que o secretário Wallace declara que "estamos ainda armados até os dentes. As despesas excessivas para fins militares são a causa principal do nosso desequilíbrio orçamentário". Disse-lhe que uma declaração como essa, aos olhos do poderio militar atual da Rússia, não poderia passar sem um reparo. Observei ainda que havia muita coisa, no discurso, que iria provocar a repulsa dos maiorais da administração do país e era meu receio que a Comissão Nacional Republicana se utilizasse disso, como prova evidente da desintegração interna da administração.

Ross declarou que não sabia mais o que se poderia fazer em vista do adiantado da hora, mas que procuraria conversar com o Presidente e fazer o que estivesse ao seu alcance.

O secretário Patterson chegou mais ou menos às 18 horas e 29 minutos e, depois de lêr o discurso, declarou que não o achava nada bom, que certamente provocaria agitações durante uns seis ou sete dias, mas que não considerava a situação tão séria como eu e Clayton a imaginavamos.

Antes das 19 horas Clayton teve ainda três ou quatro conversações com Ross e para nós, que conheciamos apenas um lado da questão, estas conversações nos pareceram inconciliáveis. Clayton observou que Ross estava indeciso em declarar se tinha ou não discutido o assunto com o Presidente e chegamos à conclusão de que era melhor e mais prudente não insistir sôbre o caso.

WALLACE É FORÇADO A DEMITIR-SE

SULLIVAN acrescenta que procuraram ouvir o discurso pelo rádio, mas que não houve irradiação na área de Washington. A sensação foi enorme e isso certamente veio justificar o receio de Sullivan. O protesto de Byrnes, que no momento se encontrava em Paris, foi pronto e enérgico. O Presidente procurou, por todos os meios, acalmar a situação e estava até mesmo decidido a continuar com Wallace e seus adeptos, conservando ao mesmo tempo Byrnes e a sua política internacional, mas o Secretário do Estado teve que dizer claramente que êle ou Wallace teria que sair. No dia 20 de setembro o Presidente informou que já tinha pedido a Wallace para se demitir.

"É uma das mais fortes crenças que tenho", escreveu Forrestal ao almirante B. H. Bieri, em julho, no curso da sua viagem à volta do mundo, "que a nossa política militar e diplomática devem andar sempre juntas... E' meu desejo que a nossa política venha a conseguir unidades navais americanas cortando as águas de todos os mares do mundo". Êle já vinha há muito procurando, principalmente, o restabelecimento de uma esquadra mediterrânea americana como fôrça permanente, e no dia 1º de outubro foi anunciada, publicamente, a política que até hoje vem sendo mantida pelos navios americanos que se encontram no Mediterrâneo. A importância dessa situação é tão evidente, que no ano seguinte a esquadra pôde fazer sentir o seu valor dando apoio a nossa política na Grécia e na Turquia.

OS DEMOCRATAS PERDEM O CONGRESSO

COM o mês de novembro vieram as eleições e os democratas perderam a liderança da Câmara e do Senado, tornando-se o problema da unificação ainda maior. Forrestal, dias depois, discutiu o assunto com o Presidente.

16 de novembro de 1946 — Annapolis

VISITEI hoje Annapolis em companhia do Presidente, que estava bem disposto e que alí passou horas muito agradáveis. Tive oportunidade de trocar idéias sôbre um assunto que de vez em quando procuro conversar com êle, pois trata-se da necessidade de uma cooperação sinceramente apolítica entre o Congresso e o Poder Executivo, nos dois anos vindouros. Repeti-lhe o que já lhe havia dito, isto é, que na minha opinião havia no Senado um grupo de homens de boa vontade, com os quais o Presidente poderia colaborar em certas áreas que não devem estar submetidas a partidarismos, como sejam, legislação trabalhista, negócios estrangeiros, a Palestina e a defesa nacional. O Presidente concordou com o princípio, mas estou um tanto desanimado porque vejo que êle não tem muita fé na tentativa, pois as manobras políticas são inevitáveis por causa dos políticos e do próprio govêrno.

Forrestal referiu-se diversas vêzes à idéia de que os problemas politicamente intrincados, como por exemplo o da Palestina, podem ser resolvidos se os "retirarmos da política". Como é sabido, êle nunca conseguiu uma resposta satisfatória para o enigma, que é o verdadeiro mister da política partidária numa sociedade democrática. E são poucos aquêles que o conhecem.

O próximo artigo: "Auxílio à Grécia e à Turquia".



MOMENTO culminante da guerra contra o Japão, quando o Presidente Truman tem na mão os têrmos da rendição nipônica. Foto tomada na Casa Branca, a 8 de agôsto de 1945.



W. AVERELL HARRIMAN numa visita a Moscou, em 1942, conversa com Stalin, por intermédio do intérprete, vendo-se ainda Churchill e Molotov, na maior cordialidade.



NO COUNTRY-CLUBE

Foi brilhante o jantar do Rotary Club Brasileiro realizado no Country Clube, a que compareceram as figuras mais destacadas da nossa sociedade. E' assim que vemos nessa mesa presidida pelo dr. Vicente Galiez os casais João Borges Filho, Lefévre e Leite Ribeiro.





MAESTRO M. HELLMANN

Flagrantes apanhados no Palácio São Joaquim, no dia 15 de setembro próximo findo, quando o Maestro Maximiliano Hellmann recebia do sr. Cardeal D. Jayme de Barros Câmara, perante numerosa e seleta assistência, o título de "Comendador da Ordem Equestre de S. Silvéstre Papa".

O PREÇO DE UM CRIME









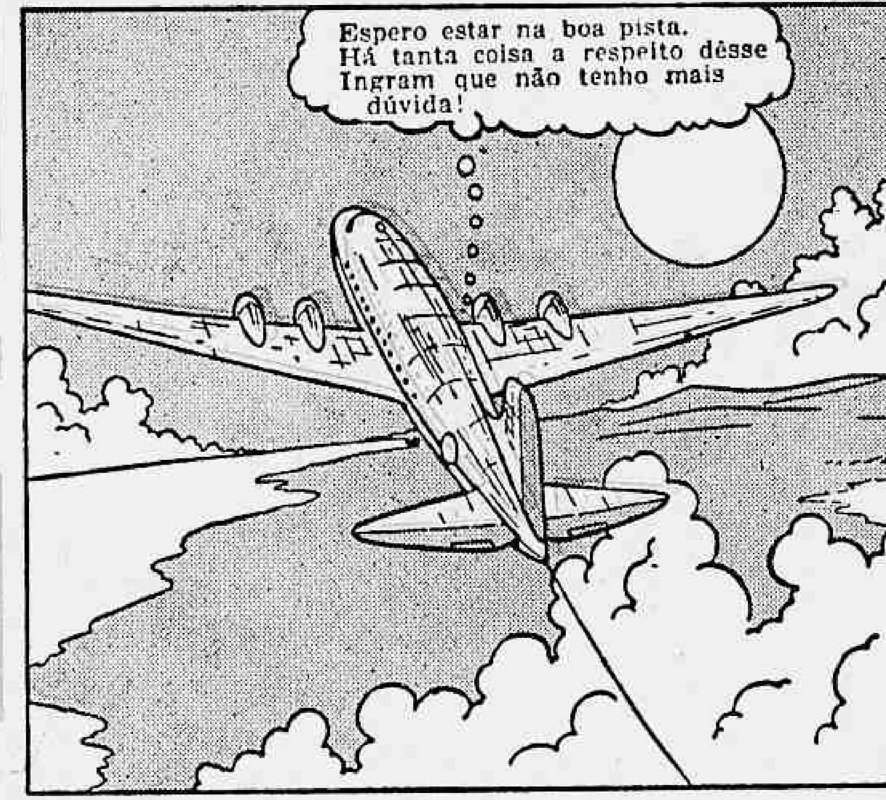


























SUGESTÕES EM LINHO



ALGUMAS variadas e elegantes sugestões em linho, estão aqui estampadas para sua apreciação. Em tôdas elas notamos uma simplicidade marcante nas linhas, aliada à originalidade das criações. A preferência pelas côres alegres e sugestivas deve se fazer notar, pois os modelos aqui exibidos são bastante próprios para os dias quentes e ensolarados que brevemente chegarão.



O DIÁRIO DE UM HOMEM COMUM

AQUÊLE caderno de capa forte verde escuro, que foi descoberto por acaso no fundo da cômoda na casa que alugaramos mobiliada, à primeira vista pareceu-me um caderno comum de notas ou endereços. Abrindo-o e lendo ao acaso, foi que se me deparou diante dos olhos a história verídica mais surpreendente que eu podia ter imaginado, o diário patético de um homem comum... A narrativa começava sem data, apenas com êsses vagos dizeres:

"Hoje, quinta-feira:



Escreverei a você, sempre tão indiferente com as coisas que lhe cercam, porque tenho certeza, êsse mesmo motivo fará com que não se importe de guardar os meus dissabores só para si. Alguém tem que saber o que está acontecendo aqui em casa, o que tem sucedido com Madalena nesses últimos tempos. Verdade que não faz muito, apenas desde aquela conferência que assistimos no Centro Cultural. Mesmo assim, é preciso que se note a diferença. Começa por Madalena, que agora deu para escrever. Chego a casa cansado do trabalho e lá está ela às voltas com papéis, o senho franzido, como se aquilo tudo tivesse mais importância do que atender a mim que sou seu marido. Francamente, não esperei me decepcionar tão depressa com o casamento. Gostava de Madalena porque era bonitona, viva, alegre, uma criatura amiga e companheira, boa mesmo de se viver ao lado. Além do mais, perfeita dona de casa, sempre integrada de seus deveres,

Conto de
LOIVA LEIRIA BORBA
Ilustração de ORVAL

coisas essas a que sempre dei muito valor numa espôsa. E agora acontece isso de repente, mudança inesperada a que já não é possível suportar por mais tempo. Minhas camisas andam tôdas sem botão, há uma doida confusão no meu guarda-casaca. Querendo alguma coisa não acho, e se vou pedir a ela, fica zangada, diz que só sirvo para interromper. "Viu? Já cortaste a minha inspiração outra vez... E eram idéias tão felizes..." Se não tenho respondido à altura, se ainda não reclamei, é porque sou um sujeito calmo, pacífico, ponderado, e, além do mais, tenho a mania da compreensão das coisas. Mas um dia dêsses me canso e acabo estourando, lá isso não tem dúvida. Pois se você pudesse descer por aquela escada e fôsse até à varanda do fundo, iria ver como tenho fortes razões de queixa. Minha mulher lá está, de cabelo mal prêso no alto da cabeça, olhos fixos nos tipos, enchendo papel com o seu romance de estréia. Mas você não precisaria descer. Daqui mesmo você escutaria perfeitamente o metralhar das teclas. E não é só isso: veria a mim também, o marido abandonado, mal saído do banho, pingando a cata da toalha. E concluiria por si mesmo que as coisas são mesmo como estou lhe dizendo e já não podem, em absoluto, permanecer assim.

Eu queria muito a Madalena porque ela sempre me pareceu muito mulher, muito absorvente, até com aquêles pequenos defeitos e manias de futilidade, tão femininas. Sempre me pareceu que mulher literata tem homem por dentro. Já dei a entender isso a ela, mas nem se doeu. Ficou a me olhar com cara de professôra, falou em prosaismo, em mediocridade, tôda enfática, e acabou dando de ombros: "Nem vale a pena falar isso contigo Jorge... E' malhar em ferro frio..." E eu escutei calado, aturdido com a sua reação. Por que não lhe digo logo o que penso?

★

Sexta-feira, no trabalho:

Hoje ela comprou uma gravata. Não para mim, e isso é o pior. Mulher que usava cabelo sôlto e vestido de musselina, de repente dá prá sair com penteado de rôsca no alto da cabeça, e "tailleur" do mesmo padrão daquele meu último terno de meia estação... Não. Decididamente... Melhor até desistir de falar. Mais acertado tomar uma atitude.

★

Mesmo dia, à noite:

Bem. Falar mesmo não adianta, e não vale a pena. À tarde ela saiu com a minha pasta de couro. Fiquei só espiando como atravessou a rua. Agora pisa duro e firme, anda com a cabeça em pé, cheia de manias de superioridade, só porque já entrou em combinação com o editor. "Meu livro promete ser um sucesso, Jorge! Minhas amigas já estão doidas prá ler... A Laurinha, então, que tem mania de inteligente, vai se remoer de inveja..." E' só o que ela diz, é só no que pensa, só para o que tem vivido últimamente. Como se livro a gente escrevesse para felicidades tão fúteis...

★

Sábado:

O Cunha vive me convidando para uma escapadela. O melhor mesmo é eu deixar de lado as preocupações aqui de casa, trazer o serviço de todo o dia para acabar à noite. O escritório pode ser atendido por outro sócio durante algumas horas. E' isso mesmo: à noite levo a máquina de

(*Continua na pág.* 48)

NOSSOS IRMÃOS INFERIORES

CELEBROU a Igreja, em 31 de outubro, o dia de São Francisco de Assis, aquêle que primeiro chamou irmãos aos sêres inferiores e que estendeu a tôda a natureza essa fraternidade universal.

A Igreja celebra o santo de Assis. A humanidade venera a figura dêsse padrão de bondade — tão rara é ela no misérrimo coração dos homens. Os amigos dos animais vemos nêle o pioneiro da cruzada de defesa e proteção dos sêres inferiores, nossos dedicados companheiros na efêmera jornada por êste mundo.

Em honra do Pobrezinho de Assis, estas duas notas que falam das relações entre os homens e os outros animais e nos dizem que não foi inútil seu exemplo, ainda florescendo sôbre a terra e que, aos poucos, vamos ficando menos distantes de sua santa perfeição, no trato de nossos irmãos irracionais.

★

A revista americana "The National Humane Review" publicou um tópico, indagando se algum de seus leitores é D. M. Brodie, S. Q. 347, e se possuía em Antuérpia, na Bélgica, um cãozinho chamado "Digger". E' que a Sociedade Protetora dos Animais dos Estados Unidos recebeu de sua congênere de Londres um cabograma comunicando o achado de "Digger", cuja coleira dava aquela indicação, que se presumia fôsse de um soldado americano. As investigações feitas em Washington revelaram que nenhum membro das fôrças armadas de Tio Sam existia com aquêle nome e, daí, o anúncio, visando reunir "Digger" e seu dono.

★

O "New York Times" publicou um telegrama de Pittsfield, Mass., contando a história: num estábulo da localidade de Lanesboro, foram encontradas mortas, de fome e de frio, vinte e uma vacas. O proprietário alegou que o frio impedira socorrer as vacas. Ainda assim foi prêso e condenado a um ano de prisão.

LYSE



LISTRAS

AS listras em tons vivos, exprimem bem a alegria e beleza da primavera. Aqui estão diversos modelos, nos mais variados tecidos, sugerindo diversos empregos para esta fazenda. «Tailleur» confeccionado em lã ou faile. Os bolsos e a gola são adornados com veludo. Modêlo ligeiro, gola alta e saia com pregas sôltas, bem ampla. Original casaco três quartos, com amplos bolsos para ser usado com vestidos ou saias escuras. Elegante casaco inteiro, transpassado e abotoado com botões colocados dois a dois, em tôda a extensão do modêlo. Lapelas e punhos em veludo liso.







SUGESTÕES

AS mais elegantes e variadas são aqui apresentadas numa linda coleção de modelos que Paris criou para a próxima estação. Em todos êles notamos o apuro e a amplitude das linhas, que dão à silhueta feminina um novo e interessante aspecto. As "toilettes" para as mais diversas horas do dia, estão representadas nestas páginas, pelo que de mais novo a moda impõe à súa elegância, desde o modêlo alegre e juvenil para a manhã, até o elegante traje para o "cocktail" ou o jantar, numa autêntica parada de elegância e bom-gôsto.











Com Eletricidade...
-tudo é mais Fácil!



ONTEM ERA A LUZ DA VELA,
SEM BRILHO, QUASI AMARELA,
MAIS FRACA QUE A LUZ DA LUA.
E O CARIOCA, COITADO,
PREFERIA, DESOLADO,
PASSAR ÀS NOITES NA RUA.



PORÉM, A ELETRICIDADE
TOMOU CONTA DA CIDADE,
ILUMINOU NOSSO LAR.
FICAR EM CASA, HOJE EM DIA,
À NOITE TRAZ ALEGRIA
E UM ETERNO BEM ESTAR.



MAS NÃO DEIXE A LUZ ACESA
À-TOA E POUPE A DESPESA
QUE POUPAR É SEMPRE UM BEM.
E, SEM SER UM SACRIFÍCIO,
CONSTITUI UM BENEFÍCIO
A SI E AOS OUTROS TAMBÉM.

Economize
Eletricidade!





WEEK-END

LICOR DE MORANGO

1 litro de álcool de 40º, 1 quilo de açúcar, 1 quilo e meio de morangos. Deixam-se os morangos 15 dias de infusão no álcool. Vão-se substituindo os morangos antigos por outros novos. Coa-se e filtra-se, antes de guardar o licor nas garrafas.

MARMELADA ANTIGA

Pesa-se para 1 quilo de marmelo, 1 quilo de açúcar. Aferventa-se a fruta com a casca. Descasca-se, rala-se. Leva-se ao fogo, depois de ter dado à calda o ponto de pasta. E' preciso mexer para não queimar. Com os caroços partidos ao comprido, tira-se a goma do marmelo, que se vai pondo na marmelada até que dê a côr que se deseja.

FARROUPILHAS

Com amêndoas passadas 3 vêzes na máquina, faz-se uma massa na proporção de 200 gr de amêndoas para 150 gr de açúcar e 8 gemas. Dá-se o ponto, divide-se a massa em 4 partes iguais. Uma fica amarela com o próprio ôvo que leva. Faz-se a outra verde e a última encarnada, com anilinas próprias para doce, compradas na farmácia. Antes de misturar o ôvo, separa-se sempre a massa. Fazem-se 4 bolinhas, uma verde, uma encarnada, uma amarela e uma branca. Deixam-se para passar na glacé acaramelada no dia seguinte. Ao fincar o palito é preciso ter muito cuidado para não fender o doce.

MASSA FOLHADA

300 gr de farinha de trigo, 2 gemas, 1 clara, 1 xícara de água, 1 colherinha de sal, 1 colher de manteiga.

Dissolve-se o sal, na água, adicionam-se as outras quantidades, botando os ovos enquanto se sova muito bem. Ainda mesmo depois de sovar muito a massa, sova-se ainda um pouco mais. Deixa-se descansar uma hora. Abre-se com o rôlo, estende-se banha em tôda a massa, peneira-se um pouco de farinha sôbre uma camada da massa, aberta fininha. Dobram-se as duas pontas para o centro e depois as outras duas pontas também para o centro. Dobra-se então ao meio, deixando-se no refrigerador, para que descanse o tempo que se quiser, nunca menos de meia hora. Tira-se do refrigerador, depois dêsse tempo, torna-se a abrir com o rôlo do mesmo modo que antes, dobra-se outra vez e leva-se novamente para o refrigerador. Quando pronta, corta-se em pedaços para fazer pastéis, empadas, etc.

SANDUICHES ESPECIAIS DE QUEIJO

1 pão de sanduíche cortado em fatias, leite, ovos, e queijo mineiro.

Modo de fazer: Embebem-se ligeiramente as fatias de pão em leite e ovos batidos. Cortam-se fatias de queijo mineiro, não muito grossas, que se colocam entre duas fatias de pão já embebidas. Feitos os sanduíches, passa-se cada um em ovos batidos, prende-se com dois palitos e frigem-se em gordura quente, um por um, tendo-se o cuidado de, no primeiro momento, sustentá-los na gordura sôbre a escumadeira para que não se desmanchem. Depois de frios, leva-se para uma peneira, a fim de que fiquem bem sequinhos. Servem-se quentes.

SOUFLÉ DE PRESUNTO

Leva-se ao fogo uma panela com um copo e meio de leite, uma colher de manteiga e 1 de maizena bem desmanchada



nesse leite frio e vai-se mexendo tudo em fogo brando, até formar um creme. Retira-se, então, do fogo e juntam-se a êsse creme 3 gemas de ovos, 3 claras batidas em neve, 150 gr de presunto picado, 100 gramas de queijo Prato, partido em pedaços, e 3 trufas picadinhas. Mistura-se tudo muito bem, despeja-se numa fôrma de vidro ou num prato que vá ao forno e polvilha-se com farinha de rôsca. Cozinha-se em banho-maria no fogo durante uns 30 minutos e depois leva-se ao forno para tostar durante um quarto de hora.

NHÓQUIS À ROMANA

Tome 300 gr de sêmola (ou farinha de trigo) e vá deixando cair em 1 litro de leite fervendo. Tempere com sal, um nada de noz-moscada, e deixe cozinhar durante uns 20 minutos mais. Tire do fogo, incorpore 2 ovos, e estenda a massa, da espessura de 1 centímetro, sôbre o mármore úmido. Quando estiver bem frio, corte em rodelas de 4 cm de

NA COZINHA

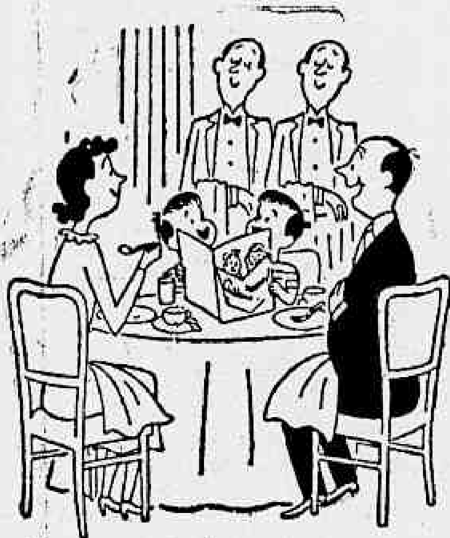
diâmetro, arrume dentro de um prato de porcelana que vá ao forno, deixando o centro vazio. Regue com manteiga, polvilhe com bastante queijo ralado e leve a tostar um pouco no forno. Arrume no centro bifes picados, etc.

SOPA DE FUBARINA

Quando deitar o caldo no fogo, junte 2 espigas de milho raladas. Depois do caldo coado, leve a ferver e engrosse com fubarina desmanchada em leite frio. Não deve ficar muito grossa. Bote na sopeira fôlhas de alface fritas num pouco de manteiga, e despeje a sopa bem quente por cima.

LÍNGUA RECHEADA

Escalde 1 lingua grande, tire bem a pele grossa e deite numa panela com 1 cebola em rodelas, 3 cenouras partidas, uns 6 tomates e cheiro. Molhe com água e deixe cozinhar até ficar bem tenra — leva algumas horas. Pronta, retire a



garganta e cave com uma faca, para que fique como um sapato. Tome os pedaços que saíram, tire as peles e ossos, passe na máquina e leve ao fogo para ligar, com uma fatia grossa de pão molhado, 2 colheres de môlho coado, 2 ovos inteiros e 250 gr de carne de salsichas sem peles. Com êste recheio, encha a cavidade da língua, alteando no centro como se fôsse o peito do pé. Coloque numa frigideira, voltada para cima, cubra com um ôvo batido, polvilhe de queijo e leve a tostar no forno. Frite num prato sôbre uma camada de pão torrado regado com o môlho bem coado e grosso. Faça como 1 fivela de cenoura. Se tiver jeito, e cavar como um salto, ficará perfeitamente como um sapatinho.

BATATAS RECHEADAS COM PRESUNTO

Leve a assar no forno 12 batatas grandes e do mesmo tamanho. Corte uma fatia fina em cada uma e cave um pouco. Descasque com cuidado, para não quebrar. Amasse a polpa retirada com ½ colher de manteiga, 4 colheres de leite, sal, um nada de noz-moscada e 2 gemas. Leve um pouco ao fogo para ligar, adicione 200 gr de presunto picadinho e encha as batatas. Arrume num prato de ir ao forno, regue com manteiga, polvilhe com queijo e leve a tostar.

BOLOS DA SAÚDE

6 ovos, 10 colheres de açúcar, 12 colheres de farinha, glacé açucarada.

Batem-se bem as gemas com 10 colheres de açúcar, acrescentam-se as claras, que se batem em ponto de neve. Bate-se ainda muito bem, adiciona-se a farinha, mexe-se ligeiramente e arruma-se numa lata, untada com manteiga e polvilhada com farinha, fazendo bolinhos. Cobrem-se êstes, depois de prontos, com glacé açucarada.

TORTA FRIA

16 ovos, 6 colheres de açúcar, 500 gr de nozes, ½ kg de banha de côco, ½ kg de bolachinhas Maria.

Batem-se os ovos como para pão-de-ló, com o açúcar. Mistura-se com as nozes moídas e com a banha de côco. As bolachinhas devem ser bem frescas e torradinhas. Se estiverem mole, podem ser postas um momento no forno. Forra-se uma fôrma com papel encerado, arruma-se primeiro um pouco de ôvo misturado com as nozes e a banha de côco, que deve ser derretida e amornada prèviamente, depois coloca-se uma camada de bolachinhas, novamente outra de nozes, e assim por diante, até se acabarem as quantidades, tendo o cuidado de que a última camada seja de nozes e ovos. Deixa-se até ao dia seguinte no refrigerador, de onde só se tira na ocasião de servir. Parte-se em fatias, que se servem com môlho de gemada, leite e fruta, na proporção de 2 gemas para cada xícara de leite e 2 colheres de açúcar. Deve estar bem gelada, para isto é indispensável fazê-la de véspera.

NINHOS DE AMOR

24 gemas, 1 quilo e meio de açúcar, confeitos brancos.

Fazem-se os fios de ovos com 24 gemas, seguindo as indicações da receita para fios de ovos. Para fazer os ninhos é preciso que os fios sejam compridos e muito bem feitos. Enrolam-se no dedo ou num pauzinho apropriado, formando assim os ninhos. Deixa-se escorrer bem a calda, põe-se em forminha de papel, e no meio de cada ninho ajeitam-se 3 confeitos brancos, imitando ovos.

CICLISTAS!

JA' CHEGOU O

AFAMADO FREIO

CONTRA-PEDAL



O NOVO

PERRY

DUAS ESTRELAS

O mais perfeito freio contra pedal do mundo

FABRICADO E GARANTIDO PELA

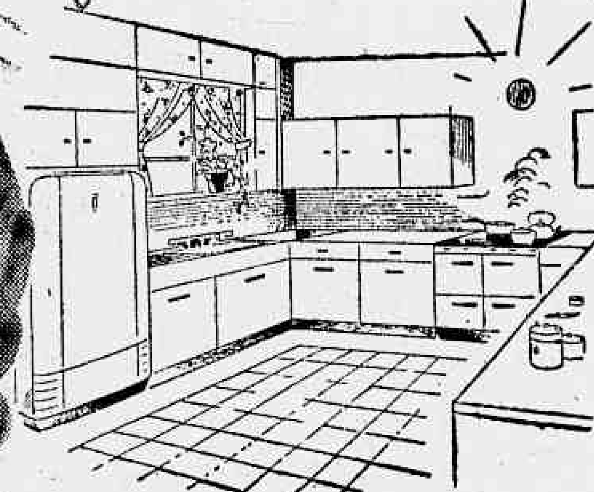


PERRY CHAIN COMPANY LTD.

BIRMINGHAN — INGLATERRA

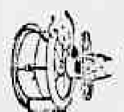
Cozinhas higiênicas e Confortáveis!



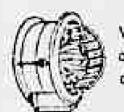


"Depois que mandei instalar o Exaustor Contact fiquei adorando a minha cozinha! Ela está sempre limpa, fresca e agradável, totalmente livre da fumaça e do cheiro das frituras. E nunca mais precisei pintá-la de novo. Comprei o aparelho com essa economia!"

O EXAUSTOR CONTACT É UM APARELHO FÁCIL DE LIMPAR



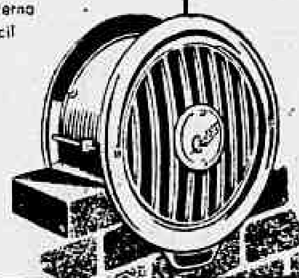
Grado frontal destacável para limpeza.



Veneziana externa articulável, fácil de limpar.



Gaveta aparadora de gordura.

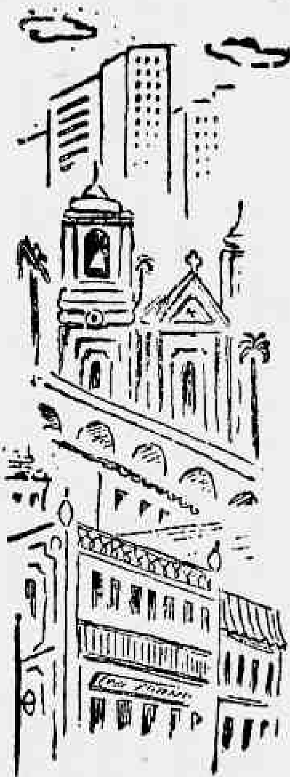


EXAUSTOR Contact

para o confôrto do seu lar

À VENDA NAS CASAS DE MATERIAL ELÉTRICO E ARTIGOS SANITÁRIOS, EM TODO O BRASIL

O Sr. já viajou à BAHIA pela Nacional?



É o caminho mais curto... mais cômodo... mais confortável para a sua viagem

RIO - SALVADOR

via G. Valadares e Ilhéus

Visite a Bahia servindo-se da nova linha da Nacional. Três vezes por semana, às segundas, quartas e sextas-feiras, às 10 horas.

★

Reservas e informações:

Rua Santa Luzia, 685-B - Tels. 32-7399 e 32-6119

Nacional

TRANSPORTES AÉREOS

QUER SER ESCRITOR?

Inscreva-se no CURSO DE LITERATURA, ESTILÍSTICA E PORTUGUÊS por correspondência, sob a direção de RENATO DE ALENCAR — Cartas para: Av. Rio Branco, 117 — sala 305, para remessa do programa e bases do Curso.

!! Senhora !

Na toilette diária nunca deve ser esquecida a sua HIGIENE ÍNTIMA

Metrolina

ANTISSÉPTICO
ADSTRINGENTE
BACTERICIDA

SAÚDE DO BEBÊ

URTICÁRIA E INDICAÇÕES GERAIS

Dr. SABOIA RIBEIRO

A urticária, em geral, aparece após a ingestão de determinados alimentos ou como uma reação em face da introdução no sangue ou na pele de certas substâncias; no primeiro caso está, por exemplo, o ôvo ou o chocolate, e no segundo, respectivamente, as injeções de sôro ou picada de certos insetos. O caráter acidental destas últimas formas não se confunde com a urticária devida a uma origem alimentar e é essa que, em geral, mantém a cronicidade das crises, constituindo um estado de doença, pròpriamente.

Na criança, em virtude mesmo de alimentação restrita ao leite, em muitos casos, a causa aparece sem maior dificuldade e, às vêzes, até com a simples qualidade do leite, por ocasião, por exemplo, de uma mudança do mesmo. Neste caso, incrimina-se o leite globalmente.

Às vêzes parece que é todo o alimento que faz mal, quando é sòmente uma parte dêle que produz a crise. Daí que certas modificações do alimento, com a supressão dessa ou daquela substância, podem torná-lo perfeitamente receptivo e não mais sobrevindo a crise.

Como quer que seja, nesses tipos da crise, o que existe, antes de nada, são condições personalíssimas que levam o indivíduo a reagir com a crise de urticária.

O alimento trouxe ao organismo a presença de uma determinada fração, já ligada às suas proteínas, já às suas gorduras, que nêle age como elemento estranho, fazendo aparecer certos corpos especiais, e êstes ou se ligam às células ou ficam circulando no sangue. Desde o momento que outra ingestão se faça do mesmo alimento, as mesmas reações se produzem, repetindo-se em cada uma delas uma nova crise. Admite-se que nessas ocasiões as células põem em liberdade uma substância especial — a histamina — ou outras semelhantes.

Semelhante mecanismo se repete em várias outras afecções, variando apenas o fator desencadeante, cuja determinação pelos testes alérgicos constitui a chave do tratamento, pois que é da sua exclusão na determinação dos fenômenos que reside essencialmente o meio de cura.

Daí o emprêgo sistemático dos medicamentos anti-histamínicos nos processos, como a urticária, reconhecendo o mecanismo descrito.

Na criança dos primeiros anos de vida soem despertar a *urticária* certos desvios do regime, ou o uso de alguns alimentos como cacau, ôvo, manteiga, etc.

Ao leite está ligada uma forma especial, o estrófulo, que mais comumente aparece durante o segundo semestre, sob a forma de nódulos e papulas, disseminados e em grupos, de coloração vermelho-pálida, tamanho da cabeça de um alfinête até o de uma lentilha, no tronco e nos membros.

Mas a urticária é mais manifestação do menino maior de 1 ano; no lactente observa-se mais o eczema e a intertrigem, reconhecendo uma origem comum. Nos dois casos, dever-se-á intuitivamente suprimir ou modificar certos alimentos; ter-se-á, mesmo (como no eczema), de substituir o mais cedo o leite e apelar para outros alimentos.

Nos três primeiros meses, o uso do leitelho, mais farinhas, servirá de base ao regime.

Assim:

Água	200 gramas
Farinha de arroz	3 colheres-de-chá
Açúcar	Idem

Cozer até reduzir a 150 gramas e juntar 3 colheres-de-chá com leitelho em pó, mexendo bem, sem ferver.

No quarto e quinto meses: 200 gramas de carne magra, ou de ossos ou de frango bem desengordurado (passado por toalha molhada), 1 pitada de sal, 2 a 3 colheres de semolina, maizena, aveia ou fécula de batata, etc.

Ou cozimento de cenouras passadas por peneira, engrossado com uma daquelas farinhas.

Ou caldo de carne engrossado com gelatina ou caldo de legumes com gelatina. Assim:

200 gramas de água — 2 colheres-de-chá de maizena ou aveia — 2 colheres-de-chá com açúcar — 2 a 5 fôlhas de gelatina — 1 colher-de-chá de um caseinato de cálcio.

Cozer 5 minutos, e juntar 20 a 60 gr de caldo de frutas frescas (lima, laranja, uva, etc.).

Ou ainda:

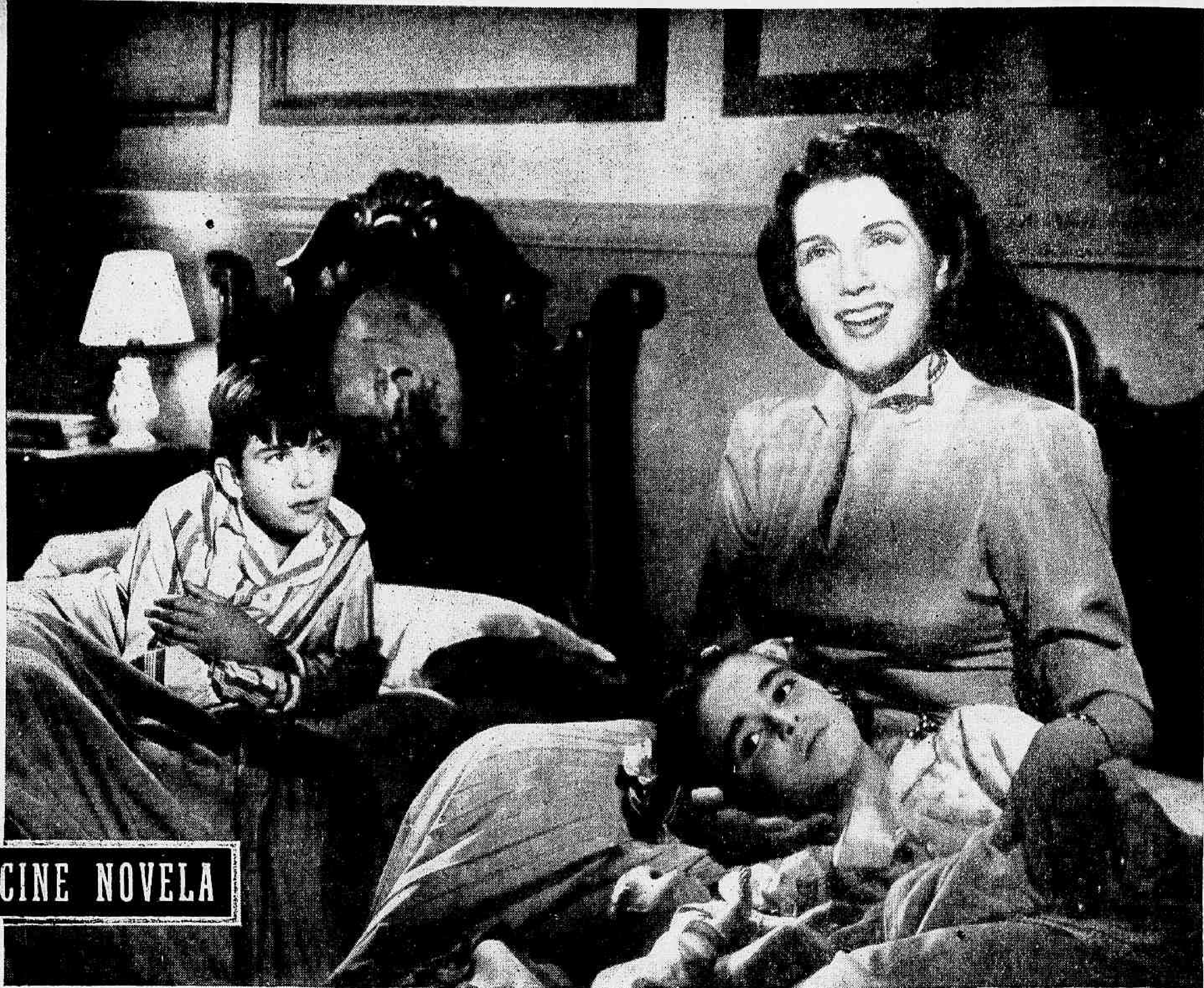
150 gramas de pirão de banana cozida — 50 gramas de água — 2 colheres-de-chá de açúcar — 1 colher-de-chá de um caseinato de cálcio — 2 a 5 fôlhas de gelatina. Dar uma fervura. E, assim, aos 6 meses, estará o leite completamente abolido.

Reconhecida, na criança mais crescida, a origem alimentar das crises de urticária, um regime que lhe convém é o que segue: Almôço: Comida sólida e sêca, no prato. Arroz, ma-

(Cont. na pág. 48)



PRINCESA DOS CRISTAIS - CASA CRISTALINO
ASSEMBLÉIA, 90 E 7 DE SETEMBRO, 97
URUGUAIANA, 35/37



CINE NOVELA

OUTRA PRIMAVERA

NUMA tarde cinzenta, caminha por uma avenida, suspenso aos ombros de quatro homens, um ataúde envôlto num véu negro. Mais atrás, distanciado do grupo, um homem dos seus trinta anos, chapéu na mão, segue a passos cadenciados o esquife. Mais atrás ainda, em colunas que tomam tôda a largura da avenida, vêm homens e senhoras, desde os representantes da alta roda até aos operários e gente do povo, formando o acompanhamento. Atrás do vidro de uma janela há duas crianças e uma linda mulher À passagem do cortejo, as crianças exclamam: Lá vai papai! Referem-se àquele homem que vai logo atrás do caixão Dirigindo-se à mãe, as crianças indagam: Por que papai não entrou? A linda mulher responde com uma evasiva: Porque tem de acompanhar o entêrro. Em seguida, a linda mulher, que se chama Amélia, ordena à criançada que termine a arrumação das maletas. Um homem entra apressado. É Xavier, o médico. Amélia diz: Não foste ao entêrro? — Não, Artur mandou-me aqui. Teme que vás embora sem falar-lhe. — E se eu fôr? — Pensa bem... Maria Amparo morreu. — Por isso mesmo, é preciso que eu vá. — Então, sê honrada até ao fim. Não partas sem falar com Artur...

Amélia é uma linda mulher que vive em seu lar, criando suas irmãs, trabalho que não lhe permitiu pensar em amor aos dezoito anos. É, agora, mulher de vinte e seis primaveras. Bela e insinuante, tem admiradores, mas não chega a se interessar por nenhum dêles.

Há uma festa em sua casa, com a qual seu velho e honrado pai, sempre orgulhoso da filha, pensa homenagear um grupo de engenheiros e capitalistas que empreendem a grande siderurgia na região. No programa há um número de canto. Precisamente Amélia é que vai executá-lo, pois tem linda voz e muito sentimento. Sua atuação encanta os presentes e principalmente ao engenheiro Artur. Êste sente-se apaixonado inopinadamente por aquela jovem tão distinta, tão compreensiva, tão educada e tão honrada. É apresentado a Amélia. Entre os dois estabelece-se logo mútua compreensão. Aquelas duas almas tinham alguma coisa de comum. Êle, casado com uma mulher neurótica, irrascivel e cheia de manias, não lhe dava felicidade. Ela, uma vitima do amor ao lar, uma mulher que sacrificara idéias, amor, tudo pelas irmãs desde a morte de sua mãe. Surge, então, um amor impossivel. Enquanto êle lutava com seus brios de homem honrado, ela lutava com seus principios religiosos, sua educação, sua moral elevada. Artur rompe o silêncio e lhe confessa amor. Ela renega-o. Êle a persegue por tôda parte. Até na igreja êle vai declarar-lhe seu amor, perante Deus. Amélia ajoelha-se e, diante da Virgem, pede o castigo que merece pelo passo que dará.



Dessa união nascem dois filhos...

Artur, ao sair do cemitério, corre à casa de Amélia. Esta está de saida. Artur ordena que ela não vá. — Irei, Artur, é o único jeito. Não posso mais dar explicações às perguntas dos nossos filhos, não posso dar satisfação à sociedade. Artur diz: — Agora estamos livres! Não desejávamos esta libertação? — Cala-te, Artur! Bem sabes, e Deus ainda mais, que nunca desejei mal à tua espôsa. Vamos todos. Lá fora construiremos nossa vida e a de nossos filhos.

Artur, porém, não quer abandonar

(OTRA PRIMAVERA)

Amélia	LIBERTAD LAMARQUE
Arturo	ERNESTO ALONSO
Filha	PATRICIA MORAM
Dr. Xavier	ALBERTO GALÁ

com

Alicia Grau — Carlos Novarro — Hector Lopes — Portilho — Carlos Martinez Barra — Maria Gentil Arcos — Francisco Martinez — Azucena Rodrigues — Luis Rodrigues.

Argumentação de Rodolfo Usigli — Adaptação de Edmundo Baez e Egon Eis.

Direção de Alfredo B. Gravenna — Músicas de Manuel Esperon — Produção da Ultramar Filmes — Distribuição Pelmex.

aquêle povoado, onde sua família se estabeleceu há duzentos anos. Onde nasceu e onde tem raízes profundas. Por outro lado uma aquela mulher que lhe pede que partam. Artur enèrgicamente, demove-a do seu intento. Casa-se com Amélia. Era, agora, aquêle amor uma união legal e legal eram os filhos, mas uma luta tremenda com a sociedade os esperava lá fora.

Amélia vai habitar o palácio onde vivera a falecida espôsa de Artur e onde há uma menina quase moça que é sua filha. Amélia é quase feliz, mas, dia a dia, sofre a vergonha de ser apontada pela sociedade, pela criadagem e até pela enteada, que julga que sua mãe fôra assassinada para que Artur e Amélia pudessem unir-se. Artur tem conhecimento dêsses fatos e torna-se maníaco e irritadiço. Resolve oferecer uma festa à sociedade local, inclusive aos seus colegas, diretores da siderúrgica. Artur, que tudo percebe, resolve pôr à prova os seus convivas. Declara que sua espôsa vai cantar. Embora entoando uma belíssima melodia, ninguém a percebe. Os homens continuam a sua palestra, as mulheres retocam a "maquillage", outras comentam fatos da vida da ex-dona da casa. O procedimento daquela gente hipócrita e incompreensiva cai como uma bomba sôbre os nervos de Artur que, numa explosão, declara: Quem não gostar das canções que canta minha espôsa, pode retirar-se imediatamente! Poucos minutos foram suficientes para que o salão ficasse deserto. Só um homem ficou. Foi Xavier, o médico da família e único amigo. O incidente traz uma messe de conseqüências, inclusive o banimento de Artur da comunidade dos dirigentes da siderurgia.

Dias depois, altas horas da noite, ouve-se tremenda explosão. Um estrondo que abala os sólidos muros do palácio. Artur corre à janela. Era o alto forno da fundição que explodira. O fogo lavrava incontido. Amélia exige que Artur vá para o local, pois só êle, como engenheiro, conhece os planos, só êle é capaz de impedir que os outros fornos tivessem a sorte do primeiro. Artur se gaba, mas não quer cumprir o seu dever, alegando que se arranjem. Não o baniram? Amélia delibera ir à fundição. Ao chegar é impedida pela polícia, que assiste impassível ao progredir das chamas e a ameaça a milhares de vidas. Amélia incita o povo e os operários a atacar o sinistro. Dentro de pouco a sua palavra encontra eco. À frente de centenas de homens válidos, ela rompe o cêrco e penetra na fundição. Momentos depois, Artur, já desesperado surge também e, resoluto, dá as ordens que redundarão na extinção do fogo. O povo e aquela mesma sociedade que humilhava Amélia, é agora quem vem a ela agradecer e pedir desculpas pois, como verdadeira heroína, salvara vidas e o dinheiro daquela gente que se veria arruinada da noite para o dia não fôsse o seu ânimo e sua fôrça-de-vontade.

Amélia tem, entretanto, outra luta a continuar. Essa, em sua própria casa, porque a filha de Maria Amparo nunca se conciliou com Amélia. A idéia de que sua mãe foi assassinada por sua causa é cada vez mais viva.

Passam-se os anos e a menina se faz mulher. Casa-se com um jovem advogado, que é nomeado procurador da República. Num dia de Natal, ela vem, com seu marido, passar a noite com seu pai e Amélia. Antes, havia telegrafado ao Dr. Xavier para que também viesse. Ao chegar, a jovem comunica a Amélia que fizera com que seu marido se especializasse em direito penal. Era mais uma ameaça e uma farpa atirada ao coração daquela mulher que, por anos e anos, fôra uma verdadeira mãe e tudo fizera para conquistar o carinho daquela pequena fera.

Artur há muitos dias tem estado nervoso pela ameaça da perda de uma grande fazenda que pertence à sua família há mais de dois séculos e também porque tivera outro incidente na fundição. Torna-se eufórico na presença de sua filha, julgando que, pelo convite feito ao médico, certamente irá ser avô. Querendo ser o mais pródigo dos avós, Artur declara que venderá todos os bens de Maria Amparo para enriquecer o seu neto. Ao que a sua filha se insurge, declarando que em nada se tocará e que ali está para acusar o seu pai diante do médico e do procurador pelo assassinato de sua mãe.

(Cont. no próximo número)



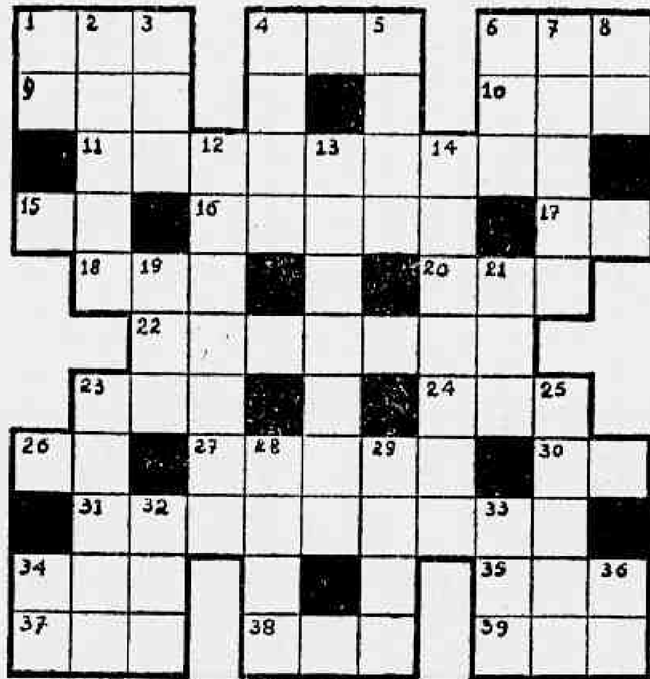






PALAVRAS CRUZADAS

Problema N. 76 para Veteranos

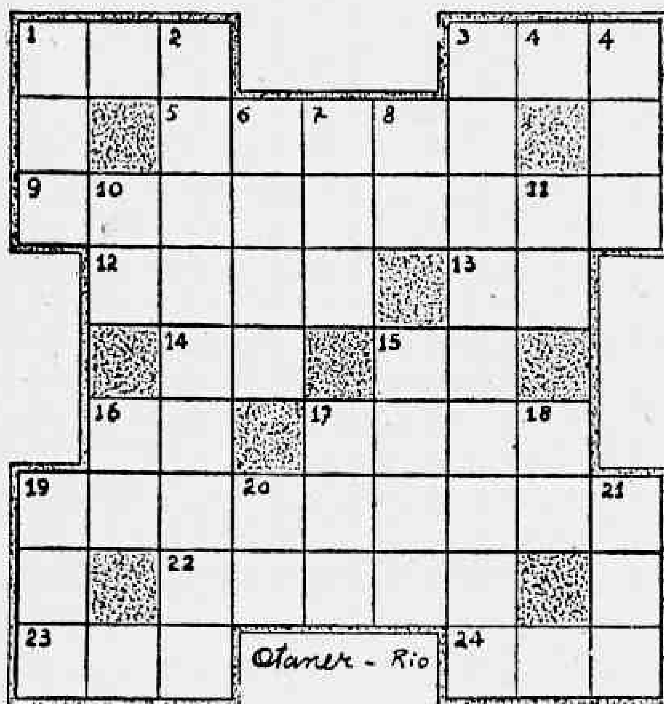


HORIZONTAIS: — 1. Farinha peneirada — 4. Cinzas — 6. Pequena moeda sueca — 9. Rio da Alemanha, tributário do mar do Norte — 10. Pareces alegre — 11. Guia — 15. Prefixo que denota refôrço — 16. Árvore de Caconda (Angola) — 17. Abertura — 18. Vem a ser — 20. Ladeira que limita o deserto de Jeruel, onde morreram, antes de entrar em combate, os soldados dos exércitos que marchavam contra Josafat — 22. Encruzilhada — 23. Variedade de abelha — 24. (Filos.) Parcialidade, egoísmo — 26. Prefixo que denota aumento — 27. Embaixador de Francisco I em Portugal, que introduziu em França o uso do fumo — 30. 18ª letra do alfabeto árabe — 31. Fizera mau uso de — 34. Homem de dinheiro — 35. Espaço de tempo gasto pela terra numa translação completa em volta do sol — 37. Quantidade de substância, em gramas, numèricamente igual ao seu pêso molecular — 38. Emblema da realeza, em França — 39. Sistema coloidal em que as partículas sólidas estão disseminadas no meio líquido.

VERTICAIS: — 1. Interjeição de apêlo — 2. Arbusto trepador (pl.) — 3. Nome de mulher — 4. Uma das cidades do reino de Hadar-ezer saqueadas por Davi — 5. Ligai — 6. Planta da família das Leguminosas — Papilionáceas — 7. Coisas ridículas — 8. Influente — 12. Iguaria de feijão partido e cozinhado com vários temperos — 13. Tenazinha usada pelos tozadores de pano — 14. Adepto do partido nacional socialista de Hitler - 19. Rio da Suiça, deságua no Reno - 21. Uma das Ciclades, entre Naxos e Santorino — 23. Sem fé religiosa — 25. Pai de Saturno — 28. Arvoreta da Índia portuguêsa — 29. Impostc gravoso — 32. Orvalho — 33. Essência de terebintina — 34. Símbolo do túlio — 36. Sufixo que designa serventia, naturalidade.

★

Problema N. 76 para Novatos



HORIZONTAIS: — 1. Senhor — 3. Botequim 5. Polir com lima — 9. Da América — 12. Diário — 13. Pedra de moinho — 14. Cinqüenta e um algarismos romanos — 15. Interjeição de espanto — 16. Poeira — 17. Designação geral de aves — 19. Um dos cinco oceanos — 22. Substância granulosa que formam as praias — 23. Aqui está — 24. Dá miados.

VERTICAIS: — 1. Fileira — 2. Relativa a cultura de oliveiras (pl.) — 3. Soltariam bramidos — 4. Curso de água natural — 6. Irritai — 7. Um milhar — 8. Prefixo que designa tendência, direção — 10. Mil e quinhentos em algarismos romanos — 11. Laçada apertada — 15. Árvore da família das Rosáceas — 16. Símbolo da platina — 17. Liga — 18. Antes de Cristo — 19. Unidade das medidas agrárias — 20. Atmosfera — 21. Reza.

SOLUÇÕES DOS PROBLEMAS Nº 75 — PARA VETERANOS

HORIZONTAIS: — Gula — País — Ar — Peita — Só — Cairara — Puir — Ralo — Cansa — Amoré — Ora — Nai — Remir — Raiva — Oboé — Alma — Ilativo — Li — Elido — Ra — Alhs — Sair.

VERTICAIS: — Ga — Ur — Apais — Param — Is — Só — Eira — Ir — Tara — Cunambi — Alónimo — Páreo — Orava — Côr — Eiá — Ioles — Real — Raid — Alvos — Ti — Lã — Il — Ri — Ar.

PARA NOVATOS

HORIZONTAIS: — Lar — Par — Amora — Ar — Ara — ML — Intacto — Oboé — Iara — Asilara — As — Rui — Sã — Coisa — Aia — Ira.

VERTICAIS: — Lua — Rã — Nora — Pá — Rol — Mateiro — Raciais — Ribas — Moras — Nós — Tar — Luís — Ama — Ala — Cá — Ai!

Colaboração e correspondência para: REVISTA DA SEMANA — PALAVRAS CRUZADAS.

O DIÁRIO DE UM. . .

(Cont. da pág. 38)

calcular e fico trabalhando do meu canto, enquanto Madalena martela lá da varanda. Vai ser até um concêrto interessante. Nunca pensei que isso aqùi em casa ainda pudesse ficar assim divertido...

★

Outro sábado:

A mulher do nosso sócio, nossa vizinha também, já me olha de esguelha quando me vê entrar à noitinha. Não sei se já anda pressentindo a nossa situação aqui em casa. Tôda a gente da zona sabe que o Cunha não é companhia para um homem às direitas como eu. E na certa hão de ignorar que minha mulher agora se converteu numa intelectual sempre por demais ocupada para me beijar quando entro à hora do jantar. Como eu iria explicar, assim, os motivos que justificam a minha transformação?

★

Segunda-feira:

A loura que o Cunha me apresentou fez-me lembrar Madalena. Minha mulher também já teve um dia aquêle mesmo brilho nos olhos, aquêle sorriso gaiato, aquêle dengue... O diabo foi o tal livro que inventou de escrever. Se não falasse tanto nos seus novos idéais, as coisas não teriam mudado tanto entre nós. Isso porque eu sou um sujeito normalmente medíocre. Vivo a vida comum de qualquer um dêsses indivíduos que passa por mim na rua, sem grande ideais, sem pretenções de ser mais do que realmente se sente ser. Gosto de ler o meu jornal, escutar notícias pelo rádio, tenho meu time preferido e, quando solteiro, já tomei parte em muita rodinha de esquina. Sou um a mais na massa do povo e, se escolhi Madalena, foi porque sempre senti nela ambições iguais às minhas. Porque então há de ela, de repente, pretender se sobressair, vestindo uma roupagem que não é sua? e o pior não é isso. Agora deu prá querer exigir de mim que eu me sinta orgulhoso de ter uma mulher inteligente. "Pelo menos podias ter-te mostrado mais interessado nos meus trabalhos literários. Mesmo que não atinjas o alcance das minhas possibilidades, seria mais elegante fingires menos indiferença..." E dizer que Madalena já foi atraente antes de assistir àquela conferência literária no Centro Cultural... O professorzinho falou e ela acreditou mesmo que qualquer pessoa, por mais insignificante que pareça, pode vir a descobrir sùbitamente alguma capacidade latente. Basta para isso que liberte o pensamento das coisas rotineiras, elevando a inteligência para caminhos mais amplos. Chegou a casa tomando do mesmo aquilo a peito: "Engraçado, Jorge, eu sempre me senti escritora, subterrâneamente. Foi preciso aquela palestra, para despertar em mim uma nova fôrça creidora, e uma grande esperança na minha capacidade produtiva adormecida". E aí começou a coisa: camisa sem botão, meia rasgada, desordem pela casa, desinterêsse pelos cuidados domésticos. E por aí afora...

★

Quinta-feira outra vez:

Ontem eu esperei uma briga feia aqui em casa. Entrei mesmo decidido a dizer-lhe as verdades duramente, se ela me acusasse, ou se mostrasse temperamental. E isso porque no bonde vim me lembrando: esquecera de mandar para o tintureiro aquêle terno branco. Verdade que ainda estava limpo, mas a mancha no ombro precisava de reparo... Porém, Madalena estava calma, uma pluma até. Atirou-me um sorriso inesperado da máquina, quando me viu entrar apressado escada acima. E você nem queira saber! O paletó estava limpo, da marca no ombro, nem vestígio... E o meu guarda-casaca! Não é que Madalena andou metendo a mão na roupa? Apareceu tudo em ordem, até botão nas camisas, veja só!...

Ela subiu logo depois, veio até mim, olhou-me com naturalidade, nem uma queixa. Verdade que apesar de tudo, ela continuou falando no romance. Começou a contar o que lhe dissera o editor. "Êle acha que tenho talento, que os meus personagens se movem com muita segurança, os diálogos são bem dirigidos... Mas... não sei o que quis insinuar..." E me encarou: "Não achas, Jorge, se êle me falou sôbre as razões de se escrever um livro, se me diz sempre que todo o livro precisa ter conteúdo, que não basta haver um enrêdo, uma história... é porque... bem... será que êle está insinuando que falta em mim a substância que deve reger o impulso criador?" Não respondi. Ela talvez perguntasse aquilo por perguntar, talvez ja tivesse opinião formada e nem esperasse mesmo de mim, capacidade para responder às suas inquietações. Mas o que mais me doeu não foi isso. Eu esperava que Madalena reclamasse a minha deslealdade, estava mesmo disposto a enxugar-lhe as lágrimas, e, quem sabe, até lhe fazer a promessa de não cair mais em falta, e dei com aquela indiferença, aquêle descaso... De repente puxei-a pelo braço: "Olha aqui: queres saber de uma coisa? Há tempos estou aguentando essa comédia, Madalena. E já estou farto, entendeu? Farto!" Seus olhos me encararam com espanto e logo foram se ameigando silenciosamente. Teria eu reconhecido a Madalena de outrora naquela mulher de pedra? Disse-lhe mais: "E fica sabendo: escrever não é um

(Cont. na pág. 50)

SAÚDE DO BEBÊ

(Cont. da pág. 4)

carrão sem ôvo, letria, pirão de batatas, cará, mandioca, pirão de legumes, salada de tomate cru com azeite, caldo de feijão ou de lentilhas com azeite; carne no máximo 100 gramas ao dia, cozida e moída ou mal assada e raspada. Carnes diversas — de frango desfiada e picada, peixe cozido, miolos, fígado, etc. Lanche de frutas esmagadas, com torradas ou biscoitos, pudim de frutas com gelatina, tapioca, sagu, etc. Jantar como no almôço.

A cura da urticária e outras manifestações alergênicas não dispensa a observância de um regime bem escolhido, quanto à supressão daqueles alimentos geradores da crise.

Em geral, o tratamento local se impõe porque surgem as infecções secundárias, devidas ao prurido e ato de coçar, podendo dar lugar à formação de verdadeiras pústulas, que se assemelham com as da catapora.

A medicação anti-histamínica dá, em geral, bons resultados e é o que de melhor há para empregar durante as crises, as quais, porém, possuem uma causa endógena e que cumpre ser removida com os cuidados especiais da alimentação, para o que fizemos, acima, um sumário que servirá de guia.



AIR FRANCE

é a chave de novos horizontes...

RIO DE JANEIRO — Av. Rio Branco, 257-A - Tel. 42-8838
SÃO PAULO — Rua Líbero Badaró, 184 - Tel. 32-3902
RECIFE —— Av. Guararapes, - 210 - Tel. 7549

CORPO ESBELTO
E FACEIRO!...

VINHO CHICO MINEIRO

e'a inteligente! Não espere engordar demais, tome de hoje em diante VINHO CHICO MINEIRO que conservará o seu porte elegante. A perda de pêso é natural não faz mal e não provoca rugas. Insista no tratamento e depois do terceiro vidro o seu corpo tomará linhas firmes e delgadas adquirindo forma elegante indispensável à mulher moderna.

EUTRICHOL ESPECIAL

que faz voltar a côr natural aos cabelos. Fórmula completamente inofensiva, não contém nitrato de prata ou outro sal prejudicial à saúde. Revigoriza o cabelo, não o deixando quebradiço. Pode ser usado indefinidamente, e o seu uso previne a queda do cabelo e elimina a caspa. Antes de acabar o primeiro vidro, o seu cabelo estará completamente revigorizado tendo voltado, portanto, à sua côr natural.

PARA COMPLETÁR A SUA BELEZA E PERSONALIDADE USE ESTES PRODUTOS DA MULTIFARMA.

LEITE DE ARROZ

Para manter a limpeza e a higiene da pele, use LEITE DE ARROZ pela manhã, à tarde antes da maquillage e à noite antes de deitar. Para fixar o pó de arroz não há melhor que o próprio LEITE DE ARROZ. O seu uso constante remove as particulas mortas e queimadas da pele, sardas, manchas, panos e cravos, tornando-a lisa, macia, aveludada e eliminando o cheiro desagradáveldo suor.

(Exigir a embalagem verde)

MULTIFARMA

Rua Direita, 191 — 6º andar
SÃO PAULO
Remessa pelo reembôlso
A venda nas boas Farmácias



HEMORRÓIDAS

E VARIZES EM GERAL

Novo tratamento sem operação e sem injeções

Após longos estudos foi descoberto um ótimo remédio para o tratamento das **hemorróidas** (mamilos externos e internos), inclusive os que sangram. Usando a pomada no local e tomando juntamente o liquido, em pouco tempo poderão ser debelados por completo tais males. **Para varizes** (nas pernas) use na dose de 3 colheres (das de chá) ao dia, em água açucarada e friccione a pomada no local. As pernas readquirem seu estado normal e a beleza estética. USE DURANTE 3 MESES.

Procure nas farmácias e drogarias e na falta à V. Sandoval Jr., **Caixa Postal 1874 São Paulo.**



U-10-2 Ag. Pettinati

O DIÁRIO DE UM. . .

(Cont. da pág. 48)

passatempo pueril de acomodar palavras nas frases. O escritor já nasce com aquêle dom, e tem mesmo necessidade de extravasar a alma expontâneamente, sem que alguém precise lembrá-lo disso. Tu não passas de uma bobinha, fica sabendo. A Madalena que eu gostava era outra, sabia ficar dentro de seus limites... "Desci tonto de raiva, com vontade de fazer qualquer loucura. Abotoei o paletó na rua mesmo. O Cunha me esperava à esquina.

Sexta:

Não sei o que aconteceu com a minha mulher que, à chegada do escritório me esperou de banho pronto. Até roupa limpa em cima da cama e chinelo no lugar. Fiz que não percebi, fui direito à máquina de calcular. Ela de repente veio até mim": Jorge, tu trabalhas demais. Assim te esgotas, querido. Melhor jantar agora. Depois a gente pode ir a um cinema". Ergui a cabeça: "Ué, e o teu romance?" Veio sentar junto a mim: "Pode esperar". Imagine você, ela que há dois meses se recusava a qualquer diversão, enchendo a boca para acusar os derivativos de prejudiciais ao seu trabalho mental, ela me vinha de repente com aquilo... Mas se você quer mesmo saber, não fui, não saí. Fiquei trabalhando até tarde, nem sei a que horas resolvi dormir. O certo é que Madalena me esperava lendo, de luz acesa. Mas eu me mostrei frio e teimoso até ao fim.

Domingo:

Não é que no outro dia ela me aparece no escritório? O Cunha ia saindo do meu gabinete e deu aquêle assobio significativo que me obrigou a levantar os olhos para a porta. E não é que dou com ela parada diante da minha escrivaninha? E de cabelo sôlto, vestido grudado no corpo como se tivesse apanhado chuva e encolhido e se agarrado nas curvas, marcando os contornos. Já me convidava com seu sorriso ameigado: "Então Jorge, será que podes largar o trabalho essa tarde prá me acompanhar ao cinema?" Fechei a cara. Não tanto por ela, mais pelo Cunha. Nunca havia reparado como êsse sujeito pode ser inconveniente com aquêle jeito de amolecer ôlho para todo o rabo de saia. Tratei de despachar Madalena, louco de raiva. "Hoje é impossível, tenho muito que fazer". Que coisa má era aquela rodando por dentro? Que vontade de dar um sôco na cara deslavada do Cunha?" Vai, vai indo. Depois falo contigo" Madalena fêz muchoco: "Está bem. Tu não podes, na certa não hás de te importar que eu vá sòzinha. Tirei a tarde para me distrair e não vou voltar pra casa agora". Mal ela deu meia volta, o Cunha veio esfregando as mãos para o meu lado: "Puxa, velho, essa você não me dizia... Escondendo segredinhos do seu amiguinho do peito, ein?" Aquela intimidade me descontrolou. Dei um murro na mêsa, fiz voar longe a papelada:" Cala-te idiota! Não vês que é minha mulher, a Madalena?" Êle me olhou espantado, e de repente deu aquela gargalhada atrevida, para logo exclamar: "Puxa, então o idiota é você meu caro! O que está esperando prá agarrar o chapéu e correr atrás dela?" Saí alucinado. Que raiva, que humilhação ver a mulher andando lá adiante no passeio, e os grupinhos à esquina espiando atrás dela de ôlho comprido. Segui quase a correr, dando encontrão em todo o mundo na calçada. De tão agoniado, de repente, não vi mais ninguém, não vi mais nada. Só aquelas curvas. aquêle vestido grudado, rua afora. Dei-lhe um puxão no braço:" Madalena vamos prá casa!" Olhou-me mais satisfeita do que sobressaltada: "Por que? A tarde está ótima para se passear... para se ir a um cinema..." "Cinema coisa nenhuma! Prá casa é que é. E já, estás ouvindo? E tu vais já despir essa imoralidade, essa indecência!"

Agora fico lembrando: ela nem protestou, nem levantou a voz. Acompanhou-me mansinha, submissa, com um jeito de riso no canto da boca...

Outro domingo qualquer:

A máquina de escrever foi vendida. Madalena me espera tôda enfeitada e me beija muito, e não me dá tempo de pensar em cálculos. Fui obrigado a levar a máquina de calcular de volta para o escritório. Mas não se impressione, se levei foi porque quis. Quem manda aqui em casa sou eu. E eu já andava mesmo farto de trabalhar à noite...

A loura? Ora, filho, Madalena pintou o cabelo..."

A VINGANÇA

(Cont. do número anterior)

Doutor Gaspar nada respondeu. Sorriu. Estavam num sábado — o resto dêsse dia e o dia seguinte passou-o numa agitação indisfarçável. Passeios nervosos pela casa, mergulhados no mutismo obstinado.

Domingo manhã cedo, foram juntos à despedida das perdizes. Pouco demoraram no mato. O médico perdeu o primeiro tiro que poderia ter dado. A perdiz se levantou a poucos passos, mas o outro, por acaso, atravessou-lhe na frente no momento mesmo em que o Gaspar erguia a espingarda.

- Está maluco — gritou com brutalidade o médico, vendo por quão pouco o imprudente escapara de receber a carga...

— Não, assim não... — Em seguida, mais calmo, bateu nos ombros do companheiro ,ajeitando a arma em baixo do braço. — Estou hoje que não presto p'ra nada. Vamos voltar.

Segunda-feira, desde cedo, o doutor Gaspar trancou-se na sala da frente, com olhos injetados, o que fêz dona Júlia considerar consigo mesma, sorridente.

- Saudades do amigo...

Eram nove horas. O *amigo* veio bater à porta. — Dr. Gaspar, já vou.

O médico abriu, sem pronunciar palavra, visivelmente emocionado. Depois de alguns instantes de mútua contemplação o doutor Gaspar empurrou o môcho de ferro:

— Sente-se aí um momento, Rodrigo.

Rodrigo sentou-se um tanto surprêso, estranhando o aspecto do amigo. E doutor Gaspar, sem preâmbulo, com voz trêmula, surda, quase inaudível:

— Então Rodrigo de Souza Marques, não me reconheceu, hein? — O outro ficou perplexo. Não podia compreender aquela pergunta, aquela atitude, aquela voz e o seu nome todo...

— Rodrigo — prosseguiu o doutor Gaspar, quase num soluço. — Rodrigo, que é feito de Alzira?

Então, compreendendo tudo num relance fulminado pela verdade, o homem ficou rígido e frio e mal póde balbuciar: — Augusto!

Houve uns segundos de silêncio em que os dois homens se fitaram. Um petrificado de pasmo, o outro rígido de ódio.

- Sim, miserável, sou eu.

Rodrigo quis levantar-se. Pôde apenas curvar os joelhos e erguer a cabeça, porque Augusto pegando um bisturi, que suas mãos encontraram por acaso, o mesmo com que salvara a vida daquele homem com um golpe certeiro, rápido, profundo — secionou-lhe a carótida.

FIM

MAS... EXISTIRÁ O

(Cont. do número anterior)

Depois de uma hora de explicações o pobre guia estava exausto.

— Mas como pode saber tão detalhadamente sôbre esta obra, não creio que tudo isso possa estar escrito em livros!

— Estava impresso no coração de um artista, como o senhor sabe o povo italiano é artista... também o era meu pai que dedicou muitos anos de sua vida à esta deslumbrante sala. Eu acompanhava-o em suas viagens através das côres!

Leony olhava para o homem quase com inveja.

— Agora vejamos a parte superior da capela. Representa o Novo Testamento as Sibilas preenchem lateralmente; aquela é a Delfa, a mais divulgada e indiscutivelmente a mais bela.

Um ano passara-se e êle não pensava em voltar ao Brasil. Sentia-se bem entre aquêle povo, entre as obras de arte e o seu próprio trabalho.

Era feliz e nada desejava.

Já não o surpreendia o misto pagão e divino que tanto caracteriza Roma, habituara-se a caminhar por entre as ruinas enquanto a fantasia reconstruia o que o tempo apagara. Subia ora ao Monte Mario para acompanhar o Tibre que se contorcia em música moderna e incessante, as velhas pontes quebravam-lhe a monotonia das águas barrentas, ora pela Via Appia onde outrora desfilavam imperadores e soldados por entre imponentes aquedutos que em noite de lua erguiam-se gigantescos e misteriosos como a esfringe de Giseh. As velhas catacumbas, os templos, colunas, tudo parecia brotar do solo...

Eram seis horas quando Leony terminou o seu trabalho, fechou a porta do escritório e desceu pelas escadas de mármore até ao pátio; a Via XX Settembre estava repleta de pessoas que corriam com embrulhos e jornais para as caminhotetas estacionadas junto ao Ministério. Êle sentia necessidade de respirar, caminhar sem rumo. Subia a elegante via Veneto, as casa de chá espalhavam mesinhas pelas calçadas e exibiam a juventude italiana. Os pequenos automóveis, bicicletas e carrosselas confundiam-se quase chocando-se uns com os outros. Atravessou a Porta Pinciana, sempre tivera vontade de conhecer aquêle pintor eremita que habitava sôbre aquêles muros. A vila Borghese, a floresta encantada! Os pinheiros altos, como outrora, gemiam reproduzindo a inconfundivel melodia respighiana... o sol começava a declinar, e no meio do bosque tinha-se a impressão que as enormes árvores uniam as copas abundantes para impedir a luz. Uns cavalheiros galopavam ao longe e as crianças alegremente regressavam às casas.

Quando alcançou o Pincio, o grande terraço suspenso, sentia-se melhor.

Distinguiu as grandes montanhas que pouco a pouco tornavam-se negras e compactas. Estivera ali milhares de vêzes mas nunca sentira uma emoção tão forte e profunda. O sol em derradeiro esfôrço lançava os ráios, escondido por detrás da cúpola de São Pedro, era a agonia do astro-rei. Tôda Roma mergulhara no fogo eterno...

Quanto tempo Leony permaneceu em extase? Nem êle próprio poderia dizê-lo; apoiado sôbre o parapeito era como um embriagado — a imensa praça estava deserta e a solidão tornava-a ainda mais imensa.

Uma brisa acariciou-lhe os cabelos... aquela cena não lhe era estranha, já uma vez a mesma sensação entorpecera-lhe a mente. Sem lembrar onde e como evocou Mildred. A imagem gentil e feminina fazia-o sorrir.

A BELEZA DOS SEIOS BÉL-HORMON

Quando o busto fôr insuficiente ou sem firmeza, use BÉL-HORMON nº 1; e quando fôr ao contrário, demasiadamente volumosos, use BÉL-HORMON nº 2. BÉL-HORMON, à base de hormônios é um preparado modernissimo, eficiente, de aplicação local e resultados imediatos. Adquira-o nas farmácias e drogarias ou pelo Correio.

BÉL-HORMON



Distribuidores para todo o Brasil: Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. Rua da Carioca, 33 — Rio de Janeiro

Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Queiram enviar-me pelo Reembôlso Postal um vidro de «BÉL-HORMON» nº ....
NOME ....
RUA .... Nº ....
CIDADE .... ESTADO ....

Preço para todo o Brasil Cr$ 50,00

— Por que será que concordou comigo? Por que? Não sabia porque formulara uma pergunta tão absurda e sem nexo. Absurda! Isto mesmo. Êles haviam discutido e repentinamente quando... ela capitulara. Perguntara-lhe porque não poderia ser o destino, por que não poderia casar-se com ela? Ela me ama! Sim, ela me ama quanto estúpido fui por não ter compreendido, por que não percebi antes? Como deve tê-la magoado com a minha indiferença. E' preciso que eu pense, que faça alguma coisa. Mas... uma dúvida assaltou-lhe o pensamento... mas ela agora deve ser mulher de Marcelo. Não, impossível, conheço Mildred e sei que nunca se uniria a um homem se não o amasse realmente, é um caracter exclusivamente sentimental. Mildred!

Lançou ainda um olhar de agradecimento à velha cidade adormecida e envolta nas trevas.

— O absurdo se transforma em realidade, nunca julguei que pudesse ser verdade, não era convicto.

O avião cruzou o oceano e aterrizou em solo brasileiro. Não avisara a nenhum dos seus amigos que regressava tão inesperadamente.

Horas depois, dirigia-se para a casa dela, com o coração sufocado pela ansiedade e alegria, como uma criança contente com o novo brinquedo, desejoso de contar, gritar para todos o que descobrira em si mesmo.

Mildred estava alí, sentada na varanda com um livro aberto sôbre os joelhos, os seus olhos fitavam as "estrêlas" no céu. Êle abriu a cancela sem fazer ruido, apenas o coração batia desordenadamente, tentou pronunciar o nome dela mas os seus lábios estavam cerrados, enrigecidos. Ela mexeu-se na cadeira, despertando do sonho; comprimiu levemente a fronte com ambas as mãos. Sùbitamente voltou-se e encarou-o.

— Leony! murmurou ela quase imperceptivelmente fazendo-se mais pálida e ainda mais bela.

Êle a tomou nos braços e apertou-a contra si.

— Eu voltei, Mildred, perdôe-me, falava êle baixinho com a voz entrecortada pela emoção, voltei porque a amo, porque a amava e não o sabia. O amor nasceu em mim, desabrochou... e agora está vivo, intenso...

— Não Leony, eu sabia que você voltaria, eu já sabia desde o dia em que partiu porque... porque estava escrito pelo Destino!

PODEMOS TER A . . .

(Cont. da pág. 54)

glaterra, onde apresentou o trabalho: "Evidence on the Existence of Heavy Mesons".

Em outubro do mesmo ano foi, a convite de Niels Bohr, realizar conferências na Sociedade Dinamarquesa de Fisica, em Copenhague, apresentando o trabalho: "Observation of Cosmic in Photographic Plates".

Em novembro de 1947 foi, também a convite, a Lund, Suécia, onde apresentou tese na Physical Society. Da Suécia dirigiu-se ao Brasil. Em janeiro de 1948, casou-se com a srta. Martha Siqueira Netto, bacharel de matemática pela Universidade de São Paulo. Agora, depois de decorridos três anos, é pai de uma linda criança, que em breve receberá na pia batismal o nome de Carolina, em homenagem, naturalmente, a avó paterna.

Em fevereiro de 1948, chegou em Berkeley — Califórnia — USA, como bolsista da Rockefeller Foundation, a fim de trabalhar como Consultor Especializado no Radiation Laboratory na Universidade da Califórnia.

No dia 21 de fevereiro, Lattes, trabalhando em colaboração com Eugene Garner, descobriu o primeiro meson artificial, produzido pelo ciclotron de 184 polegadas. Em março de 1948 visitou, a convite, a fim de realizar conferências, as Universidades de Rochester, em Rochester, U.S.A., e de New Mexico, em Albuquerque (U.S.A.). Em abril de 1948 visitou também, a fim de realizar conferências, o Brookhaven National Laboratory, por ocasião de sua viagem de representação da Universidade da Califórnia no Congresso da American Physical Society, onde apresentou um trabalho sôbre a sua descoberta.

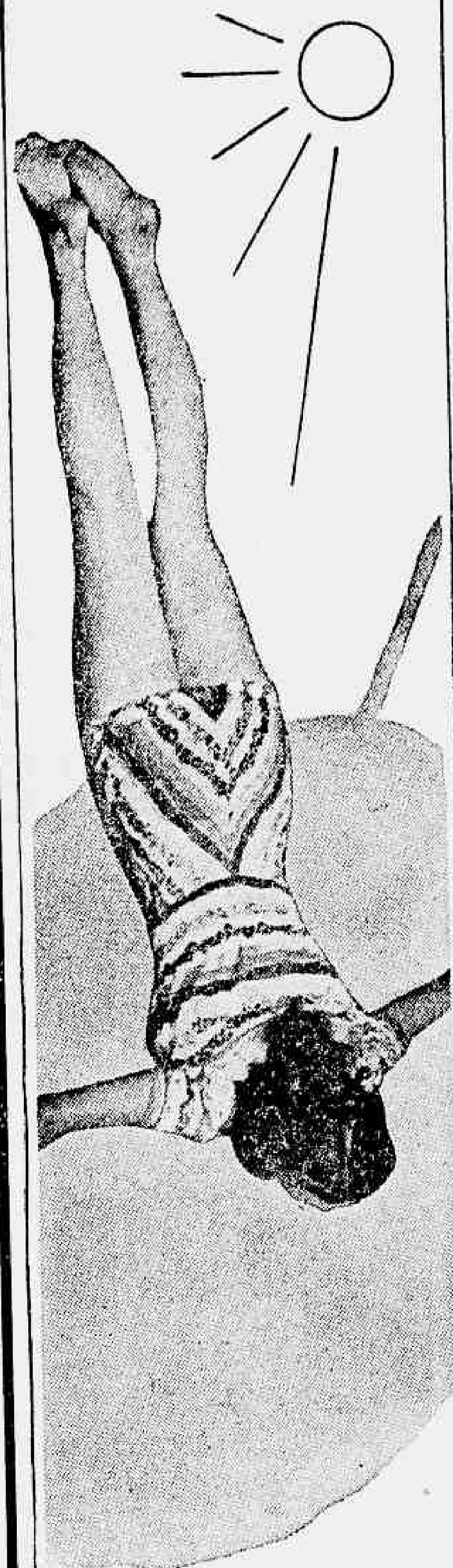
Em maio do mesmo ano visitou as Universidades de Harvard e Princeton e o Massachussetts Institute of Tecnology, onde proferiu várias conferências. Em junho representou a Universidade da Califórnia no Symposium de Raios Cósmicos e no Meeting da American Physical Society, respectivamente, em Pasadena e Los Angeles, Estados Unidos.

Em setembro de 1948 foi convidado a tomar parte num congresso em comemoração do centenário da "American Association for the Advancement of Cience", onde apresentou o trabalho: "Observations on Slow Mesons". Nessa ocasião fêz também conferências no Iowa States College e na Universidade de Minnesota. Em dezembro voltou ao Brasil, para ser patrono dos diplomados da Faculdade Nacional de Quimica. Foi, no mesmo ano, agraciado com o titulo de Dr. *Honoris Causa* pela Universidade de São Paulo. Em seguida, contratado como professor de fisica teórica do Departamento de Fisica da Faculdade de Filosofia da Universidade daquele Estado, cargo do qual pediu demissão em maio de 1949. Voltou aos Estados Unidos em janeiro de 1949, a fim de concluir seus trabalhos no Radiation Laboratory da Universidade da Califórnia. Em fevereiro do mesmo ano, realizou conferências no "Institute for Advanced Studies" e em março, antes de sua volta para o Brasil, foi convidado a participar do Congresso de Raios Cósmicos, no Mid-West University, em Chicago, onde apresentou o trabalho: "Medida da Massa do Meson". Depois de seu regresso ao Brasil, juntamente com outros elementos do nosso meio cientifico, fundou o Centro Brasileiro de Pesquisas Fisicas, do qual é diretor cientifico. Foi, em seguida, contratado como professor de fisica nuclear, pela Faculdade Nacional de Filosofia.

Respostas ao teste

1—Na Bahia (Salvador)
2—De Manchester
3—Os rins
4—Casa de pedra
5—Hormônio
6—Penhasco
7—Espórtula
8—A casca
9—Surdez
10—E' indiferente
11—Burel
12—Anverso
13—Pajés
14—Sinal que marca os erros dos alunos
15—Quinqüídio.







Polvilho Antisséptico
GRANADO



DESODORANTE CICATRIZANTE



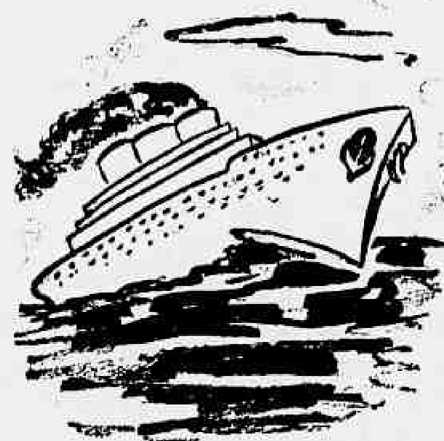
TEERAN ESTÁ NA MODA, com a disputa entre a Persia e a Inglaterra, em tôrno do caso do petróleo. Nestas fotografias vemos, no alto, num clube noturno da capital persa, uma bailarina vestida à oriental e a bailar entre seus fãs. Na outra, uma bailarina que se julga trajada à francesa, dança para a platéia. O povo de Teeran se veste como os europeus e americanos e procura assimilar em tudo os hábitos e a vida do ocidente. Tôda aquela poesia dos costumes e dos trajes misteriosos do oriente já cedeu lugar à indumentária ocidental.



TUDO ISTO

DESCOBRIMENTO DA AMÉRICA

"AS duas da madrugada do dia 12 de outubro de 1492 o marinheiro Rodrigo de Triana, da caravela "La Pinta", avista uma praia de areia na distância de duas léguas. O comandante Pinzon faz o sinal convencionado aos outros dois navios de Colombo anunciando o descobrimento esperado. Ao amanhecer verificaram estar diante de uma ilha de 15 léguas de extensão, a que davam os selvagens o nome de Guanahani; mas Colombo a rebatizou como ilha de "S. Salvador". Em 1492 as tais caravelas dos descobridores ibéricos e genoveses eram considerados barcos estupendos. Mas bastava uma brisa mais forte e umas ondas mais revôltas para darem cabo delas. Levavam cem dias para atravessar o Atlântico. Guiavam-se pelas estrêlas e tinham mais mêdo das calmarias do que nós da politica. Mas o mundo foi marchando, marchando e já hoje há, entre a Europa e o Novo Mundo, maravilhas como esta: um transatlântico de 30 mil toneladas, com ar condicionado, instalação radiofônica em seus camarotes para que os passageiros que o queiram, possam pedir, de bordo, em alto-mar, ligação para sua casa, no Rio ou em Buenos Aires, e conversar com espôsas, parentes e filhos, como se estivessem no escritório. Os salões têm decorações de grandes palácios suntuosos, coisa sòmente para milionários; banhos de duchas quentes e frias, três piscinas amplas, de águas cristalinas; jardins de inverno, praias, bar, esportes, salões de baile... E a gente se lembra de Rodrigo de Triana e de Colombo, que morreram a mendigar...





O ESQUELETO DO MINISTRO

O esqueleto do Ministro não é mesmo dêle, e sim de um obscuro operário que, não tendo recursos para doar haveres ao Estado, nem bens que fiquem em herança jacente, se lembrou de oferecer a carcassa, depois de morto, e lógico. O trabalhador que deseja contribuir, depois de estar no além, com alguma coisa que lhe é muito cara, ofereceu o seu esqueleto ao Sr. Presidente da República, em carta muito bem redigida. Em compensação, quer que a ossada lhe seja paga com antecedência, isto é, em vida do doador, pela importância de Cr$ 30.000,000. Para legalizar a transação macabra, o cidadão esquelético estabelece as bases: um contrato de compra e venda, devidamente estampilhado e com as assinaturas reconhecidas em tabelião. Nada mais natural. Acha o ofertante, isto é, o vendedor do próprio esqueleto, que, depois de morto, de nenhuma serventia lhe serão as tibias, os fêmures, as costelas, a espinha dorsal. Até agora não se ouviu dizer que, diante de um Presidente de República ou de qualquer Ministro de Estado, Reis ou Duques, um esqueleto se curvasse reverentemente, como qualquer puxa-saco dêste mundo de verminoses e salamaleques. O Sr. Getúlio Vargas, diante do negócio que lhe era proposto, despachou para o Ministro do Trabalho, Sr. Segadas Viana, que vai descascar o abacaxi, isto é, ficar ou não com o esqueleto do operário por trinta mil cruzeiros. Achamos muito, sabendo-se que uma Múmia do Vale do Nilo, já esta pela têrça parte disso...





O SENHOR ESTÁ MORTO

MAXIMINO Vera Castilho, operário da indústria petrolifera na cidade de Madero, no México, depois que terminou o trabalho, dirigiu-se para sua casa, tranquilamente. Ao aproximar-se da residência, notou que havia ali qualquer anormalidade. Pessoas conhecidas, parentes, amigos, estavam fazendo "quarto" a um corpo metido num esquife, com velas acesas por todos os lados. As mulheres rezavam, chorando. As caras tristes de todos quase lhe arrancam lágrimas antecipadas. Chegando à soleira da porta de seu lar, houve tremendo alvoroço. Algumas mulheres mais sensiveis cairam com chiliques, enquanto outros mais animosos botavam o pé no mundo. Foi quando um mais corajoso gritou para Maximino: "O senhor está morto!" Maximino ficou atordoado. Seria que havia morrido mesmo e não dera por isso? Estaria êle a viver como espírito? Não seria isso prova do seu atraso espiritual, sem querer deixar a terra, apegado que sempre fôra à vida material dêste mundo enganador? Mas Maximino tinha a certeza de que não morrera, ora essa! E reagiu. Não, não estava morto. Foi até ao caixão e olhou o falecido. Não era êle, sim um operário com o mesmo nome: Maximino Vera Castillo! E tudo se explicou: o Maximino que morrera estava de passagem pela cidade e fôra vitima de um acidente. Mandaram-no para a casa do xará, e a familia dêste julgara que fôsse o outro. Embora em ambos houvesse um Vera, houve equívocos. *Si non è vero...*



ACONTECEU

O EXEMPLO DE PONTE NOVA



O "Jornal do Povo", de Ponte Nova, Minas Gerais, é um dos mais bem feitos e mais lidos semanários do interior mineiro. Desde muito tempo os seus redatores vinham desejando dotá-lo com um suplemento literário ilustrado, que pudesse dar aos leitores uma idéia do elevado nível cultural da cidade, uma das mais ricas e populosas de Minas, situada à margem do rio Doce, centro de grande cultura de cana e fabrico de açúcar, ligando-se ao Rio e a Belo Horizonte pela E.F.C.B. e "Leopoldina". Ponte Nova merecia, pois, uma imprensa mais avançada. Entretanto, como todos sabemos, por maiores que sejam os esforços dos intelectuais, raramente podem êles realizar seus sonhos. O intelectual é um cidadão que trabalha exaustivamente com o crânio e morre pobre porque trabalhou tanto que nunca teve tempo de ganhar dinheiro. Por êste motivo e outros, não era possível dotar a imprensa local com um melhoramento de tal porte. Foi quando a Prefeitura da cidade entrou com o seu prestígio: foi votada uma verba destinada a manter a publicação do Suplemento Literário do "Jornal do Povo", não se deixando naufragar a idéia de cultura da cidade. Recebemos um dêsses exemplares e confessamos nossa surprêsa. Colaboram nêle grandes filhos da cidade, a começar por Milton Campos. Há poemas originais e traduzidos do francês; há versos de Brant Ribeiro, com ilustrações de Goulart, que nos relembram a arte imortal de J. Carlos; há um estudo sôbre Stendhal, de Edgard de Vasconcelos; outro de Ivan Lins sôbre teatro espanhol; há contos, há crônicas, há todo um mundo de beleza. Parabéns, Ponte Nova.



ERA MUITO PALITO



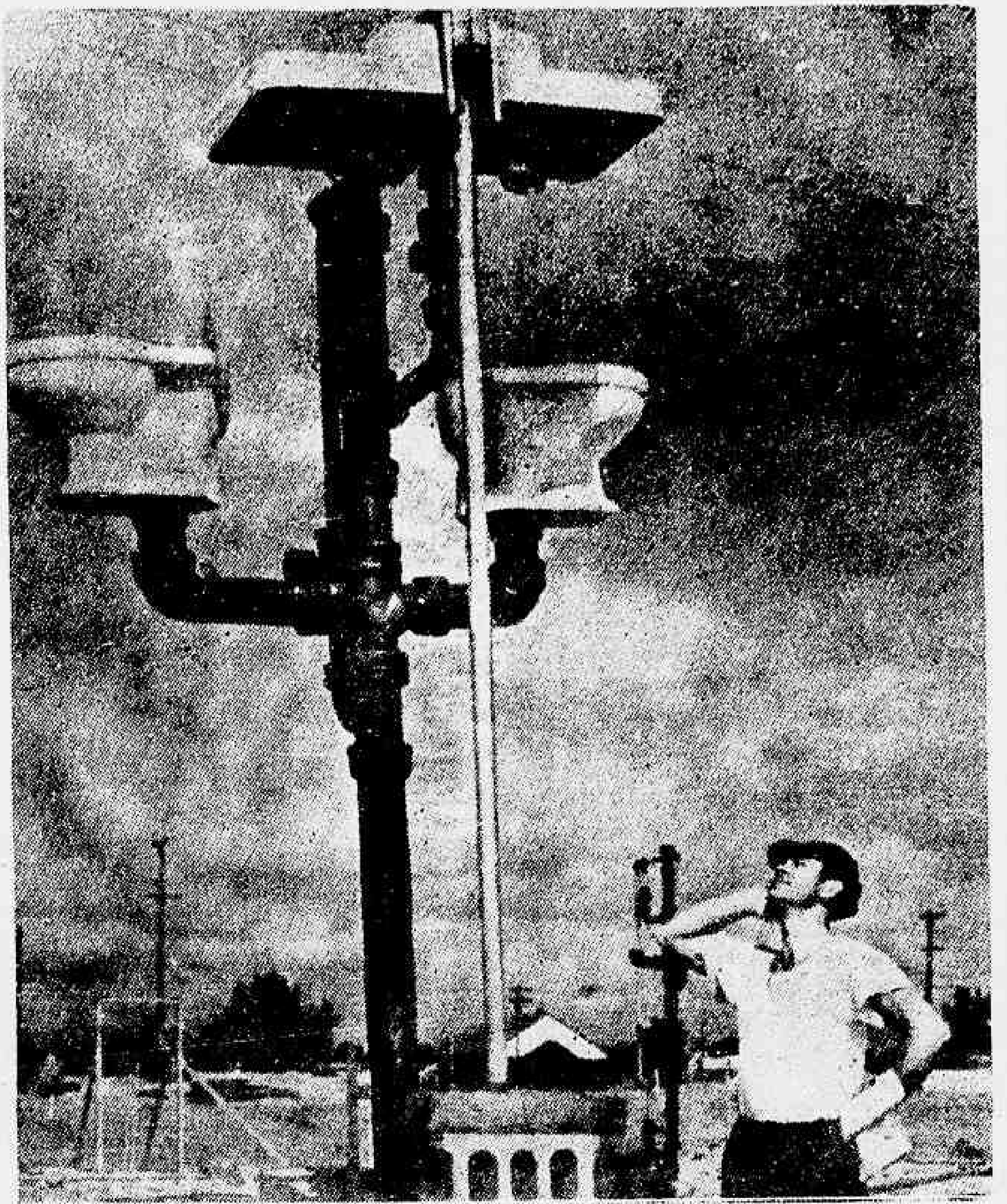
O Sr. Antônio Pimenta Machado tem pai em Portugal. Até aí, nada de mais. É mesmo muito bom ter-se um pai lá pela Europa, a fim de que, de quando em quando, possamos espairecer a trocar de ares sem maiores complicações de hospedagem. Mas sucede que o pai do Sr. Pimenta Machado entrou em negócios com o filho para a exportação de palitos para o Brasil. Também não há no caso nada a estranhar, sabendo-se que uma das maiores exportações lusitanas para o nosso país é o palito. Mas houve um equívoco dos diabos. O velho Pimenta Machado, por segurança, combinara mandar pequenina quantidade, a título de amostra, deixando ao filho o trabalho de colocar a mercadoria para maiores remessas. Aí é que começou a confusão. O velho Pimenta Machado perdeu a conta das amostras e enviou ao rapaz nada menos de 950 quilos de palitos, ou sejam 32.956 caixas, correspondentes a 2.354 encomendas! Assim também já era de mais. A Alfândega desconfiou da coisa. Era muito palito para simples amostras pelo Correio. Que viessem umas dez caixinhas, está bem. Mas cêrca de 33 mil?... E o caso foi bater na Justiça. O recebedor dos palitos entrou com um mandado de segurança para libertar a palitama. O processo seguiu seus trâmites legais até que chegou a vez de o Juiz Álvaro Teixeira Filho lavrar a sentença. E foi fatal: declarou que se tratava de fraude. O impetrante foi condenado nas custas em décuplo e levou uma lavagem inesquecível. Como vemos, nem sempre se iludem as autoridades, ficando os réus a palitar os dentes...



O CONTO DO NOIVADO



Vadico é um rapaz de Minas. Um dia se enamorou de certa mocinha de Lagoa Santa, no mesmo Estado, e ela correspondeu-lhe aos afetos. Depois de rápido namôro, contrataram casamento. Noivos, Vadico começou a "sacar" por conta do futuro, alegando que acertaria depois na "comunhão de bens". A jovem, que o amava perdidamente, não teve dúvidas e forneceu por conta da futura "comunhão de bens", mais de sessenta contos de réis em moeda batida e legal da República. Mas um dia a coisa estourou mesmo. Soube ela que o seu Vadico era noivo de outra lá na Pampulha. Lugar poético, com um lago artificial que constitui o orgulho dos belorizontinos, Vadico se entregava às suas líricas contemplações da beleza da vice-noiva e do panorama cheio de encantos que cercava os seus sonhos de noivo feliz. Com o dinheiro da outra de Lagoa Santa êle conseguiu aparentar elevadíssimo nível de vida folgada. Até um automóvel comprou para passear com a da Pampulha, nas horas vagas de Lagoa Santa. Mas um dia lá se foi tudo quanto o Vadico fiou. A noiva que lhe fornecia dinheiro denunciou-o. O caso foi parar às mãos do Juiz da Primeira Vara, dr. Cintra Neto, e o noivo quase polígamo compareceu ao banco dos réus. Não podendo defender-se com argumentos e provas capazes de livrá-lo da denúncia, foi condenado a quatro anos na Penitenciária das Neves e multa de dez mil cruzeiros. E o juiz ainda o xingou: "O senhor agiu como um lagarto, revelando perversidade, vilania e depravação".



EM SAINT PAUL, Minnesota, Estados Unidos, foram dados os inícios à construção de vários apartamentos, mas sob aspectos inéditos em matéria de imóveis. Ordinàriamente os edifícios começam por outra forma, enquanto êstes de que damos aqui uma fotografia, tiveram como pedra fundamental a instalação das serventias sanitárias. Colocados os canos de esgôto e nivelada a aparelhagem «privada», o operário olha lá de baixo como quem está achando muito difícil de uma pessoa normal poder servir-se sem muito trabalho. Estão começando pelo fim.



ÊSTE HOMEM MORREU durante cinco minutos. Chama-se Frederick Sanders e reside em Philipsburg, New Jersey, Estados Unidos. Mr. Sanders tem quarenta e nove anos de idade, e, ao submeter-se a uma operação no hospital «Warren», teve uma queda de coração, deixando o mesmo de pulsar durante cinco minutos. O cirurgião Homer Bloom interveio imediatamente e procurou salvá-lo, abrindo-lhe a caixa toráxica e aplicando sôbre o coração uma massagem muito viva. O processo de ressurreição de um «morto» em tais circunstâncias não é novo, nem foi o dr. Bloom o primeiro a consegui-lo. Muitos médicos já obtiveram êxito seguro com massagens, restaurando a circulação.

O QUE É O GUARDA CIVIL . . .

(Cont. da pág. 30)

minalistica, Medicina Legal, História e Geografia, etc.

Porém, quase tudo isso é novidade, pois a guarda civil sempre lutou com dificuldades, no que diz respeito a verbas. Antigamente, o ingresso às suas fileiras era muito simples e por duas razões básicas. Primeira porque os guardas eram muito mal pagos — e hoje, não pense o leitor que ganham fortunas — e, segunda, porque não dispunham dos meios atuais para adestrar seus homens. Hoje os guardas vão à aula, aprendem a lidar com o povo, conhecem até aonde vai a fôrça da lei e os direitos de qualquer cidadão. Agem com certeza, têm confiança em si próprios, graças ao que, gozam de ótimo e único conceito entre a população.

E é por isso que se você passar por uma escola da capital paulista poderá ver dezenas de crianças rodeando um dêsses veteranos da Guarda Civil. Êle, geralmente um homem de idade, acarinha, paternalmente, a gurizada. Conversa, dá-lhes as mãos, pára o trânsito e, com os pequerruchos grudados à sua túnica, atravessa a rua, paralisando o tráfego de veículos.

Em outro ponto da cidade, você encontrará outro miliciano atendendo cortêsmente a um cidadão do interior, ou explicando ao turista americano quanto lhe irá custar uma corrida de táxi do aeroporto à cidade.

Nos locais de crime, nos locais de acidente, nos bairros distantes, nos dias de sol e de chuva, haverá sempre um guarda por perto zelando pela segurança do cidadão, que tanto confia nêle.

E sabe por que há essa confiança? Porque desde pequeno o paulista se habitua a apelar para os guardas, quando sai da escola e atravessa uma rua. Vê na austera farda de botões brilhantes o grande amigo das crianças, a sua segurança. E o paulista cresce assim, amigo dos guardas e temeroso de outros policiais. Hoje, quando uma mãe quer assustar um filho, já não fala mais na "cuca" nem no "bicho papão" mas sim no soldado. Os tempos mudaram mas se você disser a uma criança que vai chamar um soldado para prendê-la ela lhe dirá que o Guarda Civil, seu amigo da porta da escola, não deixará.

E nos dias que correm é confortador vermos que em uma cidade como S. Paulo ainda há em quem confiarmos. Isso porque êles são tão civis como nós, têm famílias, moram em casas e não em quartéis e deveriam, mesmo, merecer dos Poderes competentes, maior apoio e mais respeito por parte de muitos populares que ainda não chegaram a compreender a extensão da obra do guarda, êsse abnegado.

J U I Z E S . . .

(Cont. da pág. 57)

Prosseguem os inquéritos sôbre a atuação do juiz que até bem pouco tempo era chamado de "Vasco da Gama Malcher", porque, segundo declarou a amigos, em 40 jogos do Vasco em que êle apitou, o grêmio cruzmaltino só perdeu três. O Vasco estivera invicto nas suas arbitragens 32 partidas até a partida em que foi derrotado pelo América em São Januário.

DE JOGADOR A JUIZ

Gama Malcher tem uma longa história esportiva. Foi jogador, tendo defendido as camisetas do Flamengo e do Botafogo, de 1934 a 1938. Foi campeão em 1936 pelo rubro-negro e duas vêzes vice-campeão pelo Botafogo na mesma categoria. Em 40 foi convocado pelo Exército. Foi servir no Pará e lá começou a apitar. Ser juiz de futebol já é uma tradição na sua família. Seu pai foi árbitro e seu tio apitou até a bem pouco tempo na Itália. Em 47, Carlito Rocha, então diretor do Departamento de Árbitros, trouxe-o para apitar jogos do campeonato carioca. Estreou num prélio decisivo do Torneio Municipal, entre Vasco e Fluminense, no qual o Vasco foi o vencedor por 3x2. Num jôgo entre Bonsucesso e Fluminense, um torcedor mais apaixonado, na saída do campo, quebrou-lhe a cabeça com uma barra de ferro. Ficou muito tempo no Hospital. Quase desistiu da carreira. Como juiz fica sujeito à parcialidade da torcida, dos jogadores e técnicos, como aconteceu em 48 no jôgo Nacional x Colo-Colo, no torneio dos campeões, quando teve que sair fantasiado de jogador do Nacional, de Montevidéu, a fim de que não fôsse agredido pelos torcedores chilenos, porque deixara de marcar um "penalty" pedido pelos fãs do Colo-Colo. Em 49, no jôgo Brasil x Uruguai, pelo sul-americano, quando Flávio Costa criticou-o, chamando-o de "palhaço", quase houve, entre os dois, uma cena de pugilato. Êste ano, na Copa Rio, quando marcou, no último minuto, um "penalty" contra o Juventus, da Itália, que foi transformado num "goal" de empate do Áustria, o goleiro Viola e o arqueiro Mucinelli tentaram agredi-lo e passaram a noite no xadrez.

COMO GANHAR NAS CORRIDAS

Gama Malcher, fora do futebol, é bancário, trabalha no Banco da Borracha, onde ganha mais do que como juiz de futebol. Dizem os amigos que joga nas corridas por esporte, desde 1932. A sua predileção são as acumuladas e os "bettings". Tem amigos, donos de cavalos, que lhe fornecem boas informações. O repórter, semanas antes do incidente do jogo Vasco x Flamengo, viu quando numa roda de cronistas, Malcher mostrou a escritura de um apartamento comprado com 270 mil cruzeiros ganhos em 2 "bettings": 150 mil no sábado e 120 mil no domingo.

A MORAL DA HISTÓRIA

Outras histórias iguais à de Gama Malcher os leitores ainda verão no futebol carioca, porque ainda não apareceu o clube que se conformasse com a derrota e aceitasse a atuação do juiz como boa, pois ainda falta muita educação esportiva aos jogadores, torcedores e, principalmente, aos dirigentes.

PODEREMOS TER . . .

(Cont. da pág. 7)

em São Paulo, concluindo-o em 1939. Em 1941, ingressou no Departamento de Física da Faculdade de Filosofia da Universidade de São Paulo, diplomando-se bacharel em física, em 1943. Em 1944, foi nomeado assistente da cadeira de física teórica e matemática, regida pelo prof. Gleb Wataghin, fundador daquele departamento.

Em janeiro de 1946, seguiu para Bristol — Inglaterra, contratado pela Universidade de Bristol, contrato êsse conseguido por influência do prof. Giuseppe P. S. Occhialini. Trabalhou, então, no H. H. Wills Physical Laboratory, juntamente com C. F. Powell e Giuseppe Occhialini.

Em 1947 veio, a mando do Wills Physical Laboratory, à América do Sul, a fim de expor chapas fotográficas nos Andes Bolivianos. Retornou então à Inglaterra, onde, examinando as chapas expostas na Bolivia, descobriu a existência dos mesons pesados, em colaboração com Powell e Occhialini. Durante sua estada na Inglaterra, entre outros trabalhos, publicou, com Ochialini e Powell, "Observation of the Mass of Charged Mesons by Grain Counting"; e com Occhialini, "Determination of the Energy and Momentum of Fast Neutrons", e com Occhialini, Powell e H. Muirhead, "Processes Involving Chared Mesons". Êstes trabalhos foram publicados em "Nature" e nos "Proceedings of the Physical Society of London".

Lattes aperfeiçoou o método das chapas fotográficas e empregou-o, também, na investigação da Radioatividade do Samarium, trabalhando, então, com P. Cuer e E. Samuel.

Entre outros dos seus trabalhos citam-se "Range — Energy Relation for Protrons and Alpha-Particles in the New Ilford", "Nuclear Research Emulsions", com P. Cuer e P. H. Powell, "Classical Theory of Point Particles With Spin", com M. Schemberg e W. Schutzer e "A Study of Nuclear Transmutations of Light Elements by Photographic Method".

Em setembro de 1947 compareceu ao Congresso de Física Teórica, realizado em Burningham, In-

(Cont. na pg. 51)

SABÃO RUSSO







Em 3 tamanhos

Líquido, sólido e bastões para barba

Limpos os póros com a antisetica espuma do supremo SABÃO RUSSO, a cutis se conserva sã, fina e com o aspecto juvenil.

Êste sabão puro cientificamente preparado com escolhidas substâncias medicinais as mais afamadas, é a base do tratamento da pele.

SABÃO RUSSO desde 1830 ao serviço da higiene, saúde e beleza.



QUER SER ESCRITOR?

Inscreva-se no CURSO DE LITERATURA, ESTILISTICA E PORTUGUÊS por correspondência, sob a direção de RENATO DE ALENCAR. — Cartas: Avenida Rio Branco, 117 — sala 305, para remessa do programa

DESAJUSTADO SOCIAL

A história dos juizes é tão velha como o mundo. Impossível é agradar a gregos e troianos. O problema da arbitragem nasceu com o futebol. Dizem, porém, que nos trópicos as paixões são mais ardentes, mais inflamadas e daí os excessos. A verdade é que entre nós ainda não existe em escala maior o que torna o esporte bonito, o "fair-play", ou seja o espírito esportivo, e no caso poucos são os que sabem perder.

O JUIZ PAGA O PATO

A eterna vítima das derrotas é o juiz. O árbitro de futebol é quem carrega a cruz. O tempo das invasões de campo, para vingar fisicamente nos apitadores as derrotas dos clubes, passou desde o dia em que se tomou a providência de cercar os campos com "alambrados", altas cêrcas de arame. Assim mesmo, êles estão expostos à fúria das torcidas em função da fôrça com que as garrafas e laranjas são arremessadas.

UM QUARTETO INGLÊS SOLUCIONOU A QUESTÃO

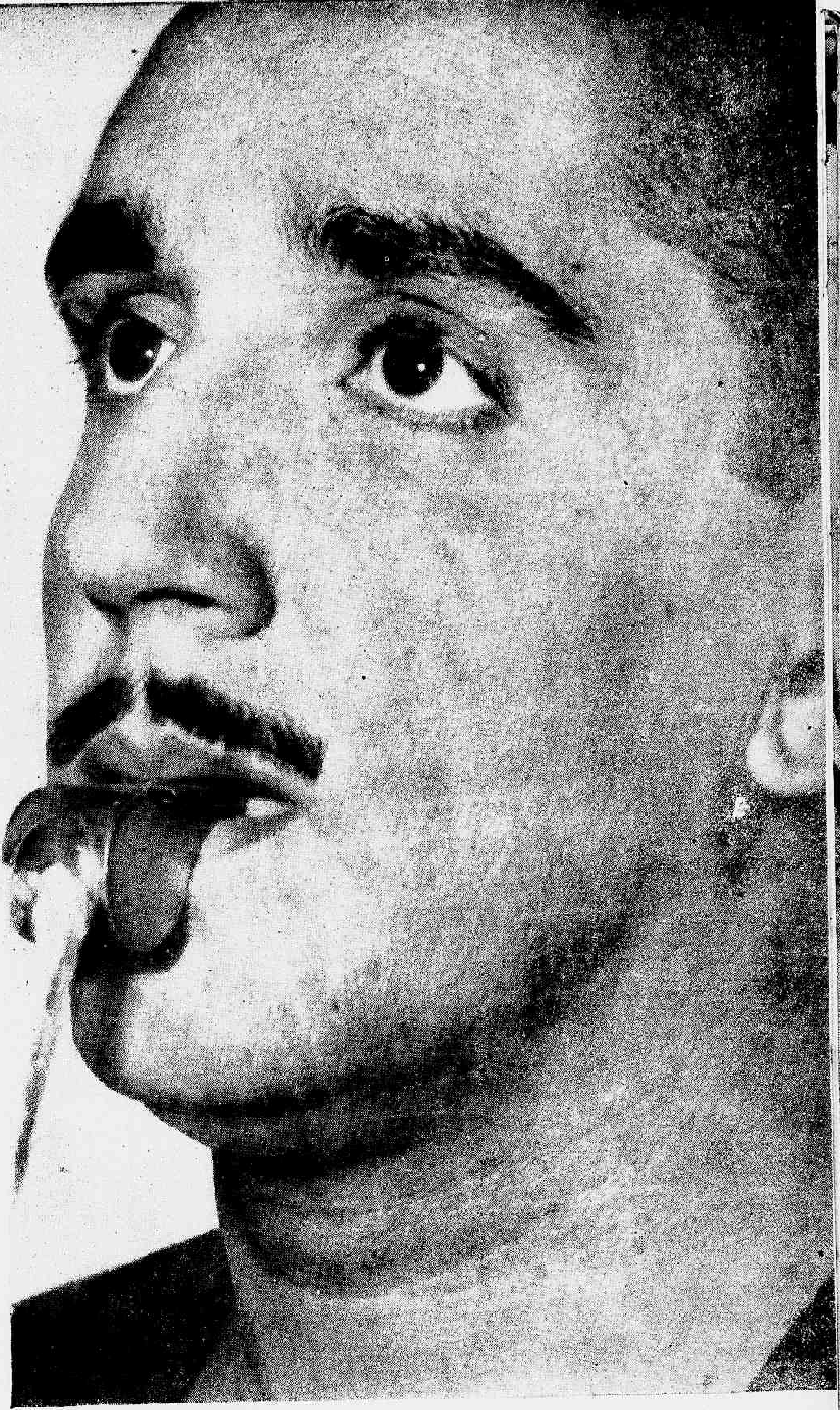
O problema dos árbitros chegou quase a ser solucionado há alguns anos no futebol carioca, graças a importação de quatro apitadores inglêses que marcaram época com as suas atuações. Na temporada dos "misters" diminuiram sensìvelmente os incidentes futebolísticos tão comuns até então nos campos cariocas. Mr. Barrick, Mr. Ford, Mr. Lowe e Mr. Divine, sem dúvida, um quarteto que impôs respeito às leis internacionais de futebol, porque os clubes não podiam dizer que os citados cidadãos torciam por esta ou aquela agremiação. Depois, por qualquer motivo, não puderam voltar e, em seu lugar, vieram outros patrícios, mais fracos tècnicamente, e que não puderam impor o mesmo padrão de disciplina.

A COTAÇÃO DOS NACIONAIS SUBIU

A presença dos britânicos serviu para valorizar a "prata da casa", o trio Carlos de Oliveira Monteiro, Mário Viana e Alberto da Gama Malcher, que foram igualados aos seus colegas inglêses, inclusive na parte financeira. Verificou-se, então, que os nossos juizes não eram melhores, nem piores, apenas iguais aos que vieram do país do futebol. Faltava-lhes apenas a confiança dos clubes, dos onze que formam a primeira divisão da Federação Metropolitana e, justamente por serem nacionais, eram relegados a um plano secundário, porque os dirigentes achavam que cada um tinha simpatia por um escudo.

FUGA A INDISCIPLINA

Nesta temporada foi difícil trazer juizes da Inglaterra. Durante a excursão dos clubes brasileiros à Suécia, descobriu-se um novo filão de árbitros impassíveis: os juizes suecos. A entidade paulista importou cinco de uma vez, e os cariocas, que chegaram tarde, só conseguiram dois. Um ficou tão apavorado com o nível disciplinar, que voltou às pressas ao seu país. O outro, mais calmo, ficou. Foi-se Nylen e ficou Westman. Os nacionais subiram de cotação, mas certos jogadores e outros tantos diretores acham que podem contrariar a International Board, não considerando o juiz como



JUIZES "ÊSSES LADRÕES!"

a autoridade máxima em campo, e daí os incidentes e os casos de tanta evidência, como ùltimamente o de Alberto da Gama Malcher, tudo porque anulou um "goal" do Vasco no célebre jôgo em que o Flamengo, depois de sete anos, conseguiu vencer o seu tradicional adversário.

UM "OFF-SIDE" PROVOCA UM CASO

Aconteceu na tarde de 16 de setembro, no estádio do Maracanã, aos 20 minutos do segundo tempo,

AS TORCIDAS INSATISFEITAS ★ OS INGLÊSES RESOLVERAM O PROBLEMA DAS ARBITRAGENS ★ VALORIZAÇÃO DOS NACIONAIS ★ O JUIZ SUECO FOGE DO INFERNO ★ UM LANCE PROVOCA UM CASO SENSACIONAL ★ DE "VENDIDO" A "INFELIZ" ★ A BOLINHA DO SORTEIO PERSEGUIU O VASCO ★ TURFISTA, SINÔNIMO DE "DESAJUSTADO" ★ MALCHER GANHA FORTUNAS NO JOCKEY

Reportagem de LEVY KLEIMAN
Fotografias de JOSÉ SANTOS

logo após o segundo "goal" do Flamengo contra o Vasco, quando o "placard" fixava 2x1. Num ataque do Vasco, pela direita, Tesourinha centrou e o "bandeirinha" acenou impedimento do atacante que correu para apanhar a bola. O juiz Gama Malcher, antes da marcação do tento, apitou a infração, baseado no depoimento do juiz de linha. Os vascainos não se conformaram. Seguiram-se as costumeiras cenas de reclamação, durante as quais o centro-médio Danilo ofendeu o juiz, sendo expulso de campo.

APESAR de escoltado por mais de 20 policiais à saída do jogo Bonsucesso x Fluminense, um indivíduo furou o bloqueio e agrediu Malcher com uma barra de ferro.

ADJETIVOS POST-DERROTA

No vestiário, depois do jôgo, os dirigentes do Vasco, inconformados com a surpreendente derrota, mesmo porque os catedráticos acham impossível uma vitória do Flamengo, levaram o juiz à cruz nas declarações aos jornais e emissoras. Foi classificado de ladrão para baixo. Na alucinação do revés, os diretores do Vasco não encontraram meios têrmos, e na pesquisa dos jornais da manhã seguinte encontramos estas frases: para José Amaral Osório: *simples ladrão!* Para Eurico Lisboa, diretor de futebol: *Vendido! Vendido! Vendido!* Para Artur Fonseca Soares: *Como era possível um juiz que ganha oito mil cruzeiros mensais perder quarenta mil cruzeiros nas corridas num dia!* E o presidente do Vasco, Coronel Otávio Póvoa: *Eliminação para Gama Malcher! Não é mais possível tolerar essa situação. Por mais de uma vez aceitamos os prejuízos das atuações do juiz Gama Malcher, como, por exemplo, no ano passado no jôgo Vasco x América, como simples "infelicidade". Trata-se de defender o interêsse de milhares e milhares de pessoas e entidades contra a incapacidade funcional de um indivíduo. E ninguém estará mais à vontade para assumir uma atitude desta do que eu, que sempre defendi e prestigiei o juiz Gama Malcher.*

O JUIZ NÃO ADMITE ATAQUE À SUA MORAL

O juiz defendeu-se e afirmou: E' possível que eu tenha agido com infelicidade no lance. Mas posso assegurar que a posição de Friaça, ao receber o passe de Tesourinha, era irregular. De todos os comentários que têm surgido a meu desempenho, o que mais me chocou foram as insinuações sôbre a minha vida particular. Não é uma partida de futebol que há de servir como motivo de mancha na minha vida particular e pública. O esporte é assim mesmo. Tive a infelicidade de marcar um impedimento — que a meu ver existiu — para que passasse a ser "ladrão" e merecesse outros adjetivos ofensivos a uma pessoa de bem.

O SORTEIO É CONTRA O VASCO

Por causa desta entrevista o juiz foi suspenso por vários dias e, por coincidência, na rodada seguinte, tornou a ser sorteado para um jôgo do Vasco, mas impedido de atuar por ter sido afastado do quadro de árbitros. Na outra semana o sorteio tornou a indicar Gama Malcher para mais uma partida do Vasco, esta contra o Botafogo. A sua atuação foi boa mas, antes do jôgo, os defensores do Vasco foram chamados à atenção pelo árbitro, o que levou a diretoria do Vasco a fazer nova pressão, pedindo o seu afastamento, com o que não concordaram os outros clubes.

NEOLOGISMO ESPORTIVO

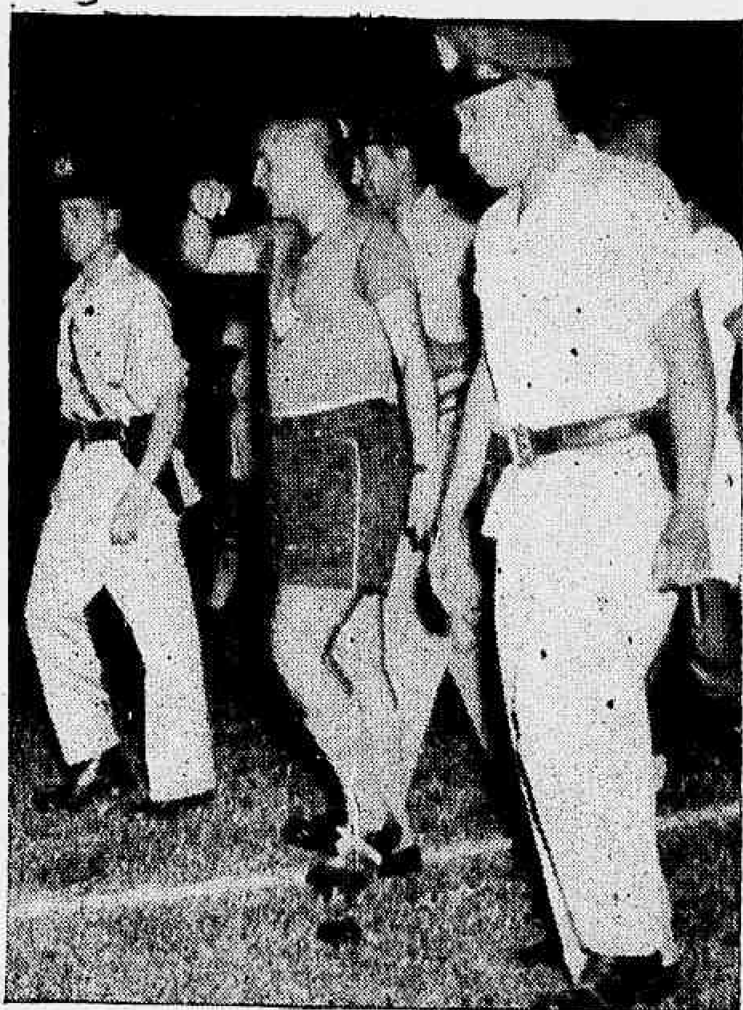
Dias depois do jôgo surgiu uma nova entrevista do presidente do Vasco, fixando-se ainda no tema de que Gama Malcher àpostava muito em corridas de cavalo, que até um locutor lhe fornecia os resultados dos páreos durante as partidas, e que êle,



MALCHER e Danilo, os «pivots» do mais recente caso, durante o Vasco x América de 50.



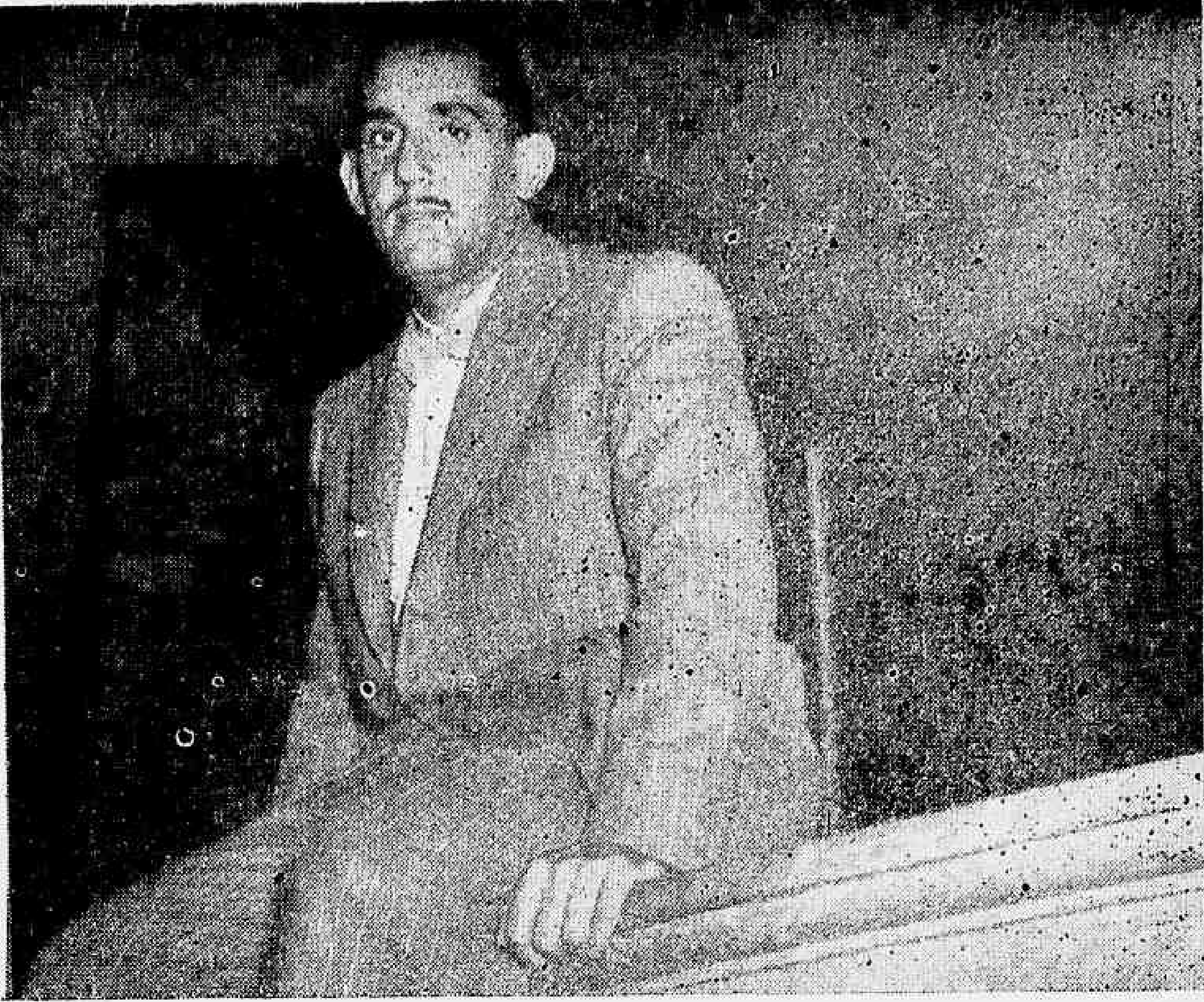
NÃO ADIANTA reclamar diz o juiz após anular o 2º goal do Vasco contra o Flamengo.



DEPOIS para sair de campo, Gama Malcher teve que ser garantido pela Polícia Especial.



FORA DO FUTEBOL, o mais discutido árbitro dos últimos tempos é bancário. Ganha mais do que como juiz de futebol, e como tal não percebe pouco.



FUNCIONÁRIO do Banco da Amazonia, ex-Banco da Borracha, nas horas vagas dedica-se a arbitragem dos jogos de futebol: 8 mil cruzeiros mensais.



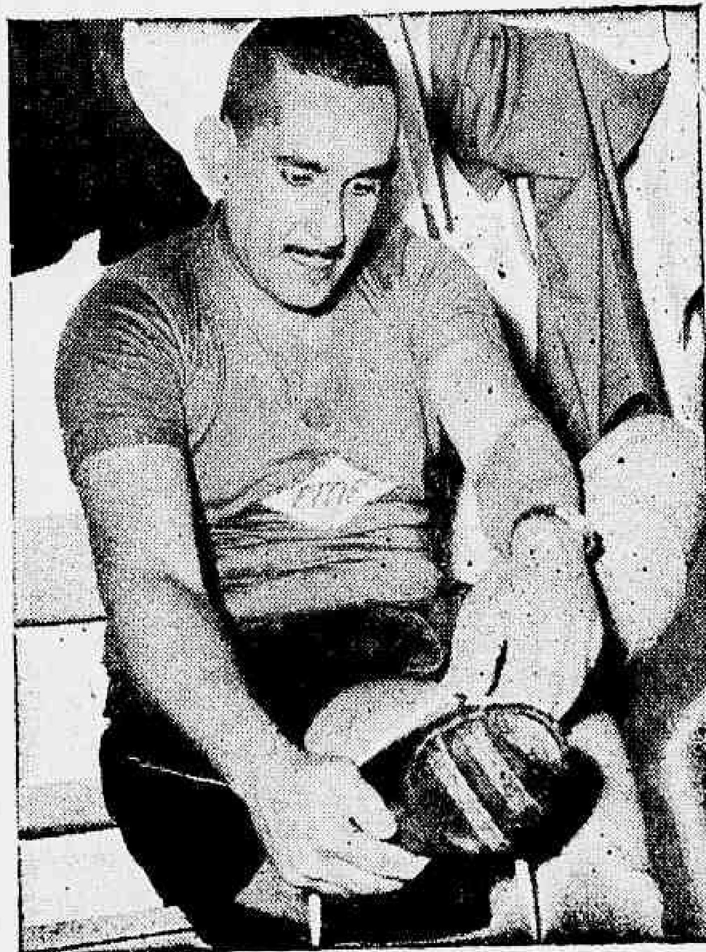
TUDO ERA rosas antes do jôgo Flamengo x Vasco. Os capitães Augusto, do Vasco e Bria, do Flamengo, trocam as costumeiras gentilezas, e depois...



O TRIO de juizes mais cotado do Brasil: Mário Viana, Malcher e Tijolo. O primeiro e o último foram os bandeirinhas de Malcher no Vasco x Botafogo.



ASSIM COMO o jogador de futebol, o árbitro também se prepara com apuro para apitar.



CALÇA TAMBEM as chuteiras como «palyers», porque terá que correr tanto quando êles.

por êste motivo, considerava-o um "desajustado social", portanto, nocivo na arbitragem de um jôgo de futebol. Há alguns anos, outro presidente do Vasco, Jayme Fernandes, pedia a exclusão de Mário Viana do quadro de juizes, por "insanidade mental". O árbitro n. 1 submeteu-se ao exame de sanidade mental e derrubou a pretensão dos vascainos. Antes, outros árbitros, como Carlos de Oliveira Monteiro e Solon Ribeiro, foram ameaçados de "excomunhão" pelo poderoso clube da colina de São Januário.

FOTOGRAFIA SENSACIONAL

O neologismo "desajustado social" no dicionário futebolistico quase levou o Jockey Club a processar o presidente do Vasco, que assim classificava graciosamente os turfistas. Gama Malcher, falando numa roda à porta do Cineac, disse a amigos: Somos "desajustados sociais", porque foi o presidente do Vasco que me convidou, durante o Torneio dos Campeões em Santiago do Chile, a ir a um hipódromo em sua companhia e de Danilo. Tenho uma fotografia de nós três no citado prado, que vários jornais já me quiseram comprar. Vale ouro. Vários advogados me procuraram, oferecendo-se para processar os meus detratores.

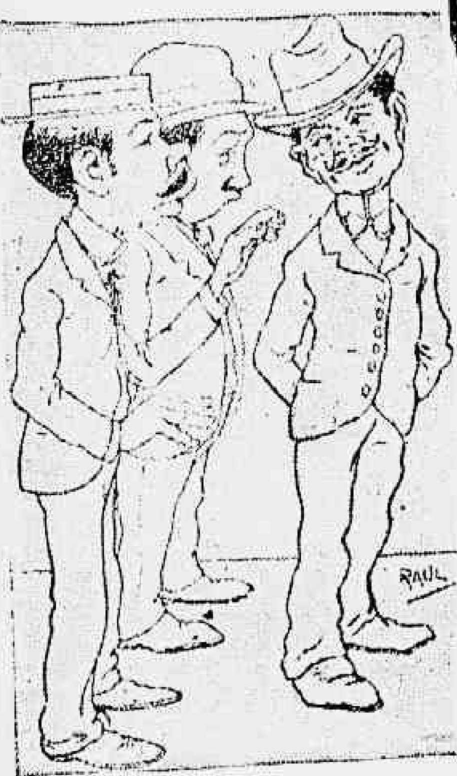
VASCO DA GAMA MALCHER EM 37 JOGOS

O caso Vasco x Gama Malcher está em andamento. Vai dar ainda muito pano para mangas.

(Cont. na pág. 54)

A REVISTA Há 50 anos

(Domingo, 27 de outubro de 1901)



— O senhor pode tirar uma dùvidazinha?

— Pois não.

— Dizer ao certo de onde é natural o Santos DUMONTE.

— O Santos DUMONTE? Do Monte Santo...

POR ÊSSE MUNDO

O imperador Guilherme II fêz presente a seu tio Eduardo VII, de Inglaterra, de um serviço de prata e ouro, para jantar, de grande valor artístico.

★

SEGUNDO as últimas estatísticas, a indústria do charuto nos Estados Unidos duplica os seus produtos de ano para ano. Os norte-americanos fumam bastante charutos.

★

NICOLAU II não é o primeiro Imperador da Rússia que se hospeda no castelo de Compiégne. Foi naquele palácio que, em 1814, Luís XVIII e Alexandre se encontraram pela primeira vez.

TEATROS

★ Teremos esta semana a reaparição, no Sant'Ana, do velho drama de D'Ennery «As duas órfãs», que a companhia Dias Braga representa, cremos que desde que o velho e distinto ator se fêz empresário há 20 anos, sempre com grande agrado das platéias do norte ao sul do país. Brevemente, nesse teatro, teremos o drama de Eduardo Vitorino «Pedro «Alvares Cabral», representado com grande sucesso na Bahia.

★ No Recreio, representou-se «A Pérola», de Marcelino Mesquita, que levantou grande polêmica por ter sido rejeitada no Teatro Normal, de Lisboa e depois levada à cena no Teatro Príncipe Real. Agradou bastante entre nós, e Cinira Polonio num papel cheio de lances e de difícil interpretação, destacou-se notàvelmente, sendo alvo de justas e ruidosas manifestações. Já o público de Lisboa a consagrou nessa modalidade nova do seu talento, gênero «A Dama das Camélias». Os demais artistas deram um conjunto muito rasoável, apesar de, em sua maioria, não se acharem habituados ao drama e alta comédia, bases em que assenta a famosa peça de Marcelino Mesquita. Cinira Polonio é considerada em Lisboa a atriz que melhor sabe vestir e apresentou magníficas «toilettes».

★ No Apolo tivemos a «reprise» de «Barba Azul», em que muito brilharam Palmira Bastos, Alfredo Carvalho, Corrêa e Gomes.

★ O «Moulin Rouge» e a Guarda Velha continuam variando diàriamente seus programas, atraindo por isso grande concorrência. São dois pontos onde a mocidade carioca se diverte à grande e aprecia lindos palminhos de rosto.

NOTICIÁRIO

OS dois mais pitorescos pontos da cidade, atualmente, são a Vila Ipanema, em Copacabana, que é um dos mais futurosos de nossos bairros e Paineiras, na Estrada de Ferro do Corcovado. Ambos são especialmente procurados hoje pelos habitantes da cidade, em virtude de suas excelentes condições de salubridade. Copacabana, principalmente, promete ser um bairro muito freqüentado futuramente.

★

ESTÁ em crise aguda o comércio de diamantes; a causa, dizem uns, é a guerra sul-africana; mas outros atribuem-na aos especuladores que açambarcaram todos os diamantes para que tenham maior valor. O principal mercado é em Londres e o maior açambarcador o famoso Cecil Rhodes.

★

A visita de Nicolau II à França, a revista da armada, as manobras de Reims e as festas de Compiégne, ocuparam durante quase todo o mês de setembro a atenção dos parisienses, que se mostram idólatras pela aliança franco-russa, como uma sólida garantia de paz e de tranqüilidade. Houve grandes recepções de gala em Dunquerque e Compiégne. Sendo a Tzarina apaixonada pelo branco e côres claras, muito naturalmente tôdas as senhoras encarregadas de fazer-lhe as honras na França, procuraram seguir essa inclinação. Muito «chic» a Tzarina das Rússias.

CÚMULOS

Da antecipação: uma moça ter presente o seu futuro.

Do ostracismo: um cavalheiro preterido alimentar-se de ostras.

Da sensibilidade: chorar sôbre as cinzas do fogareiro.

Da paciência: ir à Grécia de propósito para ver uma grega de vestido.

HUMORISMO

Um recruta pede licença ao capitão para ir ver uma tia que está à morte.

— Vá, responde o capitão: mas se daqui a três dias ela não tiver morrido, meto-o no calabouço!

A CÊNTENA DO CAVALO

EM dias da semana passada, o sr. Cicero Heredia, ex-suplente de delegado, procurou o dr. Enéas Ferraz, 1º delegado auxiliar, queixando-se de que um seu amigo, de nome Bastos, banqueiro do jôgo dos bichos, estabelecido à rua do Lavradio, antigo Frontão Velocipédico, se achava ameaçado de morte por diversos indivíduos, que diziam ter ganho um conto quatrocentos e sessenta mil réis na centena do cavalo. A autoridade, claro está, ouviu serenamente o queixoso, no que já lhe fêz grande favor, e, em seguida, mandou-o pregar a outra freguesia. Mas, pelo simples fato da queixa, poderão os leitores fazer uma leve idéia da competência moral e profissional dos funcionários policiais desta abençoada Guanabara, dos cidadãos a quem a lei confia a inviolabilidade das nossas fechaduras, o sossêgo das nossas casas, a repressão e prevenção dos delitos. Porque o sr. Cicero Hereida, reparem bem, já foi autoridade, já teve a faca e o queijo na mão, já pôde multar e prender, esbordoar e tudo isso êle fêz e tudo isso êle deixou de fazer no dia em que foi demitido sem que, durante êsse intervalo, conseguisse aprender esta coisa tão simples: que o jôgo dos bichos era uma instituição proibida.

Ora, como durante o tempo em que o sr. Cicero exerceu as suas nobres funções já existia e prosperava essa engenhosa maneira de limpar as algibeiras da humanidade e de certo o seu amigo Bastos já abraçara a carreira que ora lhe trouxe tão fundos dissabores, calculem os leitores como não teria sido severa a polícia da repressão do jôgo na circunscrição do sr. Cicero, principalmente quando se tratasse de proferir a última palavra entre a inquebrantável probidade do bicheiro da rua do Lavradio e os herdeiros do cavalo na respectiva centena.

Mas a ignorância do sr. Cicero ia mais longe. Para êle, o jôgo do bicho, longe de ser proibido, era uma instituição respeitável, digna de todo o amparo da lei.

. . . .

Ah, amigos meus, que se soubésseis como os Ciceros pululam nesta singular Sebastianópolis e a que tricas do azar andam sujeitas a liberdade e a propriedade de nós todos quantos a habitamos! Então dos pobres, dos humildes, dos que não possuem o mágico elixir que faz calar os escrúpulos... nem falemos. Seria um nunca acabar de iniquidades, um vergonhoso estendal de misérias. A nossa polícia, caros leitores, pode gabar-se de não ter rival no mundo civilizado. Há pior, há melhor, não há nenhuma igual.

"É nós que a ature"... como dizia o caipira...

JACQUES BONHOMME

REVISTA DA SEMANA

Redator-Chefe:
CELESTINO SILVEIRA

Chefe de Publicidade:
J. M. COSTA JÚNIOR

Paginação de
VICTOR TAPAJÓS

Diretor:
Gratuliano Brito

PUBLICAÇÃO DE ARTE, LITERATURA E MODAS

A decana das revistas nacionais. Premiada com medalha de ouro na Exposição de Turim de 1911 e com Grandes Prêmios nas Exposições de Sevilha e Antuérpia, em 1939, e na Feira intern. de S. Paulo em 1939

ASSINATURAS PARA O BRASIL E AMÉRICAS

Porte simples — Um ano	Cr$ 200,00
Seis meses	Cr$ 100,00
Registrada — Um ano	Cr$ 230,00
Seis meses	Cr$ 120,00

ASSINATURAS PARA O EXTERIOR

Registrada — Um ano	Cr$ 350,00
Seis meses	Cr$ 180,00

O número avulso custa Cr$ 4,00 em todo o Brasil; atrasado, Cr$ 4,50

CORRESPONDENTES — Na Bahia: J. Machado Cunha, avenida Sete de Setembro, 149, Cidade do Salvador, Bahia. Em São Paulo: vendas na Capital a cargo da "Agência Zambardino", à rua Capitão Salomão, 67.

Tem Agentes em tôdas as localidades do território nacional

REPRESENTANTES — Nos Estados Unidos da América do Norte: Aguiar Mendonça, 19 West Street, New York City, N. Y.. Na África Oriental Portuguêsa: D. Spanos, Cr. Postal 434, Lourenço Marques. Em Portugal: Helena A. Lima, avenida Fontes Pereira de Melo, 34, 2.º distrito, Lisboa. No Uruguai: Moratorio & Cia., Constituyente, 1746, Montevidéu. Na Argentina: "Interprensa", Florida, 299, tel. 32, Av. 9509, B. Aires.

Tôda correspondência deve ser endereçada ao Diretor. O corpo de colaboradores da RAVISTA DA SEMANA está organizado. Só publicaremos colaboração solicitada pela redação. Não devolvemos originais, mesmo quando não publicados. Os trabalhos assinados são de responsabilidade dos autores.

Êste número consta de 60 páginas

Propriedade da COMPANHIA EDITÔRA AMERICANA

Rua Visconde de Maranguape, 15 — Rio de Janeiro

TELEFONES:

Redação: 22-4447 ★ Publicidade: 22-9570 ★ Portaria: 22-5602 ★ Gerência: 228647 ★ Contabilidade: 22-2550

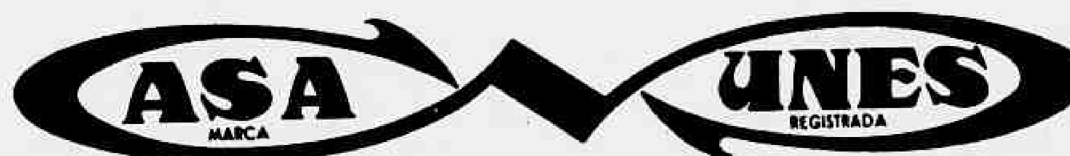


TAPETES E PASSADEIRAS DE FORRAÇÃO
EM CÔRES LISAS E COM FLORES

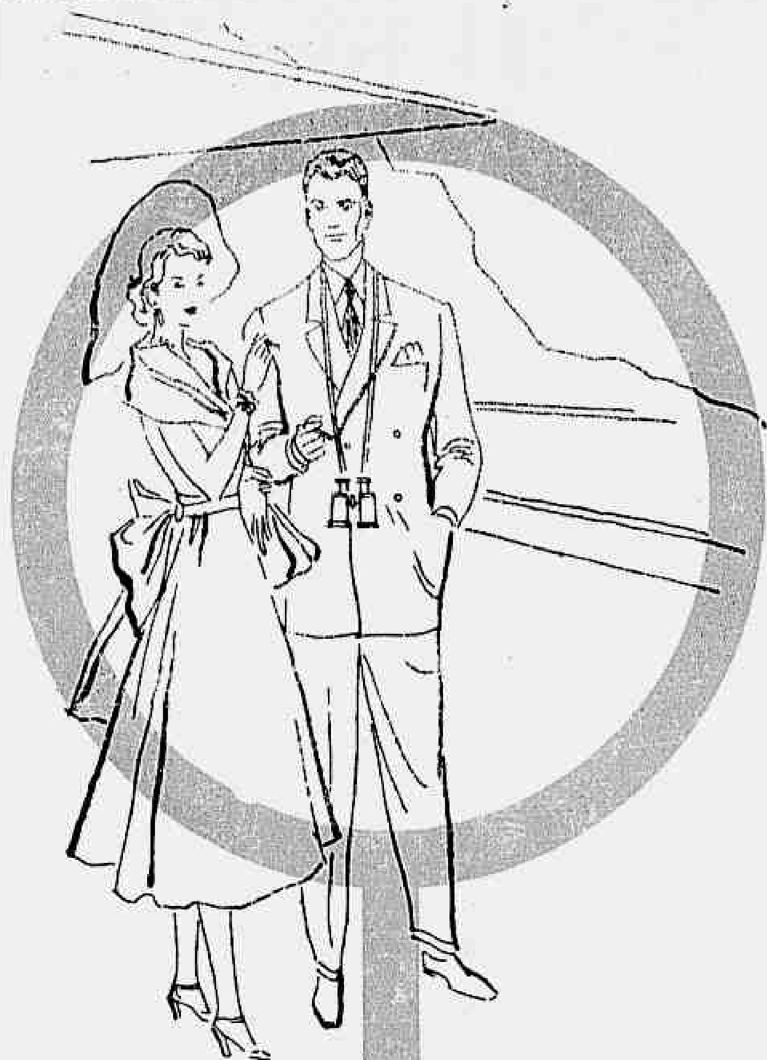


MÓVEIS E DECORAÇÕES
ORÇAMENTOS POR TÉCNICOS ESPECIALIZADOS

GRUPOS ESTOFADOS
ESPECIALIDADE
DE NOSSAS OFICINAS



65 — RUA DA CARIOCA 67 — RIO



é o fumante que faz o cigarro...

A consagração das pessoas de bom gosto - nas corridas e noutros pontos de reunião elegante - fez de Hollywood uma tradição da sociedade brasileira. Hollywood é mais procurado que todas as marcas da mesma categoria combinadas... E V. também há-de convir: Hollywood é o seu cigarro!



H.88.090

cigarros **Hollywood**

uma tradição de bom gosto



UM PRODUTO SOUZA CRUZ